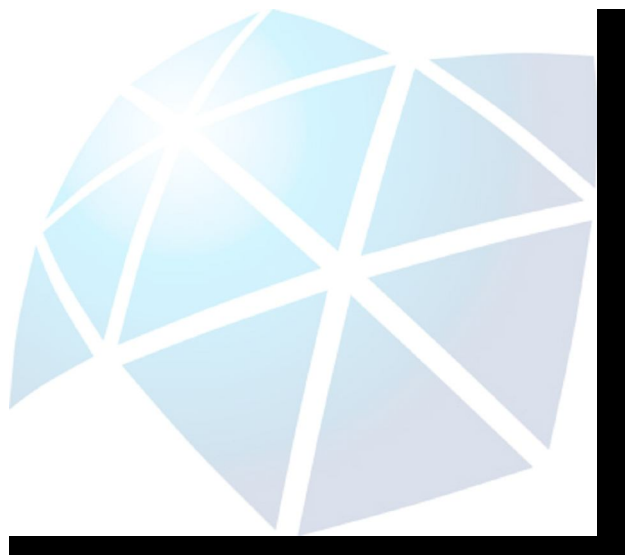


“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

**Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP**

ANA FERNANDA INOCENTE OLIVEIRA

O sentido da história para a École des Annales



ANA FERNANDA INOCENTE OLIVEIRA

O sentido da história para a École des Annales

Tese de Doutorado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Linha de pesquisa: Cultura, democracia e pensamento social

Orientador: João Carlos Soares Zuin

Co-orientador: François Hartog

Bolsa: CNPQ

ARARAQUARA – S.P.

2014

ANA FERNANDA INOCENTE OLIVEIRA

O SENTIDO DA HISTÓRIA PARA A ÉCOLE DES ANNALES

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em ciências sociais da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Linha de pesquisa: Cultura, democracia e pensamento social

Orientador: João Carlos Soares Zuin

Co-orientador: François Hartog

Bolsa: CNPQ

Data da defesa: 31/03/2014

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin

Universidade Estadual Paulista - FCLAr.

Membro Titular: Prof. Dr. Angelo Del Vecchio

Universidade Estadual Paulista - FCLAr.

Membro Titular: Profa. Dra. Renata Medeiros Paoliello

Universidade Estadual Paulista - FCLAr.

Membro Titular: Prof. Dr. Marcos Aurélio Valério

Universidade de São Paulo – Faculdade de Economia e Administração de Ribeirão Preto.

Membro Titular: Prof. Dr. José Luis Sanfelice

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico esta tese à Profa. Roseana Costa Leite

(in memoria) que permanecerá para sempre viva
pela força das palavras.

AGRADECIMENTOS

Endereço meus sinceros agradecimentos a todos que nesta caminhada me acompanharam, e me ajudaram, e me suportaram, e me toleraram, e me animaram, e me confortaram e comigo comemoraram...

Agradeço ao meu orientador brasileiro Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin, antes de mais nada, por ter aceito à tarefa de orientar este trabalho. Por ter sido sempre prestativo. Pela disponibilidade. Pelo apoio em diversos momentos de dificuldade. Pelas palavras. Pelo impulso inicial. Pela paciência. Por questionar. Por apontar caminhos. Por alargar. Pelas reflexões conjuntas. Por ter colaborado para o crescimento e maturidade desta pesquisa. Por ter colaborado para o meu crescimento. Pelo carinho. Pela sabedoria. Pelo exemplo. Pela amizade.

Ao meu orientador estrangeiro Prof. Dr. François Hartog que tão gentilmente me recebeu. Por ter me aberto todas as portas de que necessitava para a realização desta pesquisa. Pela paciência e compreensão com relação as dificuldades de adaptação. Pelos seminários e reuniões onde muito aprendi. Meu eterno agradecimento.

Ao Prof. Dr. José Luis Sanfelice, que acompanhou meu trabalho desde o mestrado até aqui. Pelos gestos e pela gentileza. Pelas aulas que enriqueceram meus caminhos teóricos. Pela paciência e compreensão. Por todas as grandes contribuições.

À profa. Dra. Roseana Costa Leite (in memoria), à quem devo a decisão de ter seguido carreira acadêmica. Por ter sido uma grande inspiração intelectual. Por ter acompanhado todo meu desenvolvimento no mundo acadêmico. Por ter me ensinado. Pelos exemplos. Pelas oportunidades. Por ter sempre incentivado. Pela amizade bonita. Pelos conselhos. Pela sabedoria. Pelas lembranças belas que ficaram na memória. Pelo carinho e pelo amor.

À profa. Dra. Renata. Pela doçura. Por aceitar fazer parte deste trabalho. Pelas grandes contribuições. Pela compreensão. Pela disponibilidade. Por apontar direções.

À profa. Sílvia. Pelo grande exemplo. Pelo trabalho bonito de dentro e fora dos muros da universidade. Pela ternura e simpatia. Pelas contribuições preciosas. Por fazer refletir.

Ao prof. Dr. Marco Valério. Por aceitar contribuir com esta pesquisa. Pela prontidão. Pela gentileza. Pela amizade.

Ao Prof. Dr. Angelo Del Vecchio pelo apoio sempre. Pelas contribuições acadêmicas durante este percurso. Pela disponibilidade e carinho dispensados.

Aos amigos/bibliotecários da FCL/Ar. Pela simpatia diária. Pela paciência. Pelo carinho. Por me ajudarem em tudo de que precisei. Pelos momentos de alegria que me proporcionaram a cada jornada de estudos. Pela amizade que permanece.

À CNPQ que financiou esta pesquisa no Brasil, e garantiu que ela pudesse ser realizada.

À Capes que financiou meu estágio no exterior e abriu todas as portas para que esta pesquisa pudesse ser realizada. Aos meus coordenadores da Capes que acompanharam diretamente meu trabalho e sempre foram muito prestativos, atenciosos e gentis.

Ao amigo bibliotecário da EHESS/Paris, Isaac Cortizar. Pelo carinho e pela atenção. Pela amizade. Por me ajudar sempre. Pela companhia agradável nas pausas para o café. Pela amizade.

Aos amigos bibliotecários da FCLAr: Ana, Lu, Sandrinha, Sílvia, Elaine, Zé, André. Pelo apoio diário. Pela companhia. Pela amizade. Pelo carinho. Pela paciência. Por terem sido parte importante desta minha caminhada.

Ao Prof. Dr. Enzo Traverso que me recebeu gentilmente. Que aceitou prontamente me encontrar para ajudar-me na construção da tese. Por ter me ensinado sobre a Memória. Por ter demonstrado ser mais que um grande intelectual, uma grande pessoa. Pela atenção, pelo carinho, pela amizade.

Ao Prof. Dr. François Dosse que também me recebeu pronta e gentilmente. Que me ensinou sobre os Annales e sobre Paul Ricoeur. Por ter colaborado grandemente para a pesquisa.

À Mehdi Anane. Pela relação que, subitamente, transportou-me do meu combate teórico para vivê-lo no cotidiano. Pelo crescimento. Pelo sentimento que me nutriu, e que se nutriu; que me fortaleceu, e que se fortaleceu em meio à guerra ideológica. Pela leveza que carrego hoje. Pelos preciosos momentos de amor e alegria que foram mais intensos que a dureza das palavras. Pelo carinho que ganhou espaço e hoje faz morada.

Ao amigo Felipe Brandi, companheiro de orientação na EHESS que se revelou um grande amigo. Por sempre se colocar à disposição para contribuir com a pesquisa e para todas as demais coisas do cotidiano. Por ter me ajudado imensamente e me confortado, mesmo antes de nos conhecermos pessoalmente, no momento que precedeu minha ida à Paris.

Ao amigo Fatih Tombuloglu da EHESS com quem dividi cafés, experiências e amizade. Eternamente grata pelo carinho de todos os dias.

Ao amigo Yann Gouget, companheiro de passeios e de livrarias. Pela paciência em me guiar, em me ensinar. Por ter dividido sua vida comigo e me ter permitido compartilhar a minha. Por ter vindo ao Brasil me visitar nas férias. Por fazer parte da minha vida. Pela amizade bonita que permanece.

Ao precioso e melhor amigo Guillaume De Bucy pela grande e cara amizade. Por ter sido meu grande e fiel companheiro sempre, sem o qual eu não teria sobrevivido em muitas situações. Por termos compartilhado nossos dias, nossas vidas, nossas dores e nossas alegrias. Pelas confidências. Por ter me defendido nos momentos em que eu estava mais vulnerável e não pude ser forte. Por chegar todas as manhãs com baguetes e pain au chocolat. Pelas jornadas pesadas de estudos em casa e na biblioteca. Por me acolher. Pelos discos e livros. Pela importância que possui em minha vida.

À amiga, grande amiga Roseli Reis que teve um papel fundamental na minha estadia em Paris e que mudou para sempre o rumo das coisas. Pela amizade profunda. Pelas trocas. Por estar ao meu lado nos momentos de maior conflito. Pela identificação. Pelo carinho e amor. Pelo apoio diário. Pelas intermináveis horas de conversa ao telefone. Por nunca conseguirmos chegar ao local de destino porque passamos tempo demais ao telefone planejando chegar. Pela companhia aos museus. Pela companhia nas manifestações. Pela companhia. Por não permitir que eu me sentisse sozinha e desamparada. Por tudo o que me ensinou. Por compartilhar sua vida comigo. Por fazer parte da minha. À quem devo muito do que sou hoje. Serei grata até meu último fôlego.

À Bia-Tulipa, amiga tão especial. Por esta amizade que é um precioso presente em minha vida. Por ter se revelado essa amiga tão especial e importante pra mim. Por contribuir. Por me fazer passar do choro à gargalhada. Pelo apoio durante toda essa minha caminhada. Pelo carinho diário, mesmo à distância. Por me acolher sempre. Pelos momentos de reflexão. Pelos momentos em que já não refletíamos mais. Pelos alegres momentos com écho. Por tornar meus dias imensuravelmente mais felizes, alegres e suportáveis. Por cuidar de mim. Pela solidariedade desmedida. Pela “força-tarefa”. Por atribuir sentido a este meu percurso. Pelas despedidas na rodoviária nos momentos da partida. Pelas boas-vindas na mesma rodoviária no momento da chegada. Por fazer parte de minha vida. Não tenho como agradecer tanto carinho e tanto amor. Obrigada pela amizade fidedigna.

À Rosemeire Salatinha, grande amiga e companheira. Pelo carinho. Pelo acolhimento. Pela amizade dedicada. Pelo cuidado e pela atenção sempre. Pelos momentos de compaixão. Por ter chorado junto. Por ter sentido junto. Por ter comemorado junto. Por ter simplesmente estado junto. Por toda ajuda logística. Pela paciência. Pelo companheirismo. Pela sensibilidade. Pela companhia. Pelas risadas. Pelos bons momentos. Por todos os momentos. Da mesma forma, pelas despedidas na rodoviária nos momentos da partida. Pelas boas-vindas na mesma rodoviária no momento da chegada. Por fazer parte de minha vida. Não tenho como agradecer tanto carinho e tanto amor.

À amiga Géssica pela força. Pelo companheirismo. Pela amizade. Pelos momentos de muita alegria. Pela parceria.

À Livia Maria que acompanhou esta caminhada de perto. Pelos desabafos. Pelas trocas. Pela companhia.

À família de coração Secatti. Pelo amor, pelo acolhimento, pelo cuidado. Por serem minha família. Por tudo o que fizeram por mim. Por incentivarem e acreditarem. Pelos incontáveis momentos compartilhados. Por fazerem parte da minha vida.

À Carol da Bizza. Por ser minha amiga-irmã. Pela amizade forte de longa data. Por me trazer alegria. Por cuidar de mim. Pelas madrugadas de estudos e comilanças desde a infância. Pelo que permaneceu. Pelo que mudou. Por estar na minha vida nos momentos mais tristes, me confortando, e nos momentos mais felizes comemorando. Por ter caminhado junto. Por nunca partir.

À minha irmã Adélia. Pela força. Pelo amor e pelo carinho. Pelo cuidado e pela preocupação. Por ter acompanhado toda minha trajetória.

À amiga Carol Trovo. Por ter sido um presente. Pela amizade. Pelas palavras. Pelos momentos compartilhados. Por se fazer presente. Pelo carinho.

À amiga Graci, por ser tão doce e especial. Pela amizade forte. Pelo amor.

À Marina, por ser amiga para todas as horas. Pelas longas conversas ao telefone. Pelas alegrias compartilhadas. Pela amizade verdadeira. Pelo amor.

Às amigas Natalia Burini e Cris Helena que tive a sorte e o prazer de conhecer, embora já no encerramento desta etapa, e que estiveram ao meu lado neste momento final amenizando as dificuldades com carinho e amizade.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo revelar as contribuições historiográficas da primeira geração da Ecole des Annales para compreensão da realidade social, buscando demonstrar qual o sentido da história para este movimento. Vai, ainda, ao longo do trabalho demonstrar a presença de elementos da primeira geração nas gerações atuais dos Annales. Por último, revelará a importância e atualidade que o novo campo semântico e a nova narrativa histórica proposta pela primeira geração dos Annales possui para a compreensão da realidade social dos dias de hoje. Procuramos aqui destacar como a narrativa de testemunho e a história das mentalidades na historiografia são a herança dos Annales (primeira geração), considerando e respeitados todos os diferentes rumos e caminhos tomados pelos posteriores diretores da corrente, mas ressaltando que elementos e noções introduzidas por Febvre e Bloch foram de fundamental importância para a construção de uma narrativa que procura compreender a realidade social, agora, à partir de uma visão mais global – a história total -, atendo-se não mais somente no fenômeno político mas, sobretudo, aos sujeitos, todos eles, responsáveis pela sua construção, incluindo em especial as “massas anônimas”. A pesquisa valeu-se da investigação de bibliografias dos historiadores vinculados à corrente historiográfica, bem como de seus intérpretes e, por último, de documentos de correspondências referentes à primeira geração. A investigação à partir das correspondências foi possível através de um estágio doutoral realizado na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales.

Palavras – chave: Annales; história; experiência; linguagem; memória.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
1 INTRODUÇÃO	5
2 CAPÍTULO 1 O sentido da História na Europa <i>fin-de-siècle</i>	16
3 CAPÍTULO 2 Os Annales e o Sentido da História no contexto das violências do século XX	47
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS Memória e Testemunho: o senso redirecionado	138
REFERÊNCIAS	157

APRESENTAÇÃO

O que se espera de um artigo, uma dissertação de mestrado, uma tese de doutorado, é que estes tragam já em suas primeiras linhas o seu objeto claramente definido.

A presente tese, pode-se dizer, pretendeu-se, na sua iniciante e incipiente forma de projeto, uma análise de uma corrente de pensamento francesa, a saber, a *École des Annales*. Corrente de pensamento esta que não só perpassa todo um século, o século XX, mas também o transpõe.

No entanto, durante as leituras da pesquisa, ao analisar o século XX para tentar compreender não só o surgimento da *École des Annales*, mas o senso da história tal qual é redefinido por esta corrente de pensamento nas suas diferentes gerações, ocorreu que talvez o que se estivesse realizando aqui fosse exatamente o contrário: a análise de uma corrente de pensamento que permitia a compreensão de todo o século XX e início do século XXI.

Desejar compreender a crise da história – bem como da historiografia – especialmente na sua atual forma ainda mais radicalizada, a que Dosse (1992) vai denominar “história em migalhas”, manifesta, na verdade, o desejo latente de entender um processo generalizado de mudança paradigmática, denunciado não só pelo surgimento da historiografia francesa no século XX – *École des Annales*, que se contrapôs à Historiografia Tradicional ou Historiografia Política; mas, denunciado também, pelo surgimento do movimento estético do Círculo de Viena – que se contrapôs ao Idealismo Alemão; pela Teoria Crítica da intelectualidade da Escola de Frankfurt que se contrapôs à Razão Instrumental; entre outros movimentos nas diversas áreas de conhecimento e na arte.

Estudar a *École des Annales* é, sim, compreender o senso da história para esta historiografia, mas é, sobretudo, compreender que ela revela, no interior de si, um processo de profunda crise e transição, característico do século XX. Crise da história, crise da historiografia, crise da cultura, crise da ciência, crise estética, crise da linguagem, crise literária, crise das metanarrativas, crise do conhecimento, por fim, uma **crise de referencial**. Que, por sua vez, revelaram-se reações ou representações diminutas de uma crise ainda maior, de ideologias e utopias que previram durante os séculos XVIII e XIX uma história da humanidade marcada pela existência de um progresso sempre contínuo aliado à promessa de um telos de paz e liberdade plena; mas que, por fim, foram apenas capazes de revelar a



realidade ainda mais bruta, mais violenta e mais devastadora das guerras, e da capacidade humana de efetuar catástrofes.

Emoções na montanha-russa, diria Sevcenko (2001, p. 12). Que em sua “[...] primeira fase até que tranquila [...]” põe-se a subir “[...] num ritmo controlado, seguro, previsível [...]”. Sim! Controle, segurança e previsibilidade que nos garantia tocar o céu. Este, segundo o autor, foi o período correspondente aos séculos XVI e meados do XIX, “[...] quando as elites da Europa ocidental entraram numa fase de desenvolvimento tecnológico que lhes asseguraria o domínio de poderosas forças.” (SEVCENKO, 2001, p.14), fossem elas naturais, materiais, tecnológicas, científicas e, inclusive, filosóficas.

Mas a subida constante, consistente e forte, que nos revela um “[...] céu aberto e sem limites [...]” (SEVCENKO, 2001, p.12), de repente é surpreendida por uma queda brusca e violenta. “[...] É o terror mais total [...]” (SEVCENKO, 2001, p.12). “É o caos, é o fim, é o nada.” (SEVCENKO, 2001, p.13). Esta é a fase em que, de queda vertiginosa, perdemos as “[...] referências do espaço, das circunstâncias que nos cercam e até mesmo o controle das faculdades conscientes [...]” (SEVCENKO, 2001, p.14). Mas eis que “[...] chega o solavanco de uma nova subida, não mais precisa e reconfortante como a primeira, agora mais um tranco que atira a gente para diante e para trás [...]” (SEVCENKO, 2001, p.13), garantindo-nos ao menos um outro olhar sobre a realidade.

Este é o momento histórico correspondente à chamada Revolução Científico-Tecnológica, “[...] no curso da qual se desenvolveram as aplicações da eletricidade, com as primeiras usinas hidro e termelétricas, o uso dos derivados de petróleo..., veículos automotores..., indústrias químicas..., e novos meios de comunicação [...]” (SEVCENKO, 2001, p.14). E, nos faz questão de lembrar o autor, que esse foi também o momento no qual surgiram os parques de diversões e “[...] sua mais espetacular atração, a montanha-russa, é claro [...]” (SEVCENKO, 2001, p.14). Porém, para Sevcenko (2001), um tolo engano!

Um novo mergulho fatal, diz o historiador, “[...] desta vez oscilando para a direita e a esquerda [...]” (SEVCENKO, 2001, p.13). Uma nova subida aos solavancos e, num instante, o precipício outra vez. Mas, agora, “[...] o carro chacoalha para os lados e arremete em curvas impossíveis, é total a certeza de que aquilo vai voar dos trilhos [...]” (SEVCENKO, 2001, p.13). A passagem para o século XX! A expansão das conquistas europeias e a confiança no progresso, que pareciam ter atingido seu ponto mais alto, agora mergulhadas “[...] no vácuo,



no espasmo caótico e destrutivo, o horror que engolfou a história: a irrupção da Grande Guerra descortinou um cenário que jamais se previra”. (SEVCENKO, 2001, p.15-16).

E, por fim, o *loop*!

Rodamos no vazio como um ioiô cósmico, um brinquedo fútil dos elementos, um grão de areia engolfado na potência geológica de um maremoto. Nada mais nos assusta. Ao chegar ao fim, desfigurados, descompostos, estupefados, já assimilamos a lição da montanha-russa: compreendemos o que significa estar expostos às forças naturais e históricas agenciadas pelas tecnologias modernas. Aprendemos os riscos implicados tanto em se arrogar o controle dessas forças, quanto em deixar-se levar de modo apatetado e conformista por elas. O que não nos impede de suspeitar das intenções de quem inventou essa traquitana diabólica. (SEVCENKO, 2001, p.13-14).

Ao mesmo tempo que esta pesquisa tem como objeto o estudo da corrente historiográfica dos *Annales* e como pano de fundo o século XX, ela também se realiza à partir do estudo sobre os complexos processos de crise do século XX e possui como pano de fundo a historiografia dos *Annales*. A verdade é que os dois momentos, sem precisa ordenação, estão consubstanciados na tentativa não só de compreensão de todo este processo - emanando a luz que nos permite orientarmo-nos rumo ao farol, onde outrora estivemos e/ou de onde paramos – mas, principalmente, na tentativa de sinalizar um caminho, para que, de onde estamos, possamos agora prosseguir numa direção ainda não trilhada.

Em outras palavras, mais que reportar à história para compreensão do presente, a intenção deste trabalho é contribuir para que neste momento em que estamos de *ponta-cabeça* no *loop* da montanha, com nossos referenciais também de cabeça para baixo, possamos compreender a importância da memória histórica e da e seu sentido no interior do processo histórico da humanidade, para então, atentarmo-nos para a possibilidade de que este é um momento de lançarmos à realidade, que nos está posta, um novo olhar, um novo ponto de vista, sem que fiquemos inertes, paralisados diante do pânico de nossa atual posição nessa montanha-russa.



[...] é tentar contribuir para que isso não ocorra, ou seja, para que, aturdidos por esse efeito desorientador de aceleração extrema, não nos sintamos dispostos a ceder, desistir e nos conformar com o que der e vier. Chamemos esse efeito perverso pelo qual a precipitação das transformações tecnológicas tende a nos submeter a uma anuência passiva, cega e irrefletida, de síndrome do loop... A crítica, portanto, é a contrapartida cultural diante da técnica, é o modo de a sociedade dialogar com as inovações, ponderando sobre seu impacto, avaliando seus efeitos e perscrutando seus desdobramentos. (SEVCENKO, 2001, p.17, grifo nosso).



1. INTRODUÇÃO

Há algum tempo, sente-se a necessidade de se estabelecer laços e diálogos entre os campos de saberes da Sociologia com a Historiografia, a fim de pensar com e sobre a História, buscando apoio também na Literatura ou mesmo na Filosofia. Envolvendo-se, todos estes campos, num emaranhado de questões inesgotáveis, por sua vez, debruçadas sobre os problemas da Modernidade que nos atingiu de forma contundente durante todo o século XX, enquanto culturas e enquanto gênero humano, e que nos alcança, a todos nós, coletiva e individualmente, ainda nos dias de hoje.

Uma questão que esta posta em cada página deste trabalho, ainda que nas entrelinhas, é o fato de o surgimento da Modernidade ter representado uma transição histórica que, por sua vez, implicou uma mudança ou uma redefinição dos sentidos e de significados. Uma redefinição dos sentidos conferidos à realidade social e de seu significado, sua forma de tatear o mundo e de compreendê-lo. Para, além disso, o surgimento da Modernidade representou a alteração da percepção dos indivíduos com relação ao mundo no qual estão inseridos, alterando também suas capacidades avaliativas e a forma como agem e como se expressam nele.

Pode-se dizer, vivenciamos um processo de corrosão de velhos valores à medida com que as antigas verdades tornavam-se impotentes e pequenas demais para explicar e dotar de sentido um território, a História, que agora se alarga um pouco mais. O cosmos ampliado confere uma realidade nova e experiências cada vez mais dotadas de complexidades que não condizem com as verdades e as perspectivas de outrora e, portanto, não mais satisfazem os indivíduos e não (co) respondem mais à sua subjetividade.

Esta mudança do sentido das coisas e da percepção do sentido das coisas, de seus significados, numa categoria mais filosófica e mais existencial, gerou uma necessidade de se refletir sobre o sentido enquanto categoria semântica, ou seja, na sua forma de expressão e comunicação no que concerne aos indivíduos, indivíduos estes dotados de novos sentidos, ou mesmo esvaziados do velho, consigo mesmo, entre si, e com o mundo. Em outras palavras, houve a necessidade de redefinição das categorias semânticas que explicavam e dotavam de sentido a realidade e a experiência vivida, de forma que novas categorias semânticas pudessem captar as novas experiências, permitir uma comunicação com estas, e também



expressar um novo valor, uma vez a linguagem, o logos, as palavras, as idéias, as ideologias, possuem não só um significado intrínseco, mas, sobretudo, revelam um valor e, portanto, também operam uma força de ação social sobre a realidade.

Neste sentido, este trabalho tem como objeto o estudo de uma corrente de pensamento historiográfica francesa, a saber: a *École des Annales*. Tem como objetivo primordial realizar uma investigação sociológica acerca do sentido da história para a *École des Annales* dentro do contexto da crise da modernidade e, sobretudo, como seus principais autores respondem a este contexto de tragédias, catástrofes, crises ao longo do século XX, e como lançam luz aos escombros deste trágico século a fim de dar visibilidade aos seus subterrâneos.

Buscamos compreender as diversas perspectivas historiográficas que redefiniram o senso da história mediante as novas dinâmicas e processos, forças sociais e políticas, movimentos sociais e atores que emergiram, ou por melhor dizer, fizeram-se visíveis, na realidade social do século XX. Neste sentido, objetiva, também, compreender e interpretar de que maneira as historiografias que compõe atualmente a *École des Annales*, contemplam os novos atores que na atualidade estão disputando espaço na historiografia francesa, na tentativa de – ao possuírem uma determinada posição de hegemonia acerca do senso da história - conseguir objetivar e generalizar o alcance de suas ideias e valores. Logo, desejamos estudar sociologicamente a força que as ideias podem possuir na história, tanto para recaptá-la, para se apropriar dela e então reelaborar o passado dotá-lo de novos significados e compondo assim novas linguagens e ideias, informações e narrativas portadoras de valores, que passam a ser a forma e uma força de expressão que vai operar agora nos espaços sociais de disputa pelo poder, a construção de “[...] arma nos combates que gestam essas mesmas mudanças.” (KOSELLECK, 2006, p. 11).

Ao mesmo tempo em que o conceito de história necessitou ser dilatado no século XX para poder conter a presença da contínua expansão do território da história, para poder identificar um número sempre maior de atores na dinâmica social moderna, estes se apropriam dos conceitos ampliados para imprimir sentido às suas experiências contemporâneas e para reivindicar a concretização das suas particulares perspectivas acerca do futuro. A (re) descoberta das dimensões espacial e temporal, continuamente formuladas na Modernidade, não representou apenas uma mudança na relação tempo-espaço. Representou também uma extrema mudança conceitual, um potente deslocamento lexical que esvazia o



sentido do antigo cosmos e do velho topos, ou que, ao menos, acelerou o esvaziamento de seu sentido. (KOSELLECK, 2006).

No curso da investigação e da problematização sociológica desta corrente historiográfica percorreremos a sua primeira geração e problematizaremos um pouco a terceira, procurando compreender as motivações históricas e teórico-metodológicas de seu surgimento, bem como as transições axiológicas existentes entre uma geração e outra, focando a atenção no conflito geracional presente no interior da *École des Annales*. Conflito geracional para Mannheim (1952; 1968) é oriundo da dinâmica social e da aceleração do tempo histórico, bem como do não compartilhamento do significado das experiências vividas e dos valores e princípios contidos em uma determinada situação social. Logo, desejamos investigar com a categoria conflito de gerações os diversos impulsos coletivos e as distintas formas de sensibilidade, os processos de desconstruções e reconstruções valorativas efetuadas, os estilos de pensamento nas diferentes fases da existência da *École des Annales*.

Ao investigar o sentido da história para a *École des Annales*, esta pesquisa espera contribuir para revelar de que maneira a historiografia francesa que surge à partir do século XX contempla as principais mudanças históricas ocorridas no referido século, o surgimento de novos problemas sociais, o declínio de antigas figuras e modos de vida, a existência de novos atores, etc. Por fim, espera-se contribuir para revelar se a historiografia é espaço, por excelência, de reconstruir nexos de conciliação entre as memórias que hoje a disputam.

Outro ponto importante problematizado nesta pesquisa é se esta nova história proposta pela *École des Annales* dá voz às diferentes histórias ou, ao contrário, fala por elas. Ou seja, se estas vozes são apenas integradas e diluídas em um coro ocidental, permanecendo quase que inaudíveis ainda, ou se, ao contrário, busca-se construir um novo espaço comum, uma nova concepção de universal edificada multilateralmente (MARRAMAIO, 2009).

Esta pesquisa ganha maior relevância tendo em vista que a compreensão da história e, sobretudo, da historiografia, tem sido de fundamental importância desde os estudos realizados pela Sociologia Clássica, para a compreensão das questões sociais, nas suas antigas e novas configurações. Ao analisar o século XX para tentar compreender não só o surgimento da *École des Annales*, mas o senso da história tal qual é redefinido por esta corrente de pensamento nas suas diferentes gerações, pretendemos, ao mesmo tempo, realizar uma análise de uma corrente de pensamento que pode permitir uma significativa compreensão do século XX e do início do século XXI.



Desejar compreender os problemas da modernidade e seus impactos nos indivíduos, nas mentalidades, bem como na História – especialmente na sua atual forma ainda mais radicalizada, a que Dosse (1992) outrora denominou “história em migalhas” – e também na historiografia, ou seja, na escrita da História, na sua forma semântica que representa e expressa vontades e valores; manifesta, na verdade, o desejo latente de entender um processo generalizado de crise. Processo este, apontado não só pelo surgimento da historiografia francesa no século XX, *École des Annales*, que surge na contraposição para com a Historiografia Tradicional ou Historiografia Política. Uma corrente de pensamento que é parte da dinâmica histórica que no início do século XX, com suas crises econômicas e políticas que efetuaram a eclosão da Primeira Guerra Mundial, obrigou a inteligência europeia a reavaliar o sentido das antigas formas e teorias do conhecimento, tais como também: o movimento estético do Círculo de Viena que, por sua vez, se contrapôs ao Idealismo Alemão; a Teoria Crítica frankfurtiana que se contrapôs à Razão Tradicional; o Dadaísmo de Tristan, o Expressionismo e até o Surrealismo de Breton, que se contrapuseram ao ideal de arte clássica; entre outros movimentos nas diversas áreas de conhecimento e na arte.

Todas estas correntes de pensamento, na concepção deste trabalho, apresentam-se tanto como reações à crise da modernidade, como buscas de novas formas de conhecimento e modo de vida pessoal e coletivo. Foram novas percepções da realidade social, que passaram a figurar entre os grandes intelectuais e artistas do começo do século XX, desenvolvidas em meio a uma época de desorientação, na qual o indivíduo moderno experimentava novas e degradantes experiências que, todavia, não mais o enriqueciam, ao contrário, tornavam a vida mais pobre e trágica, enigmática e confusa, vaga e indefinida, incalculável e violenta.

Essa nova percepção da realidade, que em si representa também uma profunda mudança de valores e um processo de transição dos paradigmas, fez com que a própria razão perdesse sua eficácia, transformando o todo antigo em pedaços, e estes pedaços ainda em outros pedaços (SCHORSKE, 1998), de forma que os conceitos outrora formulados revelassem sua incapacidade de apreensão desta realidade agora - não mais somente em essência, mas também em aparência - mais ampla, mais complexa, mais múltipla, mais diversa. E a função agora do poeta, também do historiador, do intelectual, do romancista do mundo moderno não era outra senão reunir em suas análises, em seus romances, em suas narrativas os cacos da história, conferindo-lhes relevância, na tentativa de reconstruir um novo mundo de relações entre eles, no entanto, não mais homogêneo.



Logo, esta pesquisa busca identificar a existência na corrente historiográfica da *École des Annales* – perante os sucessivos desdobramentos da crise da modernidade, caracterizados sempre pelo maior esfacelamento e perda de vínculos orgânicos entre indivíduos e as formas de existência social – de elementos teóricos e conceituais que contribuam para o surgimento de dinâmicas sociais inclusivas e unificantes, seja nos processos culturais, seja nos processos políticos.

Os críticos literários, os historiadores, os intelectuais, os artistas, deparam-se, a partir das primeiras décadas do século XX, com o processo de dissolução da visão liberal clássica do homem e o surgimento do homem psicológico dentre os escombros da velha cultura. Não só o dramaturgo e o poeta austríacos – Schnitzler e Hofmannsthal - puderam perceber esta transição (SCHORSKE, 1988). Também Thomas Mann - o romancista alemão; ou ainda, Marcel Proust - o romancista francês; os romances de Virgínia Woolf; e especialmente a narrativa historiográfica dos pioneiros da *École des Annales* – Marc Bloch e Lucien Febvre. Todas as formas representativas da realidade, sejam elas artísticas, as narrativas literárias ou as narrativas historiográficas, alteraram sua percepção da realidade ao direcionarem o olhar não mais para fora, mas agora para dentro; não mais para os grandes eventos, mas agora para os indivíduos, para sua mentalidade, que se tornam visíveis entre os escombros das tragédias do século XX. É possível dizer que os principais acontecimentos do século XX, ao mesmo tempo, que trágicos e catastróficos, lançaram luz em direção a elementos da humanidade e do próprio indivíduo que até então se encontravam à sombra da história, impossível de serem vistos (AUERBACH, 1971), ampliando assim o tanto o território da história como a tarefa do historiador em compreender a contínua expansão da história em seus ritmos sempre mais violentos e extremos.

Estudar a *École des Annales* é compreender o senso da história e, sobretudo, compreender o que ela revela no seu interior em meio aos processos de crises sociais e políticas, ao mesmo tempo em que, mediante este contexto, parece lançar um novo olhar e buscar um novo sentido para a história. Crise da história, crise da historiografia, crise da cultura, crise da ciência, crise estética, crise da linguagem, crise literária, crise das metanarrativas, crise do conhecimento, por fim, uma crise de referencial. Que, por sua vez, revelaram-se reações ou representações diminutas de uma crise ainda maior, de ideologias e utopias que previram durante os séculos XVIII ao XIX uma história da humanidade marcada pela existência de um progresso sempre contínuo aliado à promessa de segurança e proteção, de liberdade e igualdade, direitos e justiça; mas que, por fim, foram apenas capazes de revelar



a realidade - ainda mais bruta, mais violenta e mais devastadora – das guerras mundiais, da fome, da insegurança, dos conflitos, da dominação, injustiça e desigualdade.

Esta crise de referencial se deu em resposta à falência das antigas formas tradicionais de dotação de sentido para a realidade física e social. Perante a incompletude e falibilidade dos discursos que expressavam uma verdade absoluta, surge a formação de novos discursos que se diluem em verdades relativas. O relativismo expressa o crepúsculo das formas de significação do século XIX, bem como estilhaçou em migalhas o sentido da história. O século XX, marcado por sucessivos processos de crise generalizada, inaugurou uma nova era de incertezas, imprevisibilidades e inseguranças, provocando respostas diversas que vão transitar, em todo o século, desde correntes de pensamento radicalmente céticas e niilistas - materializando-se na prática de suicídios recorrentes - até à radicalidade do mito das raças - que se materializa na carnificina dos campos de concentração.

Para Harvey (2004), o período de expansão do pós-guerra que se estendeu de 1945 a 1973 e que teve como base um conjunto de práticas de controle de trabalho, tecnologias, hábitos de consumo, etc, sofre um colapso a partir de 1973 iniciando, então, um período de rápida mudança, de fluidez e de incertezas. Conforme Keynes, em uma síntese da era da incerteza, se o inevitável não ocorre nunca, o inesperado sempre (KEYNES, 1996 *apud* BODEI, 1995).

O século que se revela como uma nova era de incertezas, imprevisibilidades e inseguranças, revelar-se-á também como um momento da história no qual os velhos paradigmas serão refutados e repensados, ao mesmo tempo, em que os fenômenos e processos da modernidade estão sendo vivenciados de uma forma ainda mais radicalizada, obrigando que a intelectualidade continuamente produza ensaios de interpretação e crie novos paradigmas, novos referenciais, novos valores e novos sentidos para o que não era esperado. É nesse sentido que Hobsbawm, no seu livro a Era dos Extremos, utiliza da resposta do historiador italiano Franco Venturi à pergunta acerca do que foi o século XX: diz que “[...] os historiadores não têm como responder a essa pergunta. Para mim, o século XX é o esforço sempre renovado de tentar compreendê-lo.” (HOBSBAWM, 1995).

Logo, compreender o sentido da história para as historiografias contidas na *École des Annales* significa o esforço sempre renovado de entender o que foi o século XX. Mas significa, sobretudo, o esforço sempre renovado de perceber e compreender o que continua sendo o século XX ainda nos dias de hoje. Um século, para além de seus limites cronológicos,



marcado pela contradição, pela presença ainda mais forte das antinomias, pela prevalência de velhos problemas e o surgimento de novos.

Mais que reportar à história para compreensão do presente, a intenção deste trabalho é contribuir para que, neste momento em que estamos com nossos referenciais fluídos, transitórios, e em constante redefinição, possamos nos atentar para a possibilidade de que este é um momento de lançarmos à realidade, que nos está posta, um novo olhar, um novo ponto de vista, sem que fiquemos inertes, paralisados diante do pânico de nossa atual posição neste cenário. Neste sentido é importante ressaltar que a historiografia é uma forma de compreender a realidade histórica que, mesmo estando sempre aquém da complexidade do real, está inserida na luta pelo conhecimento e por aquilo que se pode fazer com o saber. Logo, a historiografia pode tanto ser a fonte de uma nova percepção da história, que suprime do poder o discurso único que revela o senso dos acontecimentos, como também pode ser uma das mais importantes formas de manipulação do real e sustentação do poder.

Importante ressaltar que enquanto a pesquisa de mestrado era desenvolvida, em torno da influência da Nova História (*Nouvelle Histoire*) nos fundamentos ideológicos e teórico-metodológicos do meu objeto de estudo: PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) de História, pudemos verificar durante a investigação que a *École des Annales*, ao final de sua 2ª geração e início da 3ª, refletia em seus fundamentos ideológicos a condição fragmentária e relativista do contexto no qual estava inserida.

Nos momentos finais da redação de nossa dissertação de mestrado, já estava delineada, de modo claro, a questão central que aqui pretendemos expor. Trata-se de um estudo que tem por objetivo compreender o sentido da história para a *École des Annales* e seus desdobramentos para a *Nouvelle Histoire*, problematizando a manifestação, no interior de si, da condição fragmentária e relativista da sociedade contemporânea. Para tanto, cabe aqui ressaltar que esta corrente historiográfica surge enquanto movimento de contra-cultura hegemônica e torna-se pensamento hegemônico, no que diz respeito ao conhecimento histórico e da memória histórica, a ponto de influenciar, por exemplo, a historiografia brasileira e a própria direção do currículo escolar de História no Brasil.

Pensar hoje o sentido da história para essa ou aquela historiografia significa, para além de compreender de que forma esta(s) redefine e reorienta o senso da história, compreender – paradoxalmente – de que forma a história redefine e reorienta o senso da historiografia.



Em outras palavras, compreender o sentido da história para a *École des Annales* (e para qualquer outra historiografia) e o modo como essa historiografia dota de sentido a história, implica perceber que ela, a historiografia, nada mais é que o reflexo do dinamismo da sociedade.

Em um dos comentários de Debord (1997) sobre a sociedade do espetáculo, o autor perspicazmente já nos anos 60 do século XX percebe, para além da “espetacularização” da realidade, como a sociedade moderna constrói sua unidade sobre o esfacelamento e como a aparência das coisas divididas se revela falsamente como unitárias.

O espetáculo, como a sociedade moderna, está ao mesmo tempo unido e dividido. Como a sociedade, ele constrói sua unidade sobre o esfacelamento. Mas a contradição, quando emerge no espetáculo, é, por sua vez, desmentida por uma inversão de seu sentido; de modo que a divisão é mostrada unitária, ao passo que a unidade é mostrada dividida. (DEBORD, 1997, p. 37).

Compreender a micro-história defendida pela 3ª Geração da *École des Annales* é, sobretudo, compreender uma sociedade que agora volta o olhar para o micro, a parte que, por sua vez, surgirá já na primeira geração dos Annales, com Marc Bloch e Lucien Febvre (conforme veremos no decorrer deste trabalho). É, também, compreender, sobretudo, as motivações deste novo olhar lançado à História e seus sujeitos que começa desde o início do século XX.

É marca indelével da sociedade contemporânea a imprevisibilidade. A propósito, e paradoxalmente, se existe uma verdade que não é efêmera e que se faz durável e indestrutível nos dias de hoje é ela a incerteza. Este fenômeno de imprevisibilidade é fruto de uma experiência agora comum a toda humanidade: a contínua experiência da crise. Crise de todas as certezas que outrora permitiam aos homens vislumbrar os seus destinos. Mas esta crise não está presente apenas na política e economia. Ela também não está presente somente na ciência, mas na arte; não só na cultura, mas também no interior de cada indivíduo. Vivemos em tempos de crise generalizada de paradigmas. No entanto, é preciso perceber ainda que onde reside a crise, reside também a disputa. Em outras palavras, os campos em crise em nossa sociedade são também campos em disputa.

Não seria diferente com a história e a historiografia especialmente, no caso desta última, no que concerne à concorrência pela memória. É o senso da história hoje campo em

251659264



crise e, ao mesmo tempo, em disputa. Assim como campo em disputa é a historiografia. A ideia de crise da história, ou seja, de uma fragmentação, relativização e, principalmente, de fim da história impõem às historiografias a necessidade de disputá-la a fim de reorientá-la, redefiní-la e dotá-la de senso.

Durante muito tempo a história foi dotada de senso, de um telos, seja pela filosofia da história cristã, seja pela filosofia da história secular, pela historiografia. O que importa ser destacado, neste caso, é que esta história possuidora de um telos permitia aos indivíduos se orientarem a partir de experiências passadas. Segundo Bodei (2001), a história tem não somente a função de orientar a humanidade, ou seja, de projetar – na medida do possível – um telos, mas, sobretudo, tem como função revelar experiências. Experiências estas, capazes de apontar o sentido, ou seja, a direção da humanidade rumo ao progresso ou a sua própria destruição.

Mas a história dotada de universalidade, totalidade e unidade, possuidora de um telos, para além de orientar - através de experiências passadas - o homem, permite também que este compreenda a sua formação não só enquanto indivíduo, mas que, sobretudo, se reconheça enquanto gênero humano. A compreensão da formação do indivíduo a partir da perspectiva histórica – e de suas categorias de universalidade e totalidade – implica não só compreendê-lo como é, mas também o seu vir-a-ser, seja enquanto indivíduo seja, sobretudo, enquanto gênero humano.

No entanto, este telos presente, seja nas filosofias da história, seja nas ideologias e utopias, foi desmantelado no período de crise da modernidade. Em referência ao progresso técnico e científico da Era Moderna que se chocou com a realidade das guerras, Bodei (2001) declara que se duvida do sentido da história devido ao declínio das pretensões apresentadas pelas filosofias da história que prometiam desvendar o curso dos acontecimentos do passado e uma projeção futura que não se cumpriu.

As expectativas de mudança revolucionária, de progresso ou de catástrofe iminente revelaram-se todas falazes e a linha que deveria ter ligado os acontecimentos durante uma seqüência orientada foi rompida. Seguiu-se uma desilusão amarga, que se transforma em vontade surda de negar qualquer sentido à história, apontada enfim ou como um torvelinho caótico de fatos desconexos, uma poeira que ofusca a vista, ou como um romance, cuja trama pode ser escrita a vontade. (BODEI, 2001, pág. 13).



Em outras palavras, a crise da modernidade, que se institui a partir do cenário das guerras, significou a ciência e a técnica como elementos em disputa e como meio para se alcançar um fim, no caso, a posse da força, o poder. Em vez da superação das antinomias para um telos comum, a legitimidade e prevalência delas; a presença ainda mais forte dos conflitos e das contradições. O surgimento e ascensão dos governos totalitários em vários países da Europa: Mussolini na Itália, Salazar em Portugal, Francisco Franco na Espanha, Stalin na União Soviética, Hitler na Alemanha. Mas também significou as crises econômicas, representando a falibilidade da ideia de progresso econômico, especialmente com a crise econômica do pós-guerra. Em resposta a isso, a desilusão, a descrença e a negação não só da ideia de progresso, não só do sentido da história, mas em relação a tudo o que a modernidade construiu, projetou e idealizou.

Este contexto de guerras e pós-guerras, ao mesmo tempo em que aponta para a falibilidade da ideia de progresso, configura também um novo cenário e dá indicativos de visibilidade a novos atores. Neste sentido, a *Annales* pretende-se um movimento de contracultura hegemônica com vistas a incorporar vozes que sempre ficaram aquém nas historiografias, sobretudo na história.

Segundo Aróstegui (2006), a crise nas ciências sociais, e dentro delas na historiografia, inscreve-se por sua vez, nas novas condições históricas produzidas com as primeiras rupturas do mundo pós-guerra, no contexto de um progressivo esgotamento e descrédito de alguns “dogmas” intelectuais inquestionáveis até então, e da busca de novos fundamentos. De acordo com o autor, tudo isso supôs o afastamento da pesquisa social de seus fundamentos teóricos anteriores e sua aproximação a uma sensibilidade que valorizava, sobretudo, o sujeito e a ação social.

A *École des Annales*, que se institui enquanto corrente de pensamento na área de História e Historiografia surge em resposta a este contexto de crise da modernidade, confrontando a denominada História Política ou dos eventos, dentro de um contexto de fim das metanarrativas. Segundo Aróstegui (2006), a influência do marxismo nas ciências sociais e em seu conjunto, no caso da historiografia, ganha profundidade a partir dos anos 30, década em que a *École des Annales* se instituiu enquanto corrente historiográfica. No entanto, após a revolução cultural de 1960, mais especificamente 1968, esta corrente de pensamento ganha



posição de hegemonia ao mesmo tempo em que parece afastar-se do marxismo na medida em que se apresenta enquanto uma síntese histórica fragmentada, relativizada e não identitária, em detrimento de uma universalidade e totalidade histórica, de uma categoria de classe e de um processo de emancipação do gênero humano.

Segundo Bodei (2000),

O que contrasta vitoriosamente a reificação e a ideologia que a justifica é a dialética com sua idéia de totalidade, que restabelece os nexos vivos e processuais da realidade, imerge a história nos 'dados', liga teoria e prática na compreensão e transformação, conecta o sujeito com o objeto, permite uma visão global numa época de variações contínuas e freqüentemente imperceptíveis do arranjo de conjunto num tabuleiro mundial. O conhecimento da totalidade não autocontraditória só é possível à consciência de classe do proletariado. (BODEI, 2000, pág.149).

Ainda,

[...] a burguesia não pode suportar a visão de totalidade, que inclui a dos seus próprios limites e a do seu fatal desaparecimento; ela é, portanto, obrigada a se manter na defensiva e a interromper para si mesma e para os outros a percepção global dos nexos históricos. (BODEI, 2000, p. 150)

Enquanto que os grupos, coesos, reconhecidos e identificados entre si como classe,

[...] não só não *têm* medo da totalidade social, mas *têm*, sobretudo, interesse em conhecê-la, para poder guiar o processo de transição e abolir a si mesma numa sociedade sem classes. (BODEI, 2000, p. 150).



1. O SENTIDO DA HISTORIA NA EUROPA *FIN-DE-SIÈCLE*

Para os jovens, além dos agrupamentos diretamente políticos ou religiosos, as organizações eram inúmeras! Naturistas, místicas, românticas, idealistas, todas possuíam periódicos e boletins. Longe das convenções, mundanas e familiares, a camaradagem estava na origem destas associações que eram a herança do Movimento da Juventude nascido no final do século XIX... Era preciso banir da própria roupa, botões, chapéus, gravatas. De sacola às costas, camisa aberta e botina, mergulhava-se no campo ou na floresta. Dormia-se ao ar livre ou nas granjas. À noite, em torno das fogueiras, cantava-se com o acompanhamento de bandolim ou de violão... A única regra era emancipar-se de tudo: da escola, dos pais, dos hábitos. E alcançar a liberdade!... Mas essa reivindicação de emancipação pouco a pouco se degradou... A libertação tão defendida em relação aos adultos foi substituída pelo culto do chefe, do guia. Após os anos 20... a evasão da vida cotidiana era ainda a mesma de antes de 1914? Essa evasão não era mais revolta ou emancipação. Era simplesmente uma maneira de escapar ao presente... E foram finalmente os nazistas que recolheram em seu proveito todos esses impulsos para a natureza, para as comunidades, para um chefe. (RICHARD, 1988, p.149-150).

O diário nazista *Völkischer Beobachter* escreve no dia seguinte:.. ‘Um grande empreendimento começa! Chegou o dia do Terceiro Reich!’ Nesta data, várias dezenas de milhares de alemães já estavam em campos de concentração. (RICHARD, 1988, p.272).



Die Jungen, Modernidade e quando as musas disputam o senso da História

Falar sobre a Nova História – denominada 3ª geração da *École des Annales* – enquanto uma representação, diminuta ou não, de uma condição fragmentária própria de uma sociedade que agora é líquida e fluída, requer compreensão de um período histórico que se redefine, a partir de uma tensão geracional, em meados das décadas de 40 e 50 do século XX. No entanto, para justificar essa tensão geracional que faz nascer ali uma incipiente geração nova da corrente de pensamento aqui estudada, é preciso reportar aos acontecimentos das primeiras décadas do século XX. Mas, por sua vez, como aludir à década de 20 do século XX sem recorrer à investigação de um período histórico que se consolida estética, científica, literária, filosófica e culturalmente na segunda metade do século XIX, e que se caracteriza, sobretudo, pela ruptura com o mundo dos antigos, recebendo, então, o nome de Modernidade?

Dito de outra forma, a presente pesquisa, ao problematizar a atual “história em migalhas” (DOSSE, 1992), objeto em disputa pelas minorias que co-existem em um cenário de luta por reconhecimento e, mais especificamente ao que tange a este trabalho, luta pelo senso da história, não poderá fazê-lo sem entendê-lo enquanto um fenômeno que é em si uma reação a processos, não somente históricos ou culturais, mas, sobretudo, políticos.

Cultura, modernidade, política, intelectualidade, jovem, geração, moderno, pós-modernidade, pensamento, etc, representarão, aliados aqui à História, não só um repertório lingüístico ou conceitual, mas, para, além disso, um repertório científico que possibilitará sustentação teórica para compreensão do tempo presente, com todas as ambiguidades, as contradições e os conflitos que traz no interior de si.

Pensando nisso é que este capítulo será todo dedicado a demonstrar os laços que Clio estabeleceu, *desestabeleceu* e restabeleceu, durante toda sua “vida” – desde os tempos de Heródoto até os dias de hoje - com a Cultura.

De modo mais furtivo, claro, pois não é finalidade da pesquisa demorar-se na investigação do passado, mas sim do passado recente – século XX – e do presente, demonstrar-se-á como esteve a cultura, em suas múltiplas facetas, vinculada às *histórias* de Heródoto (SCHORSKE, 2000). Mas, sobretudo, e mais demoradamente, como Clio se



redime de seus “laços afetivos” com a cultura multifacetada (SCHORSKE, 2000), durante a Modernidade, firmando compromisso, agora, com apenas um único senhor, uma cultura única – a alta cultura eurocêntrica.

Eis que é alcançada a verdadeira ambição da presente investigação: demonstrar como, e por quais motivos, Clio torna a ser deusa não mais de um, e não mais de poucos – como fora em tempos de Heródoto (HARTOG, 1999) - mas de múltiplos senhores, de múltiplas culturas, de múltiplos grupos.

Aqui reside a intrigante questão deste trabalho: Clio, filha de Heródoto, nasceu destinada a possuir um espírito livre, ou prisioneiro? Ela, que em juventude se entrega a vários amores, que em dada idade redime-se e passa a ser Senhora, mas que - talvez por não suportar tais amarras – torna à antiga vida, de forma ainda mais intensa, e sendo agora disputada como nunca dantes. Será ela *Senhora* de um único senhor? Ou terá ela um espírito livre? Ou, ainda, sempre foi e sempre será ela oficialmente de um único senhor e, os demais, nunca passarão de paixões fugazes, de amantes que, em verdade, nunca a possuirão de fato, ou ao seu amor?

Segundo Schorske (2000), Hartog reproduziu, em sua obra *O Espelho de Heródoto – Ensaio sobre a representação do outro* (1999), a gravura de *Clio*, demonstrando justamente uma tradição historiográfica a qual pretendia superar: a historiografia política, dos eventos e das guerras.

De modo condizente com seus patrocinadores holandeses, as musas usam um mapa, indicado num grande pergaminho desenrolado, para homenagear a obra de Heródoto. Nele estão representados os grandes movimentos das hordas bárbaras e os defensores gregos, as lutas políticas e militares que, na visão do século XVIII, constituíam o foco central de Heródoto e sua reivindicação à coroa de louros de Clio. Na parte sombreada da gravura, estão espalhados os símbolos das culturas não gregas descritas por Heródoto, o etnógrafo: as pirâmides do Egito e a imagem de um escriba; a trípole – seria a de ouro, que o rei Cresos da Lídia deu a Delfos?; uma cabeça de cavalo embridada à maneira cita; um símbolo do sol e um leão alado persas; bem ao fundo, a cidade de Babilônia, com sua torre. (SCHORSKE, 2000, p. 245-246).

De acordo com Schorske (2000), em 1716 a história rompe seus laços com os estudos culturais, com a cultura multifacetada, e a narrativa dos grandes eventos reina sobre o senso



do processo histórico. Clio aponta, na gravura, para os grandes acontecimentos narrados pelo seu pai – Heródoto – e às sombras, os símbolos culturais.

O que desperta curiosidade é, como bem observado por Schorske (2000), que esta gravura feita em um momento de ruptura entre história e cultura – 1716 – é justamente encontrada, futuramente, em uma obra que é “ponta-de-lança dos estudos culturais em 1980” (p.246).

O estudo de Hartog mostra os frutos característicos das novas parcerias de Clio com a crítica literária, a lingüística e a antropologia: uma análise textual sutil e convincente e uma exploração da organização mental da percepção social. (SCHORSKE, 2000, p.247).

Pode-se afirmar que a modernidade representou, enquanto movimento e representa, enquanto processo histórico, um momento de ruptura marcado pela autonomia e independência seja artística, intelectual, mas, sobretudo, cultural. Uma nova maneira de entender o mundo, comunicar-se e expressar-se diante dele; sentir, pensar e agir.

Embora já adquirisse força a palavra “moderno” no século XVIII, segundo Schorske (1988), é a Europa do século XX que proclama sua independência em relação ao passado especialmente no que diz respeito às atividades intelectuais. Esta independência tem início no século XIX, momento em que, para Schorske (1988), o “moderno” passa a ser a diferenciação de um novo tempo em relação a tudo o que precedeu na história. Segundo o autor,

A arquitetura moderna, a música moderna, a filosofia moderna, a ciência moderna – todas se definem não a partir do passado, e na verdade nem contra o passado, mas em independência do passado. A mentalidade moderna tornou-se cada vez mais indiferente à história, porque esta, concebida como uma tradição nutriz contínua, revelou-se inútil para ela. (SCHORSKE, 1988, p. 13).

O nascimento do moderno, no sentido como é tratado por Schorske (1988), é a data de morte da história. Compreender a morte da história, ao contrário do que parece, não interessa somente aos historiadores. A “morte” da história e o nascimento do moderno interessam a vários campos da ciência e círculos intelectuais, seja à psicanálise, à literatura, às artes, à sociologia, entre outros. E de forma mais estreita, interessa a todo e qualquer indivíduo que



vive hoje esse distanciamento histórico, a ausência do devir histórico, sobretudo, a efemeridade, vulnerabilidade e imprevisibilidade trazida pelo moderno e, conseqüentemente, pela ruptura com o telos histórico.

Segundo Schorske (1988), Viena no *fin-de-siècle* revela-se um dos terrenos mais férteis para a cultura a-histórica seja do século XX, seja, de forma ainda mais profunda, no século XXI. São seus grandes inovadores intelectuais que rompem laços com a perspectiva histórica essencial para a cultura liberal novecentista em que foram gerados.

A aurora do moderno e o crepúsculo da história representam, pode-se dizer, a experiência do parricídio - já apontada pela psicanálise de Freud - a geração que separara, a partir de então, pais e filhos, colocando entre eles um abismo intransponível. O filho não mais se identifica com o pai. Rompe seus laços. Nega-se, o filho, a imputar em si a herança do pai, o seu legado. O filho faz-se agora desenraizado, dando origem ao novo; à geração (MANHEIM, 1968). O processo geracional tem início, a partir de então, com o surgimento do *jovem*. Mas não de um jovem que envelhecerá e conceberá outros filhos. Mas um primeiro *jovem*. Primeiro, porque depois dele muitos outros virão; outras juventudes, trazendo consigo novas gerações, que podem em nada se identificar com as suas precedentes.

Não só Viena, mas também a Alemanha vai conferir à Europa *fin-de-siècle* esta condição transitória do velho para o novo.

Quando pensamos em Weimar, pensamos em modernismo em arte, literatura e pensamento; pensamos em rebelião dos filhos contra os pais, dos dadaístas contra a arte, berlinenses contra os musculosos filisteus, libertinos contra moralistas retrógrados; pensamos em “A Ópera dos três vinténs”, “O Gabinete do Dr. Caligari”, “A Montanha Mágica”, Bauhaus, Marlene Dietrich. E pensamos, acima de tudo, nos exilados que exportaram a cultura de Weimar para todo o Mundo. (GAY, 1978, p. 11).

O crepúsculo da história, a aurora do moderno, o nascimento do jovem, o surgimento das gerações e, por sua vez, das tensões geracionais, mas também das sobreposições geracionais, vão impactar profundamente não só os campos intelectuais, as correntes de pensamento, a ciência, as historiografias, a política e a cultura. Vão impactar profundamente sobre a vida dos indivíduos modernos - seus modos de pensar, agir e sentir – mas, sobretudo, a sua própria composição.



Se no século XIX passamos a sentir e perceber, enquanto gênero humano, a separação, a sensação de não pertencimento, a ausência de vínculos entre nós e a pobreza de experiência; é no século XX - com a radicalização deste processo - que, agora sem sequer sentir e perceber, vivemos a experiência da mais profunda atomização, da não identidade, do não reconhecimento, da desorientação, de irreconciliação. E as reações só poderiam ser ou a luta por reconhecimento, não de um grupo em relação ao outro, mas de cada grupo em relação - e somente em relação - à política; ou o direito ao extermínio daquele com o qual não nos identificamos.

Segundo Le Rider (1992),

A emancipação do indivíduo na ordem política e social, essa conquista da modernidade do fim do século dezoito e das primeiras décadas do século dezenove, emparelhava-se com a afirmação confiante e orgulhosa da individualidade nos domínios da ética e da estética ... Como reação aos sentimentos de solidão, de fragilidade do eu subjetivo, de instabilidade das identificações internas e das identidades de fachada, certos pensadores da época de 1900 exploraram as possibilidades de restauração da identidade por meio daquilo que se poderia chamar de radicalização do individualismo. (LE RIDER, 1992, p.12).

A Primeira Guerra Mundial anuncia a morte do *mundo oitocentista*; a crise da cultura moderna; crise do liberalismo; fim da ilusão de unidade (SCHORSKE, 1998). Ela representou não só uma sociedade em desintegração, mas a desintegração da natureza do próprio indivíduo.

Segundo Schorske (1988), no século XX o homem racional perdeu lugar para o homem psicológico. A racionalidade liberal é surpreendida agora pelo existencialismo. Para o autor, a opressão política e econômica que representou a Primeira Grande Guerra ocasionou, sobretudo, a frustração psicológica.

A cultura liberal tradicional tinha se concentrado sobre o homem racional, cujo domínio científico sobre a natureza e controle moral sobre si deveriam criar uma boa sociedade. No nosso século, o homem racional teve de dar lugar àquela criatura mais rica, mas mais perigosa e inconstante, que é o homem psicológico ... **Ironicamente, em Viena, foi a frustração política que estimulou a descoberta desse homem psicológico hoje onipresente.** (SCHORSKE, 1988, p. 26, grifo nosso).



Para o autor, pensar com a história significa a utilização de elementos do passado para compreensão e construção cultural do presente (e futuro), ou ainda, significa pensar a história enquanto processo dinâmico e, portanto, situando e entendendo o presente histórico que se situa a partir – ou contra – do passado.

Reside aqui a preocupação em demonstrar como, a partir de uma mudança cultural, o século XX aprendeu a pensar sem a história. Se na Europa da primeira metade do século XIX, segundo Schorske (2000), a história se tornara um modo de produzir sentido para as classes, é no século XX que, especialmente, na Europa e nos Estados Unidos a mente moderna cresce indiferente à história, o que torna ainda mais intrigante tentar compreender como surge então o movimento dos intelectuais dos *Annales* em defesa da História. Segundo Schorske (2000),

Se tiramos nossos olhos da alta cultura da metade do século XIX e nos voltamos para a metade do século XX, percebemos como foi drástico o rompimento com a consciência histórica. O pano de fundo de nosso modernismo foi um historicismo feroz, penetrante. Nunca na história da cultura europeia Clio gozou de tanta importância – para não dizer hegemonia – como em meados do século XIX. Se no século XVIII a filosofia fora a rainha do reino do intelecto, com a história limitada ao papel de sua modesta criada, ‘ensinando filosofia por exemplo’, no século XIX a história herdou o império da filosofia... O próprio processo de modernização da economia e da sociedade do século XIX, com os efeitos sem precedentes da tecnologia industrial sobre a terra e as pessoas, evocava paradoxalmente essa busca apressada por laços com o passado. Numa época de nacionalismo crescente, as identidades coletivas foram redefinidas como uma síntese das culturas convergentes do passado. (SCHORSKE, 2000, p. 14-15).

Ainda, segundo o autor,

Dominar a modernidade pensando com a história, dominar a modernidade pensando sem a história: não se trata de uma simples antítese, mas de fases sucessivas do mesmo esforço de dar forma e sentido à civilização europeia na era do capitalismo industrial e da ascensão da democracia política. (SCHORSKE, 2000, p. 15).

Ao se pensar a relação Cultura, Política e História, não se pode descartar a história nos tempos de Heródoto e Tucídides que, segundo Schorske (2000), mesmo a narrativa de



Heródoto centrada nas guerras persas é abordada enquanto conflito de sistemas culturais. Diferentemente de Tucídides - de uma historiografia mais política - Heródoto, para Schorske (2000), é não só o pai da História, mas também pioneiro no que se refere à introdução dos estudos culturais no interior dela.

No entanto, segundo o autor, o império vanguardista de sua “história cultural” vai cair no momento de ascensão do Império Romano que, por sua vez, vai universalizar um modelo cultural único, espécie de etnocentrismo da alta cultura, que prevalecerá por mais de dois mil anos (SCHORSKE, 2000).

Para Bodei (2001), somente no século II a.C. é que, dadas algumas precondições, Políbio vai teorizar a respeito da convergência das histórias particulares numa única história universal configurando o surgimento de uma historiografia, ou filosofia da história. Segundo Bodei (2001), para Políbio a história universal torna-se possível graças ao advento de um poder manifesto na forma de um único domínio político, a saber, o domínio político de Roma.

Antes do domínio romano os acontecimentos das várias partes do mundo eram isolados uns dos outros e, segundo Bodei (2001), unicamente por meio desta nova formação estatal é que os acontecimentos conspiram agora em direção a um único objetivo. É a partir de Políbio, ao se falar em uma história universal, que se pensa a ideia de um senso, de um sentido para a história. No entanto, Políbio atribui ao Acaso (Fortuna) um papel preponderante e determina o que ordena os acontecimentos e personagens é, portanto, de natureza política (BODEI, 2001).

Los persas obtuvieron por algún tiempo un vasto imperio y dominio pero cuantas veces osaron exceder los límites del Asia aventuraron, no sólo su imperio, sino también sus personas. Los lacedemonios disputaron por mucho tiempo el mando sobre la Grecia; pero después de conseguido, apenas fueron de él pacíficos poseedores doce años. Los macedonios dominaron en la Europa desde los lugares vecinos al mar Adriático hasta el Danubio parte a la verdad bien corta de la susodicha región; añadieron después el imperio del Asia, arruinando el poder de los persas; pero en medio de estar reputados por señores de la región más vasta y rica, dejaron no obstante una gran parte de la tierra en ajena manos. Dígalo la Sicilia, la Cerdeña, el África, que ni aun por el pensamiento se les pasó jamás su conquista. Díganlo aquellas belicosísimas naciones situadas al occidente de la Europa, de quienes apenas tuvieron noticia. Mas los romanos, al contrario, sujetaron, no algunas partes del mundo, sino casi toda la redondez de la tierra, y elevaron su poder a tal altura que lo presentes envidiamos ahora y los venideros jamás podrán superarle. Todas estas cosas se manifestarán más claramente por la relación que se va a hacer, y al mismo tiempo se evidenciará cuántas y cuán grandes utilidades es capaz



de acarrear a um amante de la instrucción una fiel y exacta história.
(POLÍBIO, 1968, tomo I, p. 3-4, grifo do autor).

Porém, à partir de Bodei (2001), depois de Cristo, esta visão é superada, ou ainda suplantada, pela ascensão da filosofia da história de perspectiva cristã – que será hegemônica na tradição historiográfica ocidental durante muito tempo - em que Deus e a Providência é que determinam o senso da história. Podemos destacar Santo Agostinho e Da Fiore como os precursores da filosofia da história de perspectiva cristã, à partir do autor.

Segundo Bodei (2001), existe na filosofia da história cristã a categoria de universalidade, ou seja, de totalidade humana que Agostinho denominará como *totum genus humanum*, em que se incluem os povos conhecidos, mas também os desconhecidos, ou negados. Em outras palavras, a filosofia da história cristã se apóia na categoria de totalidade ao pensar um telos, um senso da história comum a todos, incluindo os gentios/pagãos. No entanto, em Agostinho, há o abandono da dimensão política e prevalência da visão escatológica da história. A totalidade, de acordo com o autor, não se dá mais pelo domínio político e não existe uma lógica interna à história. Quem dirige a lógica da história é Deus e a Providência, e não mais o homem (BODEI, 2001).

Para Bodei (2001), a ideia de lógica externa à história fica evidente em Agostinho quando este traça uma linha de demarcação entre os homens assinalada por “*amores duo fecerunt civitates duas*”, ou seja, por dois amores capazes de construir duas cidades, a saber, a Cidade de Deus e a Cidade dos Homens. A primeira representa o desprezo ao amor de si, enquanto que a segunda o desprezo ao amor de Deus, e entre elas a *civitas Dei peregrinans*; a cidade de não cidadãos, onde nela somos apenas peregrinos, ou seja, onde não podem criar raízes os que vivem neste mundo (BODEI, 2001).

Já em Da Fiore, segundo Bodei (2001), muito embora se mantenha uma perspectiva cristã em filosofia da história, introduz ele a ideia de uma lógica interna para dentro dela, na medida em que as figuras da Trindade se encarnam nos próprios acontecimentos e a Providência nunca está fora do mundo histórico. A exclusão do elemento teológico extrínseco, em Da Fiore, dirá Bodei (2001), dará abertura para as filosofias da história seculares, nas quais a explicação para os acontecimentos é buscada no interior deles. Esta concepção Pentecostal da História em Da Fiore vai entender que o Espírito Santo – potência celeste e terrena – além de julgar os homens, instituirá entre eles uma relação de recíproco



entendimento e harmonia, o que possibilitará que a própria humanidade supere os conflitos rumo a um telos comum. Porém, outros fatores favorecerão o surgimento de uma filosofia da história mais secularizada (BODEI, 2001).

A descoberta de novos cosmos, novos valores – que entre outras coisas vai relativizar a centralidade da Europa – unido à afirmação do paradigma ou pensamento cartesiano faz destituir a autoridade religiosa mediante a possibilidade de provas e evidências (surgimento da matemática, da lógica, física, astronomia). A presença, agora, da racionalidade trará a necessidade de se compreender a sociedade por meio de uma nova perspectiva (BODEI, 2001).

Neste contexto, e no que diz respeito a uma trajetória da filosofia da história, pode-se destacar Vico enquanto precursor da idéia de que a lógica interna dos acontecimentos não é somente ditada pela razão. Para Vico, de acordo com Bodei (2001), a ordem da sociedade não é estabelecida por uma via racional é, antes, oriunda e estabelecida por uma ordem imaginária (*ordo imaginationis*), tal como o medo e a esperança, por exemplo, que fazem nascer as instituições humanas que, por sua vez, conferem uma ordem à sociedade (leis, instituições, moral, etc). Em outras palavras, os mitos apelam para o medo e a esperança que vão então estabelecer as leis, as instituições humanas (o casamento, por exemplo) e conseqüentemente uma ordem social. Para Vico, segundo Bodei (2001), a sociedade, a humanidade, enfim, a própria história era conduzida, até a Era Moderna, pelos desejos e pelo controle destes desejos através dos mitos e das invenções humanas.

Depois da contribuição de Vico, de acordo com Bodei (2001), as filosofias da história tentam encontrar outros pontos de sentido (racionais ou não) para os acontecimentos. Segundo Bodei (2001), para solucionar os novos problemas destacam-se três grandes tradições em filosofia da história do século XVIII. A primeira é a escocesa, de tendência naturalista, representadas por John Millar, Adam Fergusson e Hume. A segunda, francesa, tem como representantes Voltaire, Turgot e Condorcet. Por fim, a terceira é a filosofia da história alemã que é a princípio representada por Lessing e Herder e, posteriormente, por Kant, Hegel e Marx.

Mas não só à história, ou ao senso da história, atribui-se novo significado. Não só também à cultura. Mas à linguagem, o logos, as idéias, os conceitos são, agora na modernidade, repensados e redefinidos. Mas não só a cultura em si, e não só a linguagem em si, mas, principalmente, estas em relação à história.



Neste sentido, Koselleck (2006) vai atribuir igual importância à categorização do senso da história no século XVIII. Para o autor, antes da primeira modernidade, era a palavra alemã *Historie* que categorizava a história, imbuída de um significado histórico plural dos diferentes povos. No entanto, a partir do século XVIII, ou a partir da chamada primeira modernidade, a palavra, também alemã, que agora categorizará a História é *Geschichte*, de forma a designar no singular, “[...] de modo confluyente, tanto uma seqüência unificada de eventos que constituem a marcha da humanidade, como seu relato.” (JASMIM *apud* KOSELLECK, 2006, p.3)

A grande contribuição de Koselleck é compreender a modernidade – e conseqüentemente sua crise – a partir da história dos conceitos, ou seja, a partir da forma como a semântica, em cada momento histórico (no caso, a 1ª e 2ª Modernidade), é capaz de definir e redefinir, construir e reconstruir as categorias de compreensão de dado tempo e dado espaço.

Importa aqui, então, a partir de seu aporte teórico, compreender as significativas mudanças no desenvolvimento semântico dos conceitos fundamentais que ora explicaram e orientaram o mundo tradicional e que, a partir do século XVIII, explicarão e orientarão a gênese da Modernidade burguesa, assinalando, para tanto, as transformações que constituíram a modernidade européia na passagem do século XVIII para o XIX.

É, segundo Koselleck (2006), a história conceitual ou dos conceitos uma das maneiras pela qual a modernidade – ou o moderno – demarca seu surgimento, manifestando pela linguagem o modo consciente como compreende o mundo e o reorienta. Este fenômeno de singularização semântica de que fala Koselleck (2006) significa que,

Ao mesmo tempo em que a base dos conceitos se dilata e designa um número mais amplo de atores (por exemplo, fala-se cada vez menos dos direitos dos ingleses ou dos nobres e mais dos direitos do homem e do cidadão), os atores se apropriam dos conceitos ampliados para imprimir sentido à experiência contemporânea e reivindicar determinadas perspectivas de futuro (a igualdade, a democracia). (KOSELLECK, 2006, p. 10).

Neste sentido, a linguagem passa a ser não só expressão de uma realidade – sociedade em transformação – mas, sobretudo, campo em disputa, “[...] arma nos combates que gestam essas mesmas mudanças”. (KOSELLECK, 2006, p. 11).



Exemplo desta mutação ou re-significação paradigmática da linguagem ou dos conceitos é o próprio conceito de história. Se até meados do século XVIII o termo história [*Historie*] era usado no plural – Histórias – para designar as diversas narrativas particulares (a história da Guerra do Peloponeso de Tucídides, por exemplo), será cada vez mais freqüente a utilização do termo *Geschichte*, a História no singular, demonstrará Koselleck (2006), para designar a confluência das histórias plurais numa unidade, universalidade e totalidade histórica.

A essa ‘singularização’ semântica da História, que expressa a inclusão de toda a humanidade em um único processo temporal, corresponde a sua transformação em objeto de teorias políticas e filosofias que imaginam poder apreender o passado, o presente e o futuro como uma totalidade dotada de sentido previamente definido. (KOSELLECK, 2006, p. 11).

A História, agora singular e com H maiúsculo, é convertida em instrumento normativo da luta política e *será* “[...] objeto de disputa entre proposições mais ou menos revolucionárias que compreendem a si mesmas como intérpretes fiéis dos verdadeiros propósitos desse processo universal.” (KOSELLECK, 2006, p.11).

Mas não somente a História ganha novo sentido na Modernidade, como também o próprio significado do tempo. O chamado *tempo histórico* proporrá um novo significado ao tempo, outrora somente natural e mensurável.

[...] o tempo histórico, caso o conceito tenha mesmo sentido próprio, está associado à ação social e política, a homens concretos que agem e sofrem as consequências de ações, a suas instituições e organizações. Todos eles, homens e instituições, têm formas próprias de ação e consecução que lhes são imanentes e que possuem um ritmo temporal próprio. (KOSELLECK, 2006, p. 14).

Muito embora Koselleck não concorde com a idéia moderna de um tempo histórico que é único e universal, vai problematizar a existência sim de um tempo agora não mais natural, mas fruto das ações dos homens, sobretudo, das diferentes ações dos diferentes homens, em diferentes espaços e em tempos sobrepostos uns aos outros. Segundo o autor, o



conceito de tempo histórico se define e se constitui no processo de determinação da distinção entre passado e futuro.

No entanto, para Koselleck (2006), a relação entre passado e futuro – capaz de definir o *tempo histórico* – também alterar-se-á na seqüência das gerações históricas, introduzindo, ao mesmo tempo, mais um conceito que nasce com os modernos, e que o presente trabalho recupera em Schorske (2000) e recuperará com Mannheim (1968), a saber, o conceito de gerações.

Estarão, então, presentes nas filosofias da história do século XVIII os esquemas temporais - já presentes, porém, em Vico - no sentido de estabelecer uma relação das histórias particulares dos povos e a história da humanidade no seu conjunto. Em Millar e Fergusson, segundo Bodei (2001), há a exclusão da linearidade histórica – devido, entre outras coisas, às descobertas geográficas – e o desenvolvimento da história através de tempos múltiplos, diferenciados, cada um típico de um povo de acordo com seu grau de desenvolvimento. Aqui se entende que a história não avança da mesma forma no tempo e nos diversos espaços. Para Bodei (2001)

Isso significa que o tempo histórico pode sofrer algumas bruscas acelerações locais e que a velocidade da mudança se comensura à estagnação relativa das populações que, embora também elas passem por mudanças, ficam, todavia, mormente estacionárias com relação às outras. (BODEI, 2001, pág. 30).

Reside aqui a idéia de um contraste de desenvolvimento no interior de um mesmo tempo histórico e um complexo modelo de desenvolvimento por estádios, em que há a co-existência de diversos níveis de desenvolvimento civilizatórios no mesmo tempo cronológico.

Segundo Braudel (1989), há uma

[...] **dialética** peculiar à história, fundada na diversidade dos próprios tempos históricos: tempo rápido dos acontecimentos, tempo esticado dos episódios, tempo lento, preguiçoso, das civilizações. Pode-se ficar nos limites deste ou daquele tempo histórico cada vez que se trata de um estudo particular. Em compensação, qualquer tentativa de explicação histórica **global** – como história das civilizações – obriga a multiplicar essas fotografias, distintas por seu tempo de pausa, e, depois, a reduzir estes múltiplos tempos e imagens à



unidade, tal como as cores do espectro solar devidamente misturadas restituem obrigatoriamente a luz branca¹(BRAUDEL, 1989, p. 20).

Neste sentido, porém não limitado a ele, traz Hobsbawm (1992) outra contribuição importante sobre o conceito e significação do tempo histórico, enquanto tempo presente. Para o autor,

“Le paradoxe de l’histoire contemporaine, c’est sa non-contemporanéité. Nous n’avons pas tous le même ‘temps présent’. Le temps présent que je partage avec François Bédarida, depuis que nous nous sommes rencontrés dans les années 1950, c’est tout ce qui se passe dans le monde depuis le début de la guerre d’Algérie. Lui, il l’a vécu à travers une optique française, moi, en tant qu’Anglais, et ce n’est donc pas tout-à-fait la même fin de siècle qui se précipite vers chacun de nous. Mais, comparée au temps présent de quelqu’un qui serait né il y a vingt-cinq ans et qui préparerait sa thèse, elle est pratiquement identique. Car pour nous les événements mondiaux de 1968 font partie de l’expérience adulte, tandis que pour notre jeune thésard(e) hypothétique, ils appartiennent au passé mort, celui qu’on récupère par les fouilles dans les archives, ou au mieux, dans la zone grise de l’anecdote et du et du mythe courant: pour lui (ou elle), 1968 est aussi éloigné que l’était 1918 pour moi. Le véritable ‘temps présent’ ne commence qu’avec la conscience de vivre dans le monde. Evidemment, même le plus jeune chercheur est impregné d’information historique, mais ce n’est pas la même chose que l’histoire vécue. J’ai été politisé quand j’étais un lycéen de 14 ans à Berlin, entre 1931 et 1933. Je me souviens de ce jour quand, rentrant de l’école, j’ai vu sur l’affiche du journal du soir que Hitler avait été nommé chancelier de l’Allemagne. Quand je raconte cela aux étudiants de mon cours d’histoire contemporaine à New York, ils me regardent comme se je leur avais dit que j’avais assisté à l’assassinat de Abraham Lincoln en 1865. Car pour eux c’est de l’histoire ancienne, presque Le Moyen Age. Et pourtant pour moi, c’est l’avant-hier qui continue à colorer mes ‘aujourd’hui’. (HOBSBAWN, 1992, p. 96).

O mesmo problema colocado por Hobsbawm (1992) sobre a Modernidade trazer no interior de si um paradoxo temporal que revela a não-contemporaneidade da história contemporânea, está presente também nas investigações de Koselleck ao pensar um processo de “[...] temporalização da história, em cujo fim se encontra uma forma peculiar de aceleração que caracteriza a nossa modernidade [...]” (KOSELLECK, 2006, p. 23).

¹ Esta citação foi retirada do livro *Gramática das Civilizações* de Braudel. Muito embora com a intenção de subsidiar a discussão que se coloca a respeito do tempo histórico, este trecho também nos traz reforços teóricos para um debate que transpõe todo o corpo deste trabalho: o problema da fragmentação e da totalidade.



O que o estudo das filosofias da história traz de mais importante a ser destacado neste trabalho é justamente compreender o que conduziu a história até a sociedade moderna e o que a conduziu a partir dela. Ou seja, qual era o senso da história até o surgimento da sociedade moderna e como ele é redefinido a partir dela.

Neste sentido, a preocupação de Millar, segundo Bodei (2001), é justamente tentar compreender de que forma as sociedades primitivas – constituídas em cadeias verticais de subordinação e hierarquia baseadas na vontade divina ou no sangue – puderam derivar as sociedades modernas, articuladas segundo relações mercantis de troca, nas atividades comerciais e no desenvolvimento econômico.

Para a denominada filosofia da história escocesa, não mais Deus e a Providência conduzem o curso da história, mas, agora, demonstrará Bodei (2001), o conduz o próprio homem, ou melhor, o seu interesse próprio: o amor de si. O motor da história agora passa a ser não mais o mito, o medo, a esperança, mas o interesse do próprio homem, novamente, o amor de si.

Para a segunda tradição teórica, segundo Bodei (2001), a filosofia da história francesa, representada por Tugort e Condorcet, a história é o resultado de toda a riqueza do passado, à medida que retoma em cada época todo o progresso de épocas precedentes. Ao contrário do *homo oeconomicus*, do interesse privado como motor da história e da idéia de “mão invisível” do mercado presentes na tradição escocesa da filosofia da história, em Condorcet o *homme raisonnable* é o que vai erigir uma barreira ao “domínio do acaso” e calcular através da razão o sentido da história (BODEI, 2001). Se a história da humanidade é resultado da confluência de fatores objetivos e subjetivos, ou seja, da contingência e da atuação humana, cabe à razão interpretar o curso da história a partir da co-existência de forças que operam em seu interior; o cruzamento entre os fatos naturais e as motivações humanas; o cruzamento entre acontecimentos casuais e acontecimentos necessários. (BODEI, 2001)

No entanto, segundo Bodei (2001), o modelo de filosofia da história no qual a necessidade tende a afirmar-se encontra sua primeira expressão em Fichte. A idéia, em Fichte, da necessidade como fator imperativo na sociedade, segundo Bodei (2001), pode ser denominada como “física das revoluções”. O eclodir da revolução é, para Fichte,

[...] consequência da ideia de incomprimibilidade das aspirações humanas à justiça e à liberdade, consideradas como uma força física. As revoluções



ocorrem todas as vezes que se ultrapassa um limite de opressão. (BODEI, 2001, p.43).

Porém, enquanto em Condorcet a marcha do movimento histórico depende de determinadas pré-condições e, acima de tudo, da intervenção do homem, em Fichte e Marx é a mudança social resultado inevitável do esgotamento da sociedade capitalista, não podendo ser impedida pelas forças de conservação (BODEI, 2001).

Segundo Koselleck (2006), a religião, bem como a filosofia da história cristã, foram substituídas na Modernidade pelas filosofias da história seculares, fundamentadas na idéia de progresso sempre contínuo da humanidade, agora não mais pela orientação da Providência, mas pelo próprio homem.

Até agora, acompanhamos o represamento ou o solapamento, a erosão ou a canalização das previsões de fim do mundo. Emerge agora a questão oposta sobre os esboços do porvir (pois é deles que se trata), que se colocaram em lugar da idéia do futuro como fim. Podem-se distinguir dois tipos, que tanto se relacionam entre si como remetem ainda às profecias sagradas: de um lado, o prognóstico racional; do outro, a filosofia da história. (KOSELLECK, 2006, p. 31).

Neste sentido, atenta Koselleck para substituição, agora na Modernidade, das antigas profecias para a previsão racional, o chamado *prognóstico*. Permanece a necessidade ainda mais forte de previsão dos acontecimentos, dada a nova circunstância de imprevisibilidade e insegurança trazida pela ruptura com a tradição e a religião que outrora garantiam aos homens segurança, perspectiva e esperança.

O futuro tornou-se um campo de possibilidades finitas, organizadas segundo o maior ou menor grau de probabilidade... A ponderação da probabilidade dos acontecimentos que poderiam ou não se realizar eliminou assim uma compreensão do futuro que era natural para os partidos religiosos, ou seja, a imposição, dentro da certeza da chegada do Juízo Final, da alternativa do Bem e do Mal como única máxima de ação... O contato diário com a incerteza aumentou a necessidade de maior precisão nas previsões, o que leva ao sentido concebido por Richelieu, quando ele diz ser mais importante pensar no futuro que no presente. (KOSELLECK, 2006, p.32).

Ainda para o autor,



Enquanto a profecia ultrapassava o horizonte da experiência calculável, o prognóstico, por sua vez, está associado à situação política... O prognóstico é um momento consciente de ação política... O tempo passa a derivar, então, do próprio prognóstico, de uma maneira continuada e imprevisivelmente previsível... O prognóstico produz o tempo que o engendra e em direção ao qual ele se projeta, ao passo que a profecia apocalíptica destrói o tempo, de cujo fim ela se alimenta... Por seu caráter variável, as profecias podem ser prolongadas a qualquer momento. Mais ainda: a cada previsão falhada, aumenta a certeza de sua realização vindoura. Um prognóstico falho, por outro lado, não pode ser repetido nem mesmo como erro, pois permanece preso aos seus pressupostos iniciais. (KOSELLECK, 2006, p.32).

Para Koselleck (2006), essa (re)descoberta espacial e temporal, própria da Modernidade, não representou apenas uma mudança na relação tempo-espço, com o surgimento, agora, da noção de tempo histórico. Representou também uma mudança conceitual, “[...] um deslocamento lexical que esvazia o sentido do velho topos, ou que, ao menos, acelera o esvaziamento de seu sentido.” (KOSELLECK, 2006, p. 48).

O advento da idéia do coletivo singular, manifestação que reúne em si, ao mesmo tempo, caráter histórico e lingüístico, deu-se em uma circunstância temporal que pode ser entendida como a grande época das singularizações, das simplificações, que se voltavam social e politicamente contra a sociedade estamental: das liberdades fez-se a Liberdade, das justiças fez-se a Justiça, dos progressos fez-se o Progresso, das muitas revoluções ‘La Révolution’. (KOSELLECK, 2006, p. 52).

Segundo o autor, o conceito coletivo singular de história [*Geschichte*] impõe-se no mesmo momento que o conceito de filosofia da história, bem como ao mesmo tempo em que proliferam as histórias conjecturais.

A *Geschichte*, tanto do ponto de vista histórico quanto lingüístico, sinaliza agora não só a singularidade dos processos históricos, mas, sobretudo, a possibilidade de sua progressão.

Neste mesmo sentido, também para Todorov (2008), a Modernidade, mais especificamente a Primeira Modernidade ou o período das *Luzes*, vai re-significar os conceitos dos antigos. Para o autor, os ingredientes são antigos, no entanto, sua combinação é nova.



O *espírito das Luzes* consiste, para Todorov (2008), no momento em que nenhum dogma pode ser mais considerado sagrado; em que se goza de liberdade de examinar e tudo colocar em dúvida; em que, subtrai-se o homem de toda tutela imposta a Deus e aos *homens de fora*, e deixam-se guiar pelas leis que agora são suas.

A idéia de uma lógica interna à história, tal como demonstra Bodei (2001) existente em Da Fiore - que introduz a Providência, outrora tutora da humanidade, agora para dentro do mundo histórico, na medida em que as figuras da Trindade encarnam nos próprios acontecimentos - ganhará, na Modernidade, um novo sentido, sendo re-significada, redefinida, de modo a reorientar os homens. A exclusão do elemento teológico extrínseco, que Da Fiore introduz na filosofia da história cristã, dará abertura para as filosofias da história seculares, próprias das *Luzes*, nas quais a explicação para os acontecimentos é buscada no interior deles.

Não mais Deus, mas a Ciência; não mais a Fé, mas a Razão; não mais a Providência, mas o Prognóstico; não mais o Futuro determinado pelo Destino, mas o Futuro determinado pelo Progresso. Porém, o que deve ser sempre lembrado com grande destaque é que *os ingredientes são antigos, no entanto, sua combinação é nova* (Todorov, 2008). O que significa, por exemplo, que a religião sai do Estado, no entanto, sem abandonar o indivíduo. As *Luzes* não têm por objetivo recusar a religião, mas conduzir a uma atitude de tolerância e à defesa da liberdade de consciência (Todorov, 2008), inexistente nos tempos dos antigos.

Segundo o autor,

Tendo rejeitado o antigo jugo, os homens fixarão suas novas leis e normas com a ajuda de meios puramente humanos – já não há lugar, aqui, para a magia, nem para a revelação. À certeza da Luz descida do alto substituir-se-á a pluralidade de luzes que se difundem de pessoa para pessoa. A primeira autonomia conquistada é a do conhecimento. Este parte do princípio de que nenhuma autoridade, por mais bem estabelecida e prestigiosa que seja, está livre de crítica. (TODOROV, 2008, p. 16).

Segundo Todorov (2008), são três as idéias que se encontram na base do projeto das *Luzes*, a saber, a autonomia, a finalidade humana de nossos atos e, por fim, a universalidade. O conhecimento, neste cenário, passa a desempenhar papel fundamental na libertação do espírito humano. À educação são direcionados todos os olhares, como aquela que é responsável pela transmissão deste conhecimento que, agora, não só liberta o espírito; também não só incentiva o progresso sempre contínuo rumo à perfeição encarnada na idéia de



liberdade (KANT, 1958); mas, sobretudo delimita o espaço e o tempo não mais da tradição, não mais do poder soberano da igreja, mas da Razão, do Estado emancipado, do indivíduo livre e autônomo. À escola caberá difundir os limites do antigo e do moderno.

Todos os setores da sociedade tendem a se tornar laicos, ainda que os indivíduos permaneçam crentes... **Também a escola, destina-se a ser subtraída ao poder eclesiástico para se tornar um lugar de propagação das Luzes**, aberta a todos, portanto gratuita, e ao mesmo tempo obrigatória para todos. (TODOROV, 2008, p. 19, grifo nosso).

A investigação do projeto das Luzes, da Modernidade e de suas ambigüidades, de suas re-significações, bem como de seus objetivos, utopias e idéia de progresso não alcançadas, possibilitam a compreensão de uma crise da Modernidade, um processo de desencantamento, mas, sobretudo, uma reação de recusa manifesta nas correntes de pensamento próprias do século XX – tal como a *École des Annales*.

Se existe uma inquietação característica das correntes de pensamento do século XX, está ela representada, anterior a sua recusa ao projeto iluminista, na perplexidade e incapacidade de compreender um tempo histórico que rompe com o jugo dos antigos, mas que, no entanto, não alcança um telos de liberdade, perfeição e felicidade, mas de carnificina e miséria; miséria esta, não só material, mas cultural, política e espiritual.

Alemanha *fin-de-siècle* – Bauhaus como representação do Moderno na República de Weimar

“A República de Weimar foi uma idéia buscando tornar-se realidade (...) **Mas Weimar passou também a simbolizar um prognóstico, ou, pelo menos, uma esperança, para um novo começo [...]**”. (GAY, 1978, p.15, grifo meu).



Para Richard (1988), se houve um tempo e um espaço em que cultura e política estabeleceram laços frente a um projeto nacionalista, foi a Alemanha de 1914. De acordo com o autor, intelectuais, romancistas, compositores, dedicaram suas obras em prol de um engajamento político. A essa unanimidade, jornalistas, escritores, professores e outros desejavam estreitar laços. Também optaram pela adesão muitos que até então se haviam mantido à distância da política, ou mesmo os que haviam adquirido renome por seu espírito crítico, como os escritores da geração naturalista (RICHARD, 1988). Um caso emblemático, e ao mesmo tempo curioso, de acordo com Richard (1988), foi o de Thomas Mann. Curioso porque apóia o *Volk* alemão rumo à construção de uma Alemanha nacionalista e eugênica, sendo ele, Thomas Mann, filho de brasileira (MISKOLCI, 2003)

Durante o período imperialista, identidade nacional e ‘raça’ se confundiam. O caso alemão é, com certeza, o mais notório extremo. A identidade nacional alemã baseava-se em uma hipotética pureza de raça e, como consequência, em uma rejeição do estrangeiro, do indivíduo considerado ‘racialmente inferior’. (MISKOLCI, 2003, p.15).

Este conflito, internalizado em Thomas Mann e representado em suas personagens, era apenas uma representação diminuta de um conflito ainda maior que figurava na convulsiva atmosfera do período de guerras na Alemanha (MISKOLCI, 2003).

Segundo Gay (1978), existiam, ou ainda, coexistiam duas Alemanhas. Uma militar, politicamente opressiva a ponto de subjazer as vontades próprias. A outra, das poesias, da filosofia Humanística e do cosmopolitismo pacífico.

Mas a Alemanha de Guilherme, embora filistina e opressiva, não era uma ditadura, e o movimento modernista alimentava-se da oposição. O Expressionismo, que viria a dominar a cultura de Weimar durante os anos de formação, amadureceu plenamente o Império. Os pintores e poetas Expressionistas faziam declarações inflamadas, exibiam quadros ultrajantes, publicavam revistinhas avant gard e reuniam-se, para colaboração e confronto, em grupos informais como Die Brücke e Der blaue Reiter. (GAY, 1978, p.17-18).



Segundo, Richard (1988),

Na região de *Compiègne*, naquele dia 7 de novembro de 1918, a chuva não parou. Os soldados franceses dos postos avançados da 166ª Divisão permaneceram tensos e vigilantes até a noite, na expectativa. De repente, uma mancha de luz surge ao longe, na direção de *La Capelle*. Eles estão agora certos de que a espera não vai durar a noite toda: eis a delegação alemã que lhes foi anunciada. Pouco a pouco, através do nevoeiro, o comboio de automóveis se torna visível. Presa ao primeiro carro, flutua uma bandeira branca. (RICHARD, 1988, p.12).

O 7 de novembro de 1918, de acordo com o autor, marca a rendição da Alemanha à derrota da Primeira Guerra Mundial. Marca também uma Alemanha já imersa, por ocasião da guerra, na mais extrema miséria.

A partir dos primeiros meses de 1916, o descontentamento se havia instalado entre os operários, os artesãos, os pequenos comerciantes, que se queixavam de não mais encontrar o que comer, enquanto os ricos se abasteciam no mercado negro. A 17 de junho de 1916, em Munique, milhares de manifestantes se tinham revoltado contra a miséria e a divisão injusta dos produtos alimentares. Relatórios policiais indicam tensões e riscos de revolta entre a população indigente na região de Hanôver. Com o rigoroso inverno de 1916-1917, a situação piorara ainda mais. Leite, manteiga, batatas haviam passado à categoria de produtos de luxo. A ração semanal de carne oscilava entre 100 e 190 gramas para o habitante da cidade. Beterraba e nabos constituíam o alimento mais comum... Na cantina, nabos eram servidos em todas as refeições, às vezes com batatas, mas, mais frequentemente sem elas... Quando era possível o abastecimento, o racionamento instituído dava direito a um ovo, 2,5 quilos de batatas e 20 gramas de manteiga por semana. Em Berlim, as sopas populares eram freqüentadas por quase 200.000 fregueses. (RICHARD, 1988, p. 14-15).

Também a ostentação da sociedade alemã cedia, ao findar da guerra, lugar ao esvaziamento espacial e cultural e à miséria. E toda a vida cotidiana orbitava em torno da guerra. (RICHARD, 1988)



As lojas de luxo não tinham fechado, nem os restaurantes com terraços e os salões de chá. Mas com o passar dos meses a austeridade ganhara as avenidas mais elegantes da capital. A iluminação a gás era racionada. As senhoras de boa família não tomavam mais o chá das cinco em suas confeitarias habituais, as tardes de tricô tinham lugar na casa de uma ou de outra. Algumas tinham encontrado uma ocupação nas creches improvisadas, que se haviam multiplicado, pois as crianças estavam cada vez mais entregues a si mesmas. Na maioria dos casos, as mães trabalhavam. Muitas escolas eram transformadas em hospitais militares. Ou fechadas nos meses de inverno, como consequência da incorporação dos professores ao exército. (RICHARD, 1988, p. 15).

Junto à miséria e escassez de alimentos, as debilidades físicas e doenças,

Evidentemente, a desnutrição tornava as pessoas mais vulneráveis às doenças. Em Frankfurt, a mortalidade por tuberculose subiu de 11,9% em 1914 para 17,3% em 1917. Em 1916, Berlim conheceu tantas vítimas da tuberculose quanto trinta anos antes, quando se começava a tratar dessa doença. Nas escolas, classes inteiras estavam cobertas de furúnculos. Surgiram casos de tifo e cólera. Milhares de crianças, de mulheres e de velhos sucumbiram à epidemia de gripes que grassou em 1918. (RICHARD, 1988, p. 17).

A idéia e sentimento de unidade que figurava no cenário alemão pouco antes da guerra, foi solapada junto com a integridade, seja ela física, material ou espiritual, dos alemães na convulsiva atmosfera, durante e depois, da Primeira Guerra Mundial. Segundo Richard (1988), o fervor patriótico, que em agosto de 1914 arrebatara o povo alemão, começa agora a declinar. Já não mais possui sentido a unidade nacional, tampouco o discurso nacionalista.

Houve a necessidade de reconstruir uma identidade diante o esfacelamento da nação alemã, o que significou, segundo Richard (1988), a construção de um novo espírito unificador que penetrasse a consciência dos indivíduos e, desta forma, os unisse novamente.

Após os anos 20, grupos mistos se tornaram mais frequentes... Mas a evasão da vida cotidiana era ainda a mesma de antes de 1914? Essa evasão não era mais revolta ou emancipação. Era simplesmente uma maneira de escapar ao presente. Eis por que os remanescentes do Movimento de Juventude foram presa fácil das associações nacionalistas. A Ordem Jovem-Alemã convidava mesmo todos os jovens, em 1929, a formar uma frente comum para exercer uma ação sobre o Estado. As diferenças religiosas, políticas e sociais,



deviam ser superadas para que todas as forças da juventude do pós-guerra construíssem, acima dos partidos, a nova época! (RICHARD, 1988, p.150).

A construção de uma nova solidariedade passava a figurar enquanto preocupação central da Alemanha pós Primeira Guerra, marcada pelas duras conseqüências do cataclismo da guerra. Todos os esforços são dirigidos à reunificação desta nação, o que viria implicar, sobretudo, a consolidação de uma nova mentalidade. Para o autor, um espírito clânico passa agora a dar sustentação a este novo projeto alemão. As palavras, as idéias, os discursos, as ideologias se consolidam sobre uma solidariedade de raça. “E foram finalmente os nazistas que recolheram em seu proveito todos esses impulsos para a natureza, para a comunidade, para um chefe” (RICHARD, 1988, p.150).

Estes movimentos de juventude na Alemanha se desenvolveram, segundo Haroche (2006), numa atmosfera marcada pelo recalque, ódio e rejeição à velhice e a tudo que a ela remetia, e no amor, desejo e busca obsessiva por tudo o que fosse jovem, novo, e remetesse ao moderno.

No entanto, é também marco inaugural de um novo momento histórico e cultural na Alemanha, a saber, a República de Weimar

À distância, a repressão na qual o Terceiro Reich, a seguir, mergulhou a Alemanha permite sem dúvida apreciar com mais serenidade o liberalismo relativo que podia ainda existir sob a República de Weimar. No entanto, foi mesmo a sombra e não a luz que venceu. Das peças de Brecht aos romances de Alfred Döblin e de Anna Seghers, dos quadros de Otto Dix e de George Grosz às composições musicais de Hanns Eisler, Paul Hindemith, Arnold Schönberg ou Kurt Weill, para só citar alguns nomes, a maré escura acabou por recobrir com uma sombra espessa tudo o que contava na arte da época, eliminando ou forçando à emigração centenas de escritores, artistas e cientistas (*A Vida Cotidiana – A República de Weimar* de Lionel Richard, 1988 - *Em direção ao Terceiro Reich*, capítulo X, p. 271-272).



Viena fin-de-siècle - Ringstrasse como representação do Moderno na Áustria

A modernidade vienense, ou no alemão “*Wiener Moderne*”, atinge sua expressão maior de 1890 a 1910, vigorando nestes 20 anos – segundo Le Rider (1992) – enquanto resultado das mudanças políticas, sociais e culturais iniciadas em 1848, que culminaram em novos movimentos em diferentes campos, tal como,

[...] em filosofia (positivismo e epistemologia em Ernst Mach, fenomenologia e filosofia da linguagem em Franz Brentano), em ciências humanas (a psicanálise de Sigmund Freud, a história da arte em Alois Riegel e Franz Wickhoff), em ciências sociais (a renovação da economia política em Carl Menger e seus discípulos e do direito em Hans Kelsen), em literatura (com a “Jovem Viena” de Hugo Von Hofmannsthal e Hermann Bahr), nas artes plásticas (Gustav Klimt e a Secessão, artes decorativas e Wiener Werkstätte, erupção do expressionismo em Oskar Kokoschka e Egon Schiele), em arquitetura (entre Otto Wagner e Adolf Loos), em música (de Gustav Mahler até Arnold Schönberg), como também em política (nascimento do anti-semitismo moderno e do sionismo, formação austro-marxismo). (LE RIDER, 1992, p.24).

Viena *fin-de-siècle*, por meio de sua intelligentsia, realizou grandes inovações, identificadas culturalmente como *escolas viennenses* (SCHORSKE, 1988). Figuram, neste cenário, de acordo com o autor, nomes e obras como as de Schnitzler na literatura, Freud na psicologia, Gustav Klimt na pintura, entre outros. De acordo com o autor, os movimentos modernos surgiram na Áustria nos anos 1890 e atingiram sua plena maturidade duas décadas depois.

Segundo Schorske (1988), a ascendência política da classe média liberal na Áustria, muito embora tenha sido a última a se consolidar, foi a primeira a entrar em colapso, possuindo um curto tempo de vida e devendo, talvez, à crise política o desenvolvimento de sua alta cultura. Também para Le Rider (1992), a modernidade vienense está estritamente vinculada à situação sociocultural da monarquia austro-húngara.

Apesar de todos os percalços no que diz respeito à ascensão e crise de uma classe e política liberal, a intelligentsia vienense, consolidada nos anos iniciais do século XX, é



considerada, para Schorske (1988), social e culturalmente mais coesa. Uma elite intelectual e cultural que se caracteriza pela coexistência do tradicional e do moderno, do provincianismo e do cosmopolitismo, do conservadorismo e da inovação. Ao contrário de outras capitais culturais ocidentais – tais como Berlim e até mesmo Weimar, Paris e Londres – Viena mantém coesa e sólida sua elite.

O salão e o café conservavam sua vitalidade como instituições onde vários tipos de intelectuais compartilhavam idéias e valores, e se misturavam a uma elite de profissionais liberais e homens de negócios, orgulhosa de sua cultura geral e artística. (SCHORSKE, 1988, p.22).

Diferentemente das demais capitais do *Die Jungen*, Viena – embora coesa culturalmente - não conciliava cultura e política.

[...] a “alienação” dos intelectuais em relação a outros setores da elite, o desenvolvimento de uma subcultura iniciática ou vanguardista, afastada dos valores políticos, éticos e estéticos da classe média alta ocorreu em Viena mais tardiamente do que em outras capitais culturais ocidentais, embora talvez de forma mais rápida e definida. A maior parte da geração pioneira de produtores culturais... foi alienada juntamente com sua classe, ao ser excluída do poder político, sem chegar a se separar e se opor a ela como classe dirigente. (SCHORSKE, 1988, p.22).

A luta do liberalismo contra a aristocracia e o absolutismo barroco, que acontece em toda a Europa, encerra-se com a derrota de 1848 (SCHORSKE, 1988), quando os liberais chegam ao poder, não só na França, mas na Europa. No entanto, segundo Schorske (1988), a base social do liberalismo austríaco não conseguira se fortalecer, uma vez que, desde a sua ascensão ao poder, os liberais tiveram que dividir o poder com a aristocracia e burocracia imperiais.

Neste sentido, “cada vez mais identificados com o capitalismo, ‘os liberais’ conservaram o poder legislativo graças ao expediente não democrático de direito de voto restritivo” (SCHORSKE, 1988, p.27).



Por este motivo, camponeses, artesãos e operários urbanos constituíram novos grupos sociais que, por sua vez, formaram partidos de massa, com intuito de reivindicar participação na política e como ofensiva popular contra a hegemonia liberal. (SCHORSKE, 1988)

Em 1900, segundo o autor, os liberais foram derrotados, enquanto poder político parlamentar, pelos movimentos de massa modernos, a saber, cristãos, anti-semitas, socialistas e nacionalistas. “O progresso parecia ter chegado ao fim” (IDIDEM, p.28), pois esta massa de levante hostil à alta cultura altera o curso racional da história, colocando em maior visibilidade, agora, não mais o homem racional, mas o homem psicológico.

Para Schorske (1988, p.28), “[...] ansiedade, impotência, consciência agudizada da brutalidade da vida social: esses traços adquiriram um novo lugar central num clima social onde o credo liberal vinha sendo estilhaçado pelos acontecimentos.”.

Em referência a este contexto, Schorske (1988) efetua, com brilhantismo, uma análise comparativa de um fenômeno macro reportando-se a uma mudança rítmica na composição em *La Valse* de Maurice Ravel. Segundo o autor, Ravel anuncia nesta sua composição a morte do mundo oitocentista.

Embora Ravel celebre a destruição do mundo da valsa, não o apresenta de saída com uma visão unificada. Pelo contrário, a obra se abre como um prenúncio das partes individuais que comporão o conjunto: fragmentos de temas de valsa, disseminados por uma imobilidade meditativa. Gradualmente as partes se encontram... Cada um desdobra sua individualidade, ao se unir aos parceiros na dança... Os elementos concêntricos se tornam excêntricos, separados do todo, assim transformando a harmonia em cacofonia... A paralisia parcial de cada elemento enfraquece o movimento... cada tema continua a exalar sua individualidade, agora excêntrica e distorcida, no **caos da totalidade**. (SCHORSKE, 1988, p.25-26, grifo nosso).

A esta parábola musical de Ravel sobre uma crise cultural moderna, Schorske (1988) tece uma série de questões na tentativa de compreender uma sociedade que agora se destina ao esfacelamento. No que tange os interesses da presente pesquisa, ficam três grandes perguntas que, enquanto pano de fundo, norteiam este trabalho, a saber: terá sido o próprio conjunto, enquanto tal, que distorceu, paralisou e destruiu os indivíduos que o compunham? Terá, talvez, nunca existido nenhum conjunto social rítmico, apenas uma ilusão de movimento



unificado, resultante de uma articulação casual de partes essencialmente incoesas, isoladas? E, se assim for, poderia a ilusão de unidade se converter em realidade?

Essas são precisamente as preocupações que perpassam todos os temas aqui desenvolvidos na forma de capítulos.

No que diz respeito, especialmente à Viena, constata-se, à partir de Schorske (1988), que o século XX se coloca enquanto o algoz do homem racional do século XIX e, ao mesmo tempo, representará - o século XX - o século do homem novo, o homem psicológico. Seus “atalaias” - pintores, historiadores, intelectuais, músicos - anunciarão a morte de um homem que, outrora, foi senhor da razão, anunciando, concomitantemente, o nascimento de um homem que agora é guiado por outras formas de pensar, agir e sentir.

Esse novo homem não é simplesmente um animal racional, mas uma criatura de sentimentos e instintos. Tendemos a fazer dele a medida de todas as coisas em nossa cultura. Nossos artistas da subjetividade interior pintam-no. Nossos filósofos existencialistas tentam dar-lhe sentido. Nossos cientistas sociais, políticos e publicitários manipulam-no. Mesmo a nossa crítica social avançada, para julgar o valor de uma ordem social, é a ele que recorre, ao invés de lançar mão do critério do direito racional. Até a opressão política e econômica avaliamos em termos de frustração psicológica. Ironicamente, em Viena, foi a frustração política que estimulou a descoberta deste homem psicológico hoje onipresente. (SCHORSKE, 1988, p.26).

A cultura na Áustria era, sobretudo, uma via para inserir-se na vida imperial. Para tanto, Schorske (1988) distingue dois tipos de cultura austríaca. A cultura tradicional da aristocracia austríaca, católica, era caracterizada por ser uma cultura plástica e sensual. Já a cultura tradicional burguesa na Áustria era legalista e puritana.

Ao tentar-se assimilar à velha cultura aristocrática da elegância, a burguesia educada se apropriou da sensibilidade estética e sensual, mas sob forma secularizada, distorcida e altamente individualizada... A ameaça dos movimentos políticos de massa emprestou uma nova intensidade a essa tendência já existente, ao enfraquecer a confiança liberal tradicional no seu legado de racionalidade, lei moral e progresso. A arte se transformou de ornamento em essência, de expressão em fonte de valor. A catástrofe da ruína do liberalismo metamorfoseou ainda mais a herança estética em cultura de nervos sensíveis, hedonismo inquieto e, muitas vezes, fraca ansiedade. E, crescendo-se ao quadro já complexo, a intelligentsia austríaca não deixou



totalmente de lado o fio condutor de sua tradição, a saber, a cultura moralista-científica da lei. (SCHORSKE, 1988, p.31).

No entanto, bem como o círculo de Viena, outras perspectivas teóricas, outras correntes de pensamento nascem em sustentação a essa nova configuração social. A Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, na Alemanha; a École des Annales na França; o existencialismo; e, sobretudo, o irracionalismo. Todas elas, na concepção deste trabalho, como reações a uma modernidade que não atingiu seus objetivos; que, muito ao contrário, dizimou milhares de seres humanos, promoveu a xenofobia, disseminou a fome e a miséria, etc.

Para Schorske (1988), em alusão à compreensão que Schnitzler e Hofmannsthal, não só a cultura moderna, mas, sobretudo, a sociedade moderna são representadas em suas obras, como uma sociedade pluralista, sem coesão, sem linearidade, sem direção. Uma nova percepção da realidade para a figurar entre os grandes intelectuais e artistas do começo do século XX. Uma sociedade que agora dá vazão a outros aspectos da humanidade, outrora negligenciados, em detrimento da razão.

Essa nova percepção da realidade fez com que a própria razão perdesse sua eficácia, para Hofmannsthal. ‘Tudo se fez em pedaços, os pedaços ainda em outros pedaços’, diz um de seus personagens, ‘e nada se deixa apreender mais por conceitos’. Para Hofmannsthal, as naturezas mais nobres teriam de se submeter à provação de interiorizar “uma massa totalmente irracional do não-homogêneo, que pode se tornar seu inimigo e tormento”. Para o poeta, essa provação era realmente o apelo à função que lhe cabia no mundo moderno: reunir os elementos díspares da época, construir ‘o mundo de relações [Bezüge]’ entre eles. (SCHORSKE, 1988, p.39).

Hofmannsthal buscava identificar e revelar - diante de uma modernidade em crise, caracterizada pelo esfacelamento e perda de vínculos entre, não só os grupos, mas, sobretudo, os indivíduos – elementos de unificação presentes em partes da vida, ainda ocultas, ligadas entre si, Schorske (1988), e que seriam representados em suas obras.

Assim, o poeta, um tanto à semelhança do historiador, aceita a multiplicidade das coisas em sua singularidade, e revela a unidade em sua



inter-relação dinâmica. Da discordância ele traz a harmonia, através da forma. (SCHORSKE, 1988, p. 40).

Segundo o autor, tanto Schnitzler quanto Hofmannsthal enfrentaram o mesmo problema, a saber, a dissolução da visão liberal clássica do homem e o surgimento do homem psicológico dentre os escombros da velha cultura. Mas não só o dramaturgo e o poeta austríacos puderam perceber esta transição. Também Thomas Mann, o romancista alemão, ou ainda, Marcel Proust, o romancista francês.

Neste sentido, é sustentada aqui a hipótese de Rosenfeld (1996) sobre a existência, em cada fase histórica, de “um espírito unificador que se comunica a todas as manifestações de culturas em contato, naturalmente com variações nacionais” (p.75). Para o autor, em outras palavras, existe uma unidade espiritual – *Zeitgeist* – das fases históricas representada não só na pintura ou demais artes visuais (como o teatro, por exemplo), mas igualmente representada no romance.

Nota-se no romance do nosso século uma modificação análoga à da pintura moderna, modificação que parece ser essencial à estrutura do modernismo. A eliminação do espaço, ou da ilusão do espaço, parece corresponder no romance a uma sucessão temporal. A cronologia, a continuidade temporal foram abaladas, ‘os relógios foram destruídos’. O romance moderno nasceu no momento em que Proust, Joyce, Gide, Faulkner começam a desfazer a ordem cronológica, fundindo passado, presente e futuro. (ROSENFELD, 1996, p.80).

Segundo Rosenfeld (1996), a definição de espaço e tempo, até então manipuladas como se fossem absolutas, quando, na verdade, nada mais eram que formas relativas da nossa consciência, passam, agora no ponto alto da modernidade, a serem denunciadas como relativas e subjetivas, seja por meio das artes visuais e/ou cênicas, seja pelo romance, pela pintura.

A Europa fin-de-siècle, através de suas produções artísticas, denuncia uma realidade ilusória, manipulada. Rompe laços com o mundo empírico das aparências, ou seja, “[...] com o mundo temporal e espacial posto como real e absoluto pelo realismo tradicional e pelo senso comum.” (ROSENFELD, 1996, p.81).



Ao importar-se em lançar luzes à realidade como tal e à experiência psíquica, não somente se reestrutura o romance, a pintura, o teatro, mas, sobretudo, as narrativas históricas. Também não somente se desmascara e se suprime as formas ilusórias de tempo e espaço, modificando-se sua concepção. Não só se pretere uma perspectiva tradicional que ilude espacial e temporalmente. Para além de todas estas contribuições, a fase histórica, denominada como *fin-de-siècle*, representa o nascimento do Jung, do moderno, da geração, mas, sobretudo, do parricídio, que, por sua vez, trará consigo um perigo iminente, a saber, o do relativismo, particularismo e distanciamento profundos – paradoxalmente resultados da uma aproximação agudizada – da experiência, mas também da realidade, da história e do próprio indivíduo.

Trata-se, no fundo, de uma radicalização do romance psicológico e realista do século passado; mas este excesso levou a conseqüências que invertem por inteiro a forma do romance tradicional. A enfocação microscópica aplicada à vida psíquica teve efeitos semelhantes à visão de um inseto debaixo da lente do microscópio. Não o reconhecemos mais como tal, pois, eliminada a distância, focalizamos apenas uma parcela dele, imensamente ampliada... Devido à focalização ampliada de certos mecanismos psíquicos perde-se a noção da personalidade total e do seu 'caráter' que já não pode ser elaborado de modo plástico, ao longo de um enredo em seqüência casual, através de um tempo de cronologia coerente. (ROSENFELD, 1996, p.84-85).

Tal fenômeno, reação e resultado de uma tradição cultural e intelectual que não correspondia à realidade, vai estender seus impactos não só na arte e na literatura, mas, também na narrativa histórica, na historiografia. O início do século XX induzirá a uma nova perspectiva de compreensão do tempo, do espaço, da realidade, do indivíduo que significará, sobretudo, uma mudança de perspectiva historiográfica. Uma historiografia que se preocupa agora com a parte, com o indivíduo, com a maneira como este sente a sua própria realidade. Ocupar-se-à de sua experiência individualizada, particularizada e relativizada, sucumbindo laços e desconcatenando vínculos (ROSENFELD, 1996), seja temporal, com o passado ou futuro, seja espacial, com outras nações, seja social, com outros grupos.

Uma *Nouvelle Histoire* que rompe com a historiografia tradicional, que incorpora novas vozes - outrora emudecidas - em detrimento do som dos tanques de guerra e discursos políticos e ideológicos de uma classe dominante. No entanto, incorre no mesmo perigo de, ao tentar ampliar a visão sobre a parte e sobre a realidade como tal, desvincular as experiências da vida individual das experiências coletivas da humanidade e, assim, ao invés de conferir



visibilidade ao indivíduo integral, fará apenas apresentá-lo de forma fragmentária e, portanto, desfigurada e esquizofrênica.

Neste processo de desmascaramento foi envolvido também o ser humano. Eliminado ou deformado na pintura, também se fragmenta e decompõe no romance. Este, não podendo demiti-lo por inteiro, deixa de apresentar o retrato de indivíduos íntegros... Em seu lugar encontramos a visão microscópica e por isso não-perspectívica de mecanismos psíquicos fundamentais ou de situações humanas arquetípicas... que acabaram por resultar numa verdadeira desmontagem da pessoa humana e do 'retrato' individual. (ROSENFELD, 1996, p.85-86).

E tudo isso em reação - e enquanto consequência - a um mundo que se desencanta ao se fazer cumprir, não a promessa de progresso nem a utopia do telos comum, mas a realidade da fome, da morte, das guerras, e da dominação do homem pelo homem com seus novos recursos tecnológicos e ideológicos construídos durante toda modernidade, paradoxalmente, para eufemizar os efeitos catastróficos da natureza sobre o homem.

O que se afigurou como resultado de desenvolvimentos 'formais', talvez tenha sido em verdade pontos de partida ou parte inerente desses desenvolvimentos. Talvez fora básica uma nova experiência da personalidade humana, da precariedade da sua situação num mundo caótico, em rápida transformação, abalado por cataclismos guerreiros, imensos movimentos coletivos, espantosos progressos técnicos que, desencadeados pela ação do homem, passam a ameaçar e dominar o homem... Uma época com todos os valores em transição e por isso incoerentes, uma realidade que deixou de ser 'um mundo explicado', exigem adaptações estéticas capazes de incorporar o estado de fluxo e insegurança dentro da própria estrutura da obra. (ROSENFELD, 1996, p.86).



2. OS ANNALES E O SENTIDO DA HISTORIA NO CONTEXTO DAS VIOLÊNCIAS DO SÉCULO XX

Este capítulo tem por objetivo compreender o surgimento do movimento dos Annales, compreender o sentido da história para a primeira geração e buscar identificar nela elementos que justifiquem os estudos de memória e testemunho que agora compõem a narrativa historiográfica francesa.

Entendemos aqui que o testemunho e a história das mentalidades na narrativa histórica são a herança dos Annales (primeira geração), considerando e respeitados todos os diferentes rumos e caminhos tomados pelos posteriores diretores da corrente, mas ressaltando que elementos e noções introduzidas por Febvre e Bloch foram de fundamental importância para a construção de uma narrativa que procura compreender a realidade social, agora, à partir de uma visão mais global, atendo-se não mais somente ao fenômeno político mas, sobretudo, aos sujeitos, todos eles, responsáveis pela sua construção, incluindo em especial as “massas anônimas” de Febvre.

Os estudos sobre as mentalidades, o coletivo, ou seja, outros sujeitos históricos - que não somente os “heróis” e personagens políticos - foram o impulso inicial para que a memória e o testemunho, especialmente daqueles sempre ignorados pela História Política e dos Eventos, pudessem figurar enquanto parte importante da narrativa historiográfica atual. O trabalho desenvolvido por Febvre, juntamente com sua colaboradora Lucie Varga são parte importante das conquistas semânticas da narrativa historiográfica ao longo do século XX e início do XXI, e também das conquistas políticas e sociais.

Desde então, aqui entendemos, a historiografia pode se considerar um espaço de debate e, sobretudo, um espaço de reivindicação e reconhecimento que antecede o político - e oferece instrumentos para que a luta se concretize nele - , construção de (novas) ideias e, por fim, construção de uma nova realidade social. A Historiografia da maneira como é proposta pelos Annales, apesar de não ser uma política propriamente dita, ela é um espaço, como dito, que antecede a política e a favorece. A historiografia, à partir de Marc Bloch e Lucien Febvre favorecem a presença de elementos e sujeitos ocultos da história. Essa presença na



historiografia é de fundamental importância para que uma mudança social seja efetuada. Os sujeitos históricos suprimidos da história passam agora a existir na história à partir da historiografia dos Annales. Esta presença é importante para que, à partir dela, estes sujeitos, estes grupos, esta nova perspectiva da história passe a ser presente no espaço da política para que a mudança social possa se realizar.

Vamos observar ainda, durante este capítulo, que a guerra ganha centralidade nos trabalhos de Bloch e Febvre a partir dos anos 40 (Bloch publica *l'Etrange Defaite*). De acordo com Schöttler (1995), à partir dos anos 40 o projeto dos Annales ultrapassa as fronteiras acadêmicas e passa a ser mais que um projeto universitário, um projeto político, sob a crítica de Bloch,

Nous n'avons pas osé être sur la place publique, la voix qui crie, d'abord dans le désert [...] Nous avons préféré nous confiner dans la craintive quiétude de nos ateliers. Puissent nos cadets nous pardonner le sang qui est sur nos mains (SCHÖTTLER, 1995, p.80)

Observaremos também a presença de um novo tempo objeto da história: o tempo presente. Também notaremos que existia já em Bloch e Febvre elementos que nos remetem às atuais narrativas de testemunho, demonstrando sua preocupação com uma nova perspectiva da história.

*Je ne vais pas suivre ainsi la pensée de Marc Bloch du début à ce qui est aujourd'hui, hélas, la fin de son livre. J'en ai dit assez pour en montrer l'esprit et la manière. Quant au reste ? Qu'il s'agisse des limites de l'actuel, de la façon de comprendre le présent par le passé et aussi, et surtout, le passé par le présent ; qu'il traite de l'observation, de ses caractères généraux, de la notion de témoignage et de ce qu'elle implique ; de la critique ; du mensonge et de l'erreur, donc de la vérité en histoire ; des problèmes spéciaux de l'analyse et d'abord du but qu'elle poursuit : juger ou comprendre — sur tous ces problèmes, et sur tant d'autres qui s'y rattachent, on trouvera dans ce livre inutile les avis d'un maître exprimés avec une simplicité, une modestie, une humanité rares. (FEBVRE, *Combats pour l'Histoire*, pag. 426, grifo meu)*

Perceberemos, ainda, que a preocupação com o tempo presente vem de uma preocupação em compreender a realidade social complexa que se colocava para a geração de



Bloch e Febvre. Compreender fenômenos que, para os dois historiadores, eram novos e necessitavam ser compreendidos à partir não da velha historiografia, mas de uma nova historiografia possuidora de um novo campo semântico e aberta agora ao diálogo com outras ciências.

Soyons clairs : Lucien Febvre et Marc Bloch ont toujours considéré le nazisme comme une aberration, comme un scandale politique - et comme un danger. Républicains et démocrates, proches de la gauche socialiste, ils ne pouvaient que redouter la mise en place d'une dictature fasciste outre-Rhin, source possible d'une nouvelle guerre franco-allemande. Mais quelle signification donnaient-ils à ce «fascisme» allemand? Comment l'expliquaient-ils? Quels enjeux voyaient-ils dans son émergence et quelles conséquences théoriques et pratiques pensaient-ils devoir en tirer ? ... Par exemple : dans quelle mesure ce nouveau phénomène pouvait-il être considéré comme typiquement «allemand», produit naturel de cette «mentalité allemande» si souvent dénoncée en France depuis la Grande Guerre ? Hitler, Guillaume II et Bismarck, un même combat ? Ou bien s'agissait-il d'un régime inédit, dont les formes et les mécanismes demandaient une analyse différente ? Mais alors, quelle méthode utiliser ? Bref, comment pouvait-on comprendre ce qui se passait en Allemagne en s'appuyant non pas sur des a priori politiques, mais en essayant de penser ces événements tout proches, comme s'il s'agissait d'une histoire lointaine, en toute objectivité, et recourant à des concepts forgés notamment pour le XVIe siècle ou les îles du Pacifique?... Problème redoutable et, comme nous le savons aujourd'hui, parfaitement insoluble, puisque depuis la découverte d'Auschwitz et de Treblinka il est impossible, dans le cas du nazisme, de séparer entièrement l'objectivité de l'historien et la subjectivité de l'homme. (Peter Schöttler, 1995, p.79)

Por fim, o leitor poderá ter a sensação de que de 1930 aos dias de hoje ainda falamos das mesmas coisas, fazemos as mesmas observações e temos as mesmas preocupações que Bloch e Febvre. O que corroborará a importância e atualidade das contribuições historiográficas da primeira geração dos Annales para compreensão da realidade social de nossa geração.

Notaremos que os mesmos problemas estudados hoje por alguns autores, como por exemplo Traverso (2002) , sobre o nazismo possuir uma genealogia europeia e sobre a centralidade da questão racial no nacional-socialismo e nos eventos da atualidade, já estavam presentes nas questões suscitadas por Lucien Febvre, Marc Bloch e Lucie Varga. Concluiremos que ainda há muito da catástrofe do passado no presente mas, que mesmo assim, podemos, à exemplo dos intelectuais dos Annales não pensar, não sentir e não agir no fluxo das representações de massa.



Vamos entender, à partir das contribuições da primeira geração dos *Annales*, as quais tentaremos aqui demonstrar, que temos um *combate pela história*.

Para compreender o surgimento do movimento dos *Annales* é necessário não só um exercício de análise sobre o contexto político e social da época, como, sobretudo, uma análise da vida política e da função intelectual exercida pelos seus fundadores, Marc Bloch e Lucien Febvre. Para tanto, a percepção e vinculação da realidade na qual estavam inseridos ao projeto da Revista que fundaram é tão importante quanto a análise dos textos - na forma de artigos, aulas e principalmente as correspondências - onde os pais fundadores do movimento historiográfico francês de 1929 revelavam suas angústias pessoais e acadêmicas.

É sabido que a realidade das guerras impactou de alguma forma o surgimento do projeto dos *Annales*, bem como impulsionou outros projetos de outros intelectuais da geração de Bloch e Febvre, como o de Henri Beer, com sua *Revue de Synthèse*. No entanto, reserva-se aos mais curiosos olhares a tarefa de escavar este solo historiográfico para fazer revelar as motivações, as mais íntimas, que culminaram na consolidação do projeto. Isso significa uma análise atenta não só do externo para compreender o interno, e do todo para compreender a parte, ou seja, não só das condições políticas que de forma contundente impactaram a decisão dos pais fundadores dos *Annales*, mas também da apropriação que estes fizeram de suas experiências, como as elaboraram e como responderam à elas. Para isso, este capítulo ocupa-se em analisar em especial a experiência narrada dos e pelos dois historiadores fundadores dos *Annales* em seus artigos, lições, e correspondências, para então poder alcançar uma compreensão mais ampla do que significou esta Revista que é considerada por muitos como um movimento historiográfico que modifica noções temporais, redefine campos semânticos e repensa a concepção de história e o papel do historiador face à realidade de sua época.

Também contaremos com o apoio teórico-analítico de alguns autores que se dedicaram a estudar o movimento dos *Annales*, embora com visões diferentes, as quais serão contempladas no corpo deste trabalho. Neste ponto, é necessário explicitar que a presente pesquisa não compartilha as mesmas visões que os autores (que aqui serão apresentados) que entendem o projeto dos *Annales* como exclusivamente um projeto acadêmico, que visava se impor à partir das circunstâncias de perda de legitimidade de algumas disciplinas e áreas científicas, e ascensão de outras, sem intenções políticas mediante à realidade social em que se inseria.



Bem ao contrário, adotaremos uma posição bastante próxima a de um autor também trabalhado nesta tese, a saber, Peter Schöttler, que entenderá o projeto dos Annales como um projeto também acadêmico (especialmente no momento em que era ainda uma proposta), mas, sobretudo, um projeto intelectual com vistas à compreender a realidade social que se colocava no início do século XX, que buscou demonstrar a importância do engajamento do historiador (à exemplo de seus dois pais fundadores) em um combate intelectual, político e militar contra a representação de massa que se torna condição da sociedade neste período histórico.

Segundo Dosse (2007), o movimento dos Annales ganha força e se impõe enquanto corrente historiográfica francesa à partir dos anos 50, ou seja, na sua continuidade no pós-guerra, com Febvre e Fernand Braudel, impulsionado pelos acontecimentos de 1929 que deram início a esta corrente.

Não foi para Dosse (2007), nem mesmo para a maioria dos historiadores ou dos estudiosos do movimento, uma escola por não possuir uma homogeneidade de pensamento dentre os annalistas, especialmente depois da geração de Braudel, quando o movimento vai perdendo aos poucos, de alguma forma, seus vínculos com a realidade social dos anos de 1930 e se reconfigurando. No entanto, isso não descaracteriza os Annales enquanto corrente histórica no que diz respeito ao seu momento histórico (e historiográfico) e, sobretudo, sua proposição comum entre as diferentes gerações.

Muito embora o projeto dos Annales iniciado por Marc Bloch e Lucien Febvre estivesse subordinado à uma realidade social diferente da geração de Jacques Le Goff, por exemplo, existem elementos da primeira geração que serão não só mantidos, mas que avançarão, por assim dizer. É o caso da História das Mentalidades que surge na primeira geração e que vai se mantendo e se desenvolvendo nas últimas gerações dentro da concepção da Nova História à partir do trabalho desenvolvido pelo que hoje conhecemos como *historia oral*. Tentaremos elucidar os pontos que julgamos importantes a serem ressaltados nesta pesquisa.

Com o intuito de não provocar confusão no leitor, esclarecemos aqui que entendemos como Annales o movimento historiográfico que se originou no ano de 1929 com o surgimento da Revista até meados da denominada segunda geração, da qual Fernand Braudel foi diretor. As gerações à partir de Braudel consideramo-las herdeiras do que vamos chamar aqui de movimento dos Annales, ou ainda, projeto dos Annales, ou simplesmente Annales, que, reitero, configura as primeira e segunda gerações.



Explicamos que consideramos as terceira e quarta gerações como herdeiras por duas razões. A primeira delas, de fundo teórico-metodológico e, ainda, político, refere-se ao fato de que à partir da terceira geração teremos a manutenção de alguns elementos da primeira geração que não só obterão relevância como serão aprofundados de forma a corresponder à realidade social destas gerações mais recentes. È o caso dos estudos de mentalidade e seu método de investigação mantido e aprimorado à partir dos anos de 1970 pelo que ficou conhecido como história oral, tal qual identificamos acima. A segunda refere-se ao fato de os historiadores das terceira e quarta gerações optarem por manter a Revista, ainda que ao longo do século XX ela tenha ganho novos títulos, e utilizá-la como o espaço de produção e divulgação dos trabalhos historiográficos da França. Consideramos que existem movimentos historiográficos outros na França contemporânea e que estes produzem em Periódicos outros que não este mesmo dos *Annales*. Este é mais uma razão que leva a crer que a decisão de continuar a produzir na revista criada por Bloch e Febvre possui um caráter de herança.

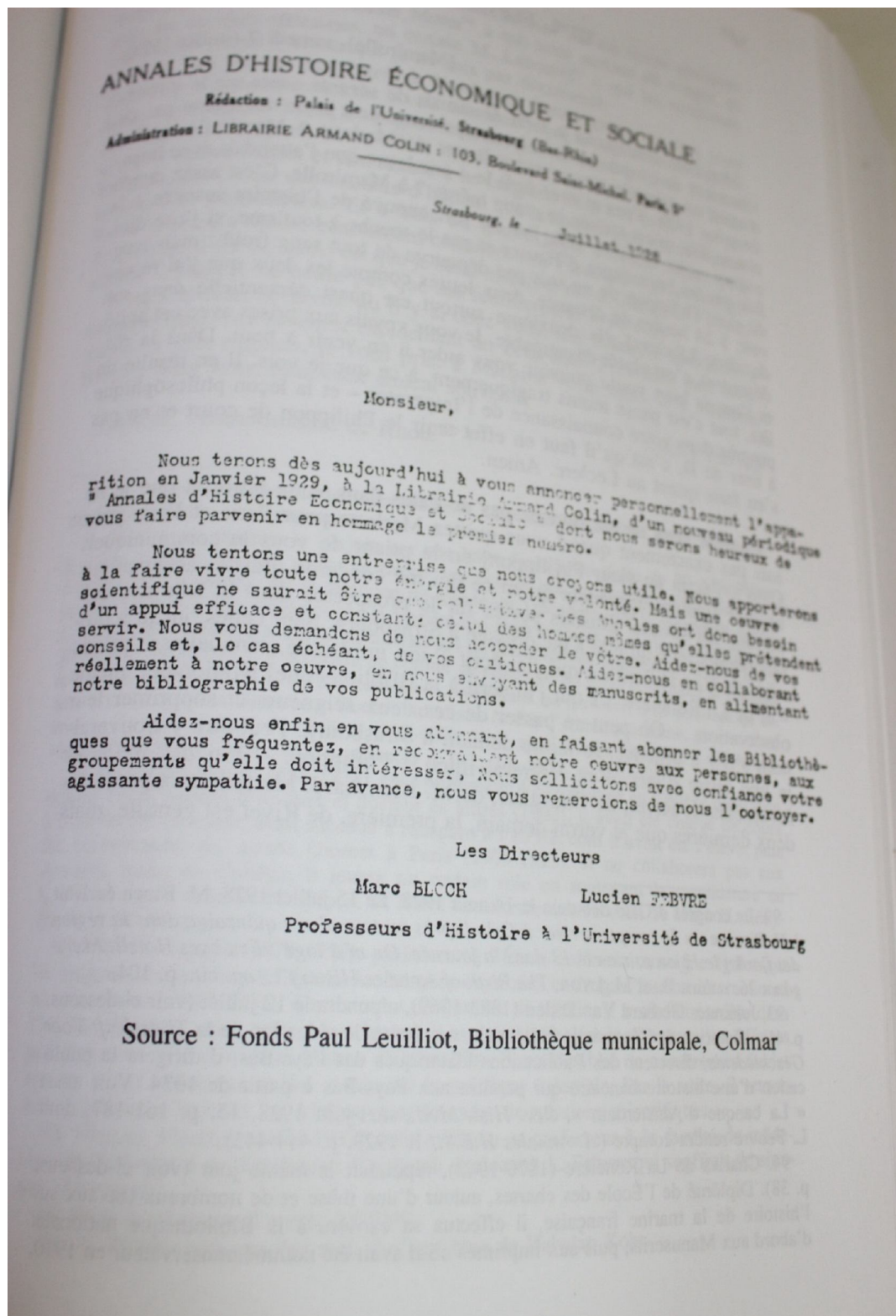
Para que os termos não gerem dúvida cronológica no leitor, teremos o cuidado aqui de nos referir de forma diferente às diferentes épocas em que o movimento se dá. Utilizaremos os termos *École des Annales*, *Annales*, projeto dos *Annales*, movimento dos *Annales* para nos referir às gerações de Bloch, Febvre e, eventualmente, Braudel. E para as terceira e quarta gerações utilizaremos os termos: Nova História ou ainda terceira e/ou quarta geração do movimento dos *Annales*.

No que tange à Revista, quando a ela nos referirmos, utilizaremos um termo geral durante todo o corpo do texto: Revista dos *Annales*, ou *Revue des Annales*. No entanto, para apresentar alguma particularidade referente à sua existência em determinado período, faremos uso do título que a mesma recebia no período tratado. Por exemplo, quando quisermos especificar algo do período em que Marc Bloch precisou se ausentar da Revista devido à perseguição que sofreu durante o período de ascensão do nazismo, utilizaremos o título *Mélanges d'histoire sociale*, que assim se apresentou para não ser identificada. Para tanto, apresentamos aqui os seus títulos com suas respectivas cronologias:

- *Annales d'histoire économique et sociale*, assim apresentada por Bloch e Febvre à Max Leclerc, editor, na ocasião, da *Librairie Armand Colin*, correspondente ao período de **1929-1938**. Abaixo, foto retirada à partir de *Correspondance I – La naissance des Annales 1928-1933*, que mostra o documento em que Bloch e Febvre anunciam o início da Revista *Annales d'histoire économique et sociale* à partir de janeiro de 1929;



Foto 1 - Correspondance I - La naissance des Annales 1928-1933



Fonte: elaboração própria. Reprodução da carta retirada de Muller (2003).



- *Annales d'histoire sociale*, correspondente ao período de **1939-1941** ;
- *Mélanges d'histoire sociale*, correspondente ao período de **1942-1944** ;
- *Annales d'histoire sociale*, volta ao título anterior durante apenas o ano de **1945**, ou seja, após o assassinato de Bloch pela Gestapo em 1944;
- *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, correspondente ao período de **1946-1993** ;
- *Annales. Histoire, Sciences sociales*, correspondente ao período de **1994 aos dias atuais**.

Conforme Dosse (2007), o movimento dos *Annales* representou uma reconstrução disciplinar e a busca por legitimidade científica. Para Burguiere (1979), o movimento dos *Annales* em sua primeira geração com Bloch e Febvre é mais uma tentativa de se afirmar enquanto um programa disciplinar que propriamente um programa disciplinar. Ou seja, os dois historiadores fundadores dos *Annales* dedicaram seus trabalhos à tentativa de demonstrar a necessidade da disciplina de História e do papel do historiador, da maneira tal qual apresentavam, uma disciplina aberta às outras áreas científicas. Tentativa esta que insiste na necessidade de se estudar em prioridade a história dos grupos sociais e as forças coletivas, constituindo uma originalidade aos estudos.

Para Burguière (1979), o surgimento dos *Annales* estranhamente alcança sucesso entre os campos de saber das ciências sociais que, por sua vez, ganhavam cada vez mais autonomia ao se distanciar da História. Os estudos realizados pelo autor, propõem destaque a três níveis de análise a se fazer no que diz respeito a esta corrente de pensamento, para então compreendê-la.

L'histoire un courant de pensée comme celui qui anime les Annales requiert plusieurs niveaux d'analyse. Un premier niveau concerne l'influence de ce courant sur la dynamique interne de la discipline. Ce qu'on appelle communément avancement de la discipline postule la progression cumulative de la science historique. Cette approche historiographique des Annales n'est pas négligeable dans la mesure où est finalement sur le métier historien que les idées de Marc Bloch et de Lucien Febvre ont eu les effets les plus importants et les plus durables. De nombreux historiens ont cherché évaluer apport des Annales dans la mesure où ils se sentaient provoqués ou



déterminés dans leur pratique quotidienne par les propositions thématiques ou méthodologiques de cette école. Mais au risque de décevoir le lecteur je laisserai cet aspect en dehors de mon propos car il suppose résolue la question qui nous préoccupe. Un deuxième niveau concerne à la conjoncture scientifique dans laquelle s'inscrit le phénomène des Annales. Il faut entendre ici l'ensemble des rapports de forces qui s'établissent entre des disciplines à la fois concurrentes et complémentaires aussi bien les enjeux institutionnels définis par exemple par leur surface universitaire c'est-à-dire leur dotation inégale en chaires des instituts débouchés dans les concours recrutement, etc., que les enjeux sociaux leur plus ou moins grand prestige dans les milieux cultivés et leur capacité d'influencer l'opinion ou les sphères dirigeantes ou épistémologiques leur capacité d'exercer une hégémonie théorique sur les autres disciplines). A un troisième niveau, il s'agit d'analyser les rapports que Marc Bloch et Lucien Febvre entretenaient avec l'esprit de leur temps. Ce qui est en cause ici c'est la conception qu'ils avaient du rôle de la science dans la société dans la mesure où elle inspirait leur conception de l'histoire: c'est leur sensibilité aux nouveaux courants idéologiques, dans la mesure où cette crise intellectuelle colorait leur pratique et leurs ambitions historiens. (BURGUIERE, 1979, p., 1348-1349).

Segundo o autor, um primeiro nível de análise refere-se à influência desta corrente de pensamento sobre a dinâmica interna da disciplina de História, conferindo um progresso científico a esta e, especialmente, produzindo grandes transformações no que diz respeito ao papel do historiador.

Como segundo nível de análise, temos a conjuntura científica na qual se inserem os *Annales*, que trata das relações de força que se estabelecem entre as disciplinas concorrentes, por vezes até complementares, bem como as questões institucionais do meio universitário onde algumas “cadeiras” (quem as ocupa, na verdade) são capazes de exercer influência e condicionar a hegemonia teórica e científica das áreas (BURGUIERE, 1979).

Por último, o autor destaca como importante nível de análise, as relações e o compromisso que Marc Bloch e Lucien Febvre travavam com o *espírito* de seu tempo, especialmente no que se refere à concepção que possuíam sobre o papel da ciência na sociedade, a qual inspirará, por consequência, a concepção de história dos dois historiadores.

Segundo Burguière (1979) Bloch e Febvre eram herdeiros de um saber universitário e institucionalizado, haja vista suas linhagens, e embora se engajem nos problemas da contemporaneidade, buscando apoio nas relações extra universitárias (especialmente para conseguirem inaugurar o projeto dos *Annales* como demonstram as correspondência que apresentaremos no corpo deste trabalho), com Max Lecler, diretor da Armand Colin, ou ainda,



quando busca colaboradores através do apoio do historiador Albert Thomaz que trabalhava no *Bureau International du Travail* (BIT), não deixam de atender, de modo geral, às formas institucionalizadas do saber e produção de conhecimento.

Para o autor, ainda que Bloch e Febvre propusessem uma historiografia diferente da que existia no meio acadêmico, uma concepção de história e do papel do historiador também bastante distante desta que a instituição universitária conhecia, acabaram, com o tempo, por transformar o movimento dos *Annales* em corrente hegemônica no meio universitário e fora dele, o que foi facilitado, ressalta o autor, pelo dispersamento da escola durkeimiana, pelo isolamento dos economistas em faculdades de Direito, etc, que unidos, vão criar um espaço vazio no coração das Ciências Sociais. Um espaço, segundo Burguière (1979), pronto a ser ocupado. E foi exatamente o projeto dos *Annales*, segundo ele, que tomou este espaço, não por uma atitude premeditada, mas por seu poder de adaptação às demandas teóricas da época.

Les blocages de la pensée géographique la dispersion de l'école durkheimienne, l'isolement des économistes dans le ghetto des facultés de Droit créaient un espace vide au cœur des sciences sociales en France là où auraient dû se dessiner des pôles attraction. La place était prise. Les Annales ont prise non par un coup de filet prémédité mais par une adaptation instinctive aux besoins théoriques du moment... et par droit héritage. (BURGUIÈRE, 1979, p. 1353-1354).

É neste momento, para o autor, que a marginalidade dos historiadores fundadores dos *Annales* vai deixando de existir, até os integrar por completo ao sistema universitário.

A tendência que passará em breve a orientar os historiadores da geração de Bloch e Febvre vai tratar de tudo o que há de mais contemporâneo. Este será ponto de partida da História dentro do projeto dos *Annales*, o que imporá como necessidade uma mudança semântica na narrativa da história, como também em outros campos do saber, como já aponta Koselleck (2006) sobre a mudança na semântica da História e no tempo e, ainda na semântica dos tempos históricos.

Inserido em um contexto histórico de transformação da experiência, conseqüentemente do sentido atribuído a ela e, por último, da semântica, ou seja, da (re)formulação das categorias capazes de compreender a experiência, o movimento dos *Annales*, como foi dito acima, vai se preocupar em tratar não mais do tempo passado, não mais da experiência dos antigos, mas do tempo presente e da experiência contemporânea.



De acordo com Koselleck (2006), o violento século XX mudou, por meio de sua experiência, a semântica da História, sua definição, a forma de contá-la, e a própria historiografia. Novas categorias são atribuídas à História e criadas na tentativa de compreender as novas experiências do século XX.

Dito de outra forma, o século XX, para além de representar violentas modificações no senso efetivo da História, representou também uma mudança nas formas de compreensão da história, seu ponto de partida e seu método, seus sujeitos e seus objetos, transformou a semântica da história e deu um novo sentido à historiografia.

Novos conceitos, segundo Koselleck (2006), aparecem no século XX para tentar explicar a tragédia, mas, sobretudo, para o movimento dos *Annales*, para tentar compreender o poder criativo do homem em produzir novas tragédias, formulando e elaborando novas categorias que vão, entre outras coisas, redefinir o sentido da história e à realidade social deste tempo e espaço que foi o século XX.

A historiografia pode-se dizer, mais que uma maneira de sentir e pensar a história é também uma forma de interagir com ela. A formulação das categorias semânticas e sua apropriação pelos atores/sujeitos históricos permitem a estes se apropriarem, por sua vez, dos conceitos ampliados pelo século XX, imprimirem sentido à experiência contemporânea e assim utilizá-las nas reivindicações de novas perspectivas.

Desta forma, a historiografia não é somente a representação de uma dada realidade e sua forma de exprimi-la, mas é também uma maneira de se apropriar dela. Entendendo a historiografia enquanto a semântica da História, e compreendendo que o século XX lançou luz às sombras da história, é possível identificar, atualmente, certa disputa por este campo semântico que é a historiografia.

O século XX, com todas as suas tragédias e mudanças é um grande exemplo da potência que traz o campo da semântica em tentar compreender e explicar os eventos da realidade social. O fenômeno do nazismo com todo seu aporte semântico-ideológico foi capaz de executar um *pogrom*. Aqui, pode-se fazer referência à *Mein Kampf*, bem como ao poder das categorias médicas, da antropologia, da biologia das raças que, de acordo com Traverso (2002), realocadas para o corpo social (e não mais biológico) expressaram e imprimiram uma vontade a ser executada. Conceitos como *LEBENSRAUM* começam a ser importados das



ciências biológicas e aplicados à vida social e política no século XX, por exemplo. Sobre este ponto, para Traverso (2002),

L'expression Lebensraum a été forgée en 1901, sous l'empire wihelmien, par le géographe allemand Friedrich Ratzel, et appartenait au vocabulaire du nationalisme allemand bien avant la naissance du nazisme. Fusion du darwinisme social avec la géopolitique impérialiste, elle découlait d'une vision du monde extraeuropéen comme espace colonisable par les groupes biologiquement supérieurs.(TRAVERSO, 2002, p.61).

Traverso (2002) nos aponta a realidade da mudança semântica, antes mesmo de que esta necessidade se impusesse para o movimento dos *Annales*, como um fenômeno que acompanha o nazismo. O início do século XX começava a experimentar uma nova realidade que se amparava nos recursos ideológicos para se legitimar. O fenômeno do nazismo retoma um vocabulário que era próprio dos processos colonizatórios e os redefine para que ele possa agora expandir este processo retirando-o o caráter local e expandindo a noção de raça (TRAVERSO, 2002). Para o autor, o vocabulário do nacional-socialismo será uma fusão do darwinismo social com a geopolítica imperialista que terá suas origens na visão de mundo que prevê como espaço “colonizável”, pelos grupos biologicamente superiores, aquele que é extra-europeu. Durante o período de ascensão do nazismo, essas categorias irão expandir seu sentido, sua significação para tornar colonizável não só os espaços extra-europeus, mas, no que tange ao nacional-socialismo, a própria Europa.

O reforço semântico de que lançava mão o nazismo, também necessitou ser apropriado pelos círculos intelectuais da época para que pudesse ser pensado e compreendido. O Círculo de Viena, através especialmente da Psicanálise, era um destes movimentos intelectuais que buscava a compreender o nacional-socialismo à partir da sua mentalidade. Não foi diferente com o círculo intelectual da *École des Annales*, especialmente pela grande influência recebida de colaboradores austríacos e alemães, conforme demonstraremos mais adiante.

Lucie Varga (1904-1941), historiadora austríaca, pioneira dos estudos de história das mentalidades, que será colaboradora no movimento dos *Annales* junto à Lucien Febvre, conforme também demonstraremos mais adiante, é uma intelectual que se propõe a pensar o nazismo à partir de sua mentalidade, apropriando-se do próprio campo semântico que este fenômeno traz.



Lucie Varga, jeune historienne autrichienne, juive d'origine hongroise, exilée en France à la fin de 1933. Elle est morte en 1941 à 37 ans à peine, isolée, d'un coma diabétique, laissant une fille aujourd'hui établie en Hongrie. P. Schöttler l'a tirée de l'oubli dont elle n'était guère sortie de son vivant. Son nom n'apparaît même pas dans l'ouvrage posthume de Lucien Febvre publiée par Robert Mandrou, Introduction à la France Moderne. Essai de psychologie historique 1500-1630 (1961 t.52, de l'Evolution de l'Humanité) dont plusieurs chapitres lui reviennent. Elle appartient ainsi à l'histoire achevée des Annales et de leur co-fondateur dont elle fut un moment l'amie. Elle était médiéviste, spécialiste des Cathares et de la sorcellerie. Elle s'était faite une conviction : face à l'explication 'matérialiste' du Moyen Âge européen qui tient la pensée pour secondaire, simple épiphénomène, il convient de réhabiliter les fonctions supérieures de l'homme, qui n'est pas que passion.. (POULAT, 1996, p. 14).

Lucie Varga, como coloca Poulat (1996) nesta citação, fez parte da história dos *Annales* e mudou completamente os rumos do projeto, no entanto não existe nenhuma referência ao seu trabalho e contribuição ao movimento e à Revista, nem mesmo na obra póstuma de Lucien Febvre (o historiador mais influenciado pela historiadora austríaca) publicada por Robert Mandrou, historiador que comporá a segunda geração dos *Annales* juntamente com Georges Duby.

É neste sentido que o presente trabalho fez esforços para encontrar os textos publicados, bem como as correspondências que faziam alusão à participação de Lucie Varga nos *Annales* e, principalmente, o trabalho publicado por Peter Schöttler sobre a autora e suas publicações.

Segundo Schöttler (1991), seu interesse por trazer à luz os trabalhos de Varga e sua contribuição aos *Annales* surge do seu trabalho de investigação das correspondências trocadas entre Bloch e Febvre.

Tout a commencé par la lecture de la correspondance inédite de Lucien Febvre et Marc Bloch, les deux directeurs des Annales. En mars 1934 sans doute – la lettre n'est pas datée, Lucien Febvre, nommé à Paris l'année précédente, écrit à Bloch, alors établi à Strasbourg : ' Mes travaux... Mais ici encore que je vous rassure. Je travaille activement aux Religions du XVIème siècle. J'ai pris un 'entraîneur', une entraîneuse plutôt, en la personne d'une Autrichienne, élève de Dopsch, dont je vous ai parlé je crois, Mme Varga Borkenau qui trois matinées par semaine vient travailler avec moi. ». Lorsque j'eus déchiffré ce passage sur l'écran jaunâtre d'un lecteur de microfilm des Archives nationales, j'eus aussitôt le sentiment qu'il s'agissait de quelque chose d'insolite. Le mot « entraîneuse » résonnait comme un symptôme. Comme je connaissais assez bien la biographie des



deux correspondants, je savais que l'évocation de cette nouvelle collaboratrice n'était pas une information banale, car elle devait changer le travail et la vie même de Febvre et affecter en même temps ses relations avec Bloch et leur travail aux Annales. Je décidai alors de creuser cette intuition, et c'est ainsi que, peu à peu, ce livre est né. Il tente de suivre les traces, à demi effacées, d'une inconnue que l'histoire de l'histoire a jusqu'ici négligé. (SCHÖTTLER, 1991, p.13-14, grifo nosso).

De acordo com o autor, ao notar a referência à Varga e intuir, a partir do conhecimento que tem sobre a primeira geração e seus historiadores fundadores, que não se tratava de uma informação banal, dedica-se a investigar a autora e seus trabalhos e constata que ela afeta diretamente Febvre e seus trabalhos, bem como sua relação com Bloch e, sobretudo, os rumos do movimento dos *Annales*. Com intuito de retirá-la do esquecimento e trazer à luz seu trabalho e suas contribuições, tais como a história das mentalidades (que ficará atribuída à historiografia dos *Annales* sem qualquer referência a sua real introdutora Lucie Varga), é que Schöttler dedica-se a estudá-la, trabalho que resultará na publicação da obra citada.

Segundo Schöttler (1991), no que se refere ao estudo do tempo presente, do fenômeno do nazismo que passa então a ganhar centralidade nos trabalhos dos dois historiadores dos *Annales*, para explicar o nacional-socialismo, Varga retomava expressões do vocabulário nazista para compreender as origens que o remonta, seu sentido para aquele período no qual estava sendo apropriado, suas ressignificações e, por último, decifrá-lo enquanto categorias reacionárias, como é o caso das expressões revolução (apropriada pelo nazismo para possuir uma dimensão de alcance que é emocional e simbólica como apontará o autor) e “*honneur social*”:

Le nazisme est ainsi présenté comme un phénomène nouveau qui reste encore à déchiffrer et qui marque une coupure historique. Comme beaucoup de ses contemporains, Lucie Varga accepte ici la catégorie de « révolution » employée par les nazis eux-mêmes mais elle l'interprète évidemment comme une 'révolution réactionnaire' et rétrograde. (SCHÖTTLER, 1991, p. 75).

E ainda,

Et quel est alors le lien qui unit ces hommes et les pousse en avant ? Pas seulement la misère économique matérielle, dit Lucie Varga, ni une



commune 'situation de classe', mais l'angoisse provoquée par la perte d'un statut social. Leur aiguillon à tous serait en dernière instance la défense de l' 'honneur social'. (SCHÖTTLER, 1991, p.76).

Portanto, fica aqui evidente que a linguagem passa a ser não so a expressão de uma realidade, mas, sobretudo, campo em disputa, “arma nos combates que gestam essas mesmas mudanças.”. (KOSELLECK, 2006, p.11).

Para Dosse (2010), a *Revue des Annales* significou a afirmação de uma crise e representou a elaboração de uma nova matriz disciplinar. Segundo o autor, em 1900 teremos o surgimento da *Revue de Synthèse Historique* pelo filósofo Henri Berr que busca reatribuir um senso a uma historiografia empobrecida pelo esquecimento de uma história global que a psicologia histórica permitiria agora reencontrar. Ainda segundo o autor, a revista torna-se lugar por excelência do debate entre as Ciências Humanas a partir de 1903 com publicação de um artigo de François Simiand que vai recolocar em causa as pretensões científicas da História.

No entanto, somente em 1920, com a aula inaugural de Lucien Febvre intitulada “A história no mundo em ruínas” é que, impulsionados pela inquietude com os usos ideológicos da história, vai se sentir a necessidade de criação de uma revista que refute e critique os métodos, a organização e os objetos da historiografia até então utilizados pela *Revue Historique*. Neste contexto então é que os *Annales d'histoire économique et social* são institucionalizados por Marc Bloch e Lucien Febvre em 1929.

Le fonctionnement des Annales bouleverse la discipline. Elles s'ouvrent aux autres sciences sociales, Maurice Halbwachs fait partie des signatures les plus fréquentes. Elles observent le temps présent, banni du monde universitaire, grâce à des géographes (Albert Demangeon), des économistes ou des « hommes d'action ». Les deux directeurs utilisent la revue comme un levier pour bousculer la discipline, des aspects institutionnels (attaques contre le jury de l'agrégation d'histoire) aux composantes intellectuelles. Les comptes-rendus féroces jouent là encore un rôle essentiel. Enfin, les premières Annales inaugurent des pratiques promises à un grand avenir : enquêtes collectives, numéros thématiques (en particulier celui de 1937 sur l'Allemagne nazie). Le triomphe du projet se mesure aux effets ultérieurs d'une revue (devenue Annales, économies, sociétés, civilisations en 1946) qui inspire un projet institutionnel pluridisciplinaire, la VIe section de l'EPHE (aujourd'hui EHESS), et s'impose comme la revue historique de références en France et au-delà. En dépit de réserves sur la dénomination, l'appellation 'd'école des annales' dénote à quel point la revue s'est confondue avec un mouvement historiographique. (DOSSE, 2010, p.589).



Pode-se dizer que a guerra foi um fator marcante para a renovação do sujeito da História e para a reformulação das categorias de compreensão da mesma. Nota-se que à partir dos anos de 1930 a guerra ganhou centralidade nos estudos historiográficos. Junto com a sua temática, o desapontamento que ela provocou não só nos indivíduos em geral, mas em especial nos historiadores que se ocupavam agora do tempo presente na tentativa de compreender a criação da tragédia, a falência da própria História capaz de revelar o futuro/progresso, o desencantamento, a desilusão.

O trágico século XX provocou um abalo sísmico no solo da História. Segundo Dosse (2007), os olhares direcionados à história no pós-guerra não foram unívocos.

Entre historiadores metódicos e não metódicos, e outros mais, estava Febvre que no entre guerras, defendia que a guerra possuía um papel importante, a saber, o de conduzir os historiadores a um exame de consciência. Sua aula inaugural, citada anteriormente, intitulada “*L’histoire dans le monde en ruines*”, constitui, segundo Dosse (2007), uma análise alternativa da conjuntura historiográfica na França, conduzida em particular pela *Revue de Synthèse Historique*, de Henri Berr.

A falibilidade da história em prever a catástrofe, passa a ser tema de alguns círculos intelectuais, como é o caso dos *Annales*. Para Febvre, a guerra, a mesma não prevista pela história passa a ser a reveladora “[...] *de la crise de l’histoire; elle lui a fait prendre conscience de manière aigüe de sa responsabilité de savant et de l’urgence à organiser le travail pour transformer l’histoire.*” (DOSSE, 2007, p. 205).

Para Bloch, conforme Dosse (2007, p. 215),

[...] la guerre a été une expérience qu’il a vécue, comme Febvre, en combattant patriote (il a fini la guerre avec la grade de capitaine) et aussi en historien. Il s’est en particulier intéressé à la psychologie du témoignage et à la psychologie collective des combattants.

Há autores que defendem veementemente a presença de uma renovação na concepção de história em Bloch à partir de sua experiência com a guerra e à partir dos métodos de



compreensão da Psicologia. A guerra ganha centralidade nos estudos e análises historiográficas, não deixando de lado o mundo medieval (tema de pesquisa de Bloch), mas permitindo ganhar espaço agora as questões do mundo contemporâneo e do tempo presente, especialmente a partir de 1940.

Certes pendant la guerre, e malgré ces lourdes restrictions, il parvient à maintenir une activité intellectuelle, mais elle lui coûte beaucoup de son énergie, et il est souvent découragé. Dans les Mélanges d'histoire sociale, c'est un autre M. Bloch que signe, il a pris le pseudonyme de 'M. Fougères'. Dans les lettres s'établit d'ailleurs un curieux dialogue entre M. Bloch et M. Fougères, dont il s'amuse mais qui symbolise à sa manière le conflit que le déchire. M. Fougères se préoccupe encore d'histoire médiévale et d'histoire rurale, c'est lui sans doute qui reprend son travail dans les archives, mais M. Bloch, lui, paraît préoccupé par d'autres problèmes, plus urgent, plus nécessaires. Il rédige L'Etrange Défaite (...) Enfin, Apologie fait bien un lien entre son travail de historien et sa posture de historien qu'il entend interroger. (MÜLLER, 2003, p. XLVI).

É possível fazer tal constatação quando analisadas as correspondências trocadas, durante a primeira geração dos *Annales*, entre Marc Bloch e Lucien Febvre. De acordo com Müller (2003), a guerra passa realmente a fazer parte não só da vida de Bloch e Febvre, bem como de seus estudos, fazendo-os voltar o olhar para o tempo presente e seus problemas. Marc Bloch, por sofrer mais contundentemente a violência nazista por ser judeu e combatente, passa a assinar seus artigos com o pseudônimo M. Fougères na revista dos *Annales* que durante o período de 1942-1944 receberá o título de *Mélanges d'histoire sociale*. De acordo com Müller, nas cartas estabelecer-se-á um diálogo curioso entre o M. Fougères que vai simbolizar o Marc Bloch historiador preocupado com os estudos da História Medieval, e o Marc Bloch, ele mesmo, agora preocupado com problemas mais urgentes e necessários, o qual escreverá, por exemplo, *L'Etrange Défaite* e *Apologie pour l'histoire*. Esta última obra cuidará em estabelecer relação entre seu trabalho de historiador e sua postura de historiador.

Lucien Febvre não escapará à realidade da guerra e do nazismo. De acordo, ainda, com Müller (2003),

Plus tôt déjà, en 'un triste jour de 1942', L. Febvre imaginait un autre projet d'un livre de 'pure histoire' dans lequel il se proposait d'étudier cet autre mythe alors cruellement actuel: 'Honneur et patrie': 'beaucoup d'idées [...] un livre d'explication du temps présent, le grand conflit historique en



France du patriotisme terrien, tardif et populaire, et la vieille notion de l'honneur militaire, ou autre, et la fidélité au souverain ; toutes choses venues du fond des âges'. Il se met au travail sans tarder. Assurément, interroger l'histoire de France avec Michelet, faire le détour de Rabelais parmi les censeurs pendant la guerre n'est pas une démarche innocente ni vraiment de pure érudition. Cette voie a peut-être aussi un nom : le détour, ou la dissidence. Ni la compromission, ni le silence, ni la science au-dessus de tout, ni la science au service du pouvoir : tel fut l'espace à l'intérieur duquel L. Febvre et M. Bloch ont cherché leur voie. Différemment. (MULLER, 2003, p. XLVII).

Em um engajamento mais intelectual que político, Febvre dedicar-se-á também à compreensão do nazismo, muito embora o sinta e a ele reaja de uma maneira diferente de Bloch que, por sua vez, fará uma escolha por um engajamento armado na Resistência (MÜLLER, 2003). Em Febvre, podemos notar uma preocupação com a compreensão da mentalidade nazista para compreender este fenômeno a exemplo de Lucie Varga, em suas investigações sobre a religião de Rabelais que, não por acaso, como bem aponta Müller (2003), trata da temática em questão.

À partir de Müller (2003) podemos também encontrar nas pesquisas de Febvre referências sobre a problematização de concepções, categorias, conceitos e campos semânticos próprios do nazismo, o que nos permite observar, novamente, a influência direta de Lucie Varga sobre seus interesses intelectuais e como ela e suas pesquisas ganharam lugar de destaque no movimento dos *Annales*. A expressão “*honneur*” se coloca como uma questão-problema para Varga e Febvre à partir da qual devem partir para compreender a ideologia nazi bem como sua mentalidade, ou ainda, a forma como é apreendida e consentida.

Também é possível suscitar a precoce presença de uma perspectiva nova da concepção de história em Bloch. Se mais recentemente a temática da mentalidade e, ainda mais recente, a questão da memória têm sido tão debatidas enquanto rumos novos da historiografia, pode-se dizer que a história totalizante de Marc Bloch já preconizava tais elementos.

De acordo com Dosse (2007, p.204), “*Febvre défend que le but de l'histoire est de chercher des lois et rejette la conception de l'histoire comme connaissance de l'individuel et du particulier.*”.

Segundo o autor:



Son scientisme reste donc plutôt une idée régulatrice, voire une méthode. Il caractérise l'histoire qu'il veut faire comme analytique, ni collectiviste ni individualiste, mais idéaliste, car pour lui les faits économiques, comme tous les autres faits sociaux, sont de faits de croyance et d'opinion. (DOSSE, 2007, p.204).

É possível observar em Febvre, uma retomada da sociologia durkheimiana, quando defende ser a vida social feita de representações (Mucchielli, 1994 *apud* Dosse 2007).

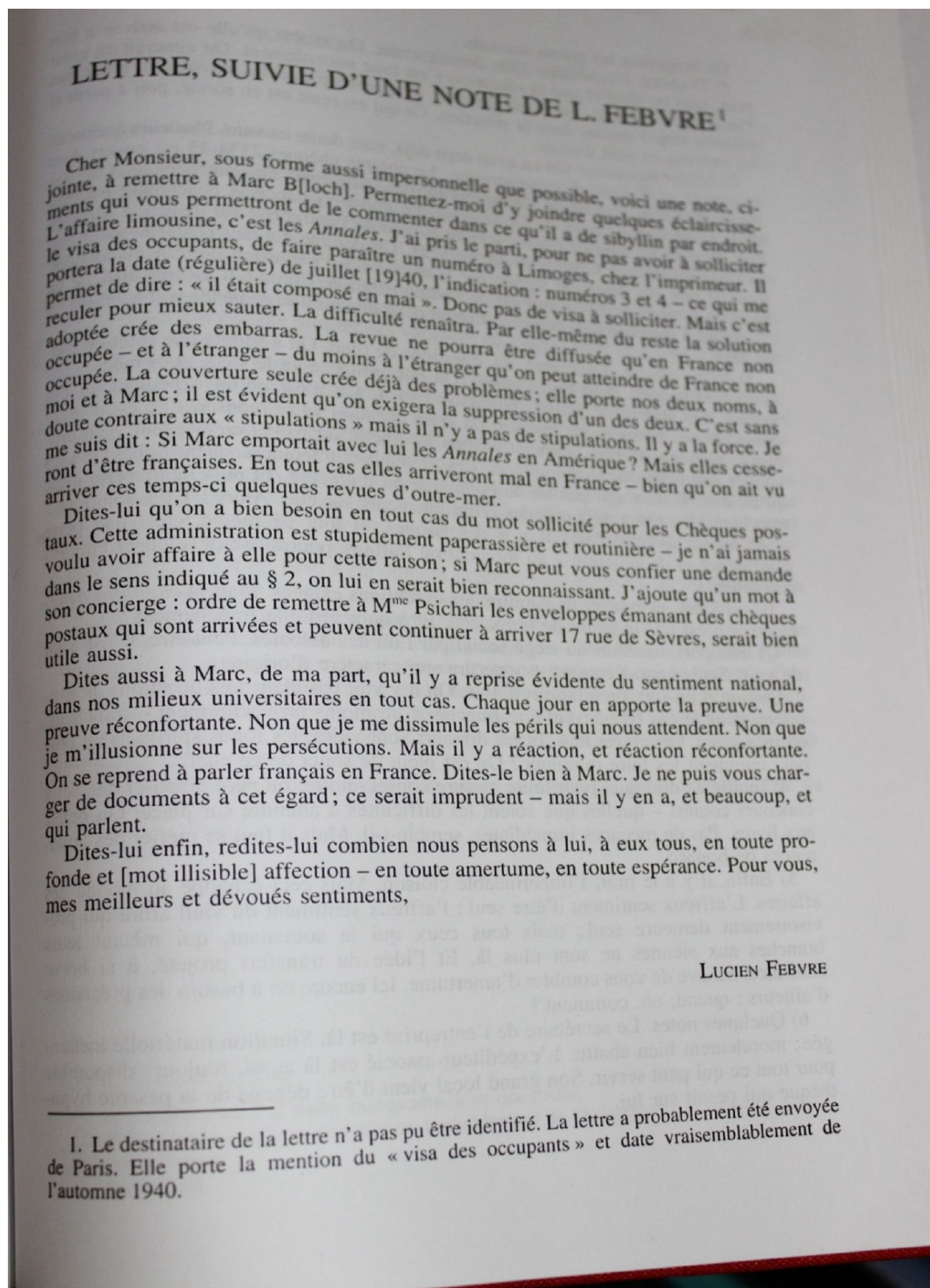
Para alguns autores, como no caso citado por Dosse (2007), o de Ulrich Raulff, observamos novamente a existência de uma relação profunda entre a guerra e a prática de Bloch enquanto historiador. De acordo com Dosse (2007), para Ulrich, Bloch

*Illustrerait le processus qui dans les années 1920 déplace le regard d'historien des textes aux indices matériels, aux éléments corporels et physiques, aux pratiques, en construisant une science de l'observation qui part du présent. L'expérience de la guerre jouerait un rôle essentiel dans ce processus ; elle serait source du nouveau mode de connaissance qui s'écarterait de l'attention prioritaire aux discours pour s'attacher à la critique des témoignages, à l'utilisation des sources visuelles, aux objets visibles (Wessel, 1997 ; Mastrogregori, 1997 ; Becker, 2006 *apud* DOSSE, 2007, p.205).*

A realidade da guerra vai não só impor a necessidade de transformações nas questões metodológicas e teóricas do movimento dos *Annales*, mas vai também lhe impor necessidades políticas e administrativas para que o projeto possa ter continuidade. Além de precisar mudar o nome da Revista durante o período de 2 anos, também passarão a tratar os *Annales* como *L'affaire limousine*, como demonstra a carta abaixo, que Febvre envia à destinatário não identificado para tratar do projeto no ano de 1940.



Foto 2 – Lettre, suivie d'une note de L. Febvre



Fonte: Elaboração própria. Reprodução da carta disponível em Muller (2003).

O desencantamento provocado pela realidade da guerra tomou conta da geração de 1920 e 1930 e gerou uma crise intelectual, uma desconfiança sobre a ciência, “[...] *la* 251659264



méfiance envers l'histoire qu'expriment en particulier Paul Valéry en qualifiant l'histoire de "plus dangereux produit de l'alchimie de l'intellect [...]" (Dosse, 2007, p. 211). Segundo o autor, é nos anos 1930 que o tema da crise da história encontra seu apogeu entre os intelectuais da época e encontra espaço especial na vida e nas obras de Bloch que se voltarão agora para a psicologia do testemunho.

Neste período entre-guerras, Bloch e Febvre compõem o corpo docente junto à Universidade de Strasbourg, momento que antecede e ao mesmo tempo impulsiona a criação dos *Annales*. Mas não somente Bloch e Febvre, mas outros igualmente importantes intelectuais, como Georges LeFebvre, Maurice Halbwachs, e Charles-Edmond Perrin – que vai posteriormente, este último, ser interceptado juntamente com Bloch pelos alemães e sobreviverá ao Massacre de *St-Didier-de-Formans* e testemunha-lo-á.

De acordo com Dosse (2007, p. 212), “[...]C’est le climat intellectuel de cette Université qui en fait surtout l’originalité, l’accent y est mis sur la collaboration entre professeurs de différentes disciplines, sur la recherche interdisciplinaire. Aux yeux de Berr (1921, 1922), Strasbourg est un exemple de l’esprit de synthèse dans l’enseignement supérieur [...]”. Este é, segundo o autor, o que vão chamar de *O espírito de Strasbourg*.

Neste mesmo *espírito de Strasbourg* caminha o projeto de Henri Beer concretizado em suas revistas. A Revista de Síntese Histórica, de acordo com Dosse (2007), é a consolidação de um espaço de debates sobre a história que vai reunir pesquisadores das mais diferentes disciplinas. A interdisciplinaridade é adotada como uma característica essencial para os debates fomentados neste projeto, a fim de buscar uma explicação para os fenômenos sociais que vá além dos fatos sociais, e passem a circular pelas áreas que contemplam também os indivíduos e sua função social. Desta forma, “[...] *la Revue de synthèse historique ne s’aligne pas sur les positions durkheimiennes [...]*” (DOSSE, 2007, p. 198), e se aproxima mais de áreas como a psicologia, como uma forma original de explicar os fenômenos pelos quais sua geração passava, ou, ainda, como uma forma nova de conhecimento analítico. A perspectiva de análise de Beer, segundo o autor, é a de captar os indivíduos e suas individualidades e, também, lançá-las ao universo do social dando ênfase às suas existências e ao papel que estas desempenham na dimensão coletiva.

Ao analisar o estudo realizado por Dosse à respeito da *Revue de Synthèse Historique* de Henri Beer, é possível notar ou ainda sugerir que a mesma abriu caminho aos *Annales*, no que se refere à abertura, destes dois espaços representados pelas duas revistas, ao diálogo



entre os diferentes campos científicos, permitindo também um trabalho analítico mais flexível que o exigido pela academia.

No entanto,

Elle a permis aux futurs fondateurs des Annales de nouer des alliances (notamment avec la géographie vidalienne), d'affirmer leurs propres positions contre 'l'histoire historisante', mais l'importance de la Revue de Synthèse Historique, la reconnaissance qu'elle finit par acquérir ne peuvent être résumées par ce parcours encore individuel. Elle est la caisse de résonance des débats qui traversent les sciences sociales au début du XXe siècle, et dont Lucien Febvre et March Bloch tireront pour leur compte leurs propres enseignements, le premier étant de rompre avec l'attitude œcuménique de Beer au profit d'une ligne d'intervention clairement définie. Plus que la Revue de synthèse historique c'est l'Année sociologique qui, de ce point de vue, constituera le modèle des Annales. (DOSSE, 2007, p. 199, grifo nosso).

O *Espirito de Strasbourg* também contemplado pela *Revue de synthèse historique* de Beer testemunham uma crise historiográfica que ao mesmo tempo vai reafirmar a necessidade de uma renovação no campo para “[...] *redonner du sens à une historiographie appauvrie par l'oubi d'une histoire globale [...]*” (DOSSE, 2010, p. 588).

Redotar de sentido a história e atribuir um novo sentido para a historiografia parece ter sido objetivo e tarefa da geração de intelectuais europeus do início do século XX não comprometidos de forma favorável ao nazismo.

Duas motivações parecem estar claras aqui. A primeira refere-se à motivação acadêmica dada a insatisfação e falência de algumas correntes teóricas consideradas, para esta geração, como reducionistas e limitadas no campo de análise. A segunda, e não menos importante, o contexto histórico no qual se inseria esta geração. Em outras palavras, a realidade da guerra estará presente agora na reflexão e na auto-reflexão, na disciplina de História e no papel do historiador, no debate historiográfico e na função do intelectual. A temática da guerra, embora estivesse presente e visível em muitos intelectuais, em Bloch ela exercerá influência de forma bastante incisiva.

No entanto, é também nos anos 1930 e 1940 que os veículos de debates sobre a crise da História à partir da realidade da guerra passam a ter suas comissões desmanteladas e posteriormente as revistas censuradas.



Ce n'est pas encore la censure ni les interdictions mais la fragilité matérielle et financière, la dispersion des comités de rédaction, la rupture des liens avec les abonnés, qui condamnent de nombreuses revues à la disparition. Les conditions nouvelles créées par la guerre sont fatales à des nombreuses revues. À partir du 24 mai 1940, toute création de journal ou de périodique est soumise à autorisation préalable. L'Occupation change dramatiquement les conditions. La suspension puis le contrôle des communications postales, télégraphiques et téléphoniques, les fermetures et les perquisitions de maisons d'édition aggravent le désordre. Dans la zone non occupée ne subsistent que la Revue des Deux-Mondes repliée à Royan, qui repart à l'automne, et la Revue universelle, repliée à Vichy, en janvier 1941. En zone occupée, la Nouvelle Revue française se retrouve seule, toute seule, parmi les revues littéraires et culturelles. (MÜLLER, 2003, p. XIX).

De acordo com os relatos das correspondências de Marc Bloch e Lucien Febvre, a ocupação alemã na França muda drasticamente a organização das revistas e jornais, ou qualquer outro espaço de debate intelectual sobre os acontecimentos do presente.

À partir de 1942 as revistas passam a receber a mesma atenção que os livros e sofrem censura e interdição, como estes.

Lucien Febvre: entre a *Synthèse* e os *Annales*.

Como abordado anteriormente, as análises já realizadas sobre a atuação de Febvre na *Revue de Synthèse Historique*, bem como sua relação com o pai-fundador da mesma, a saber



Henri Beer, induz ao pensamento de que este foi também forte influência daquele e, por consequência, base para o nascimento dos *Annales*.

No entanto, ao aproximar o olhar sobre essa estreita relação tanto de Febvre com os projetos de Beer, quanto com o próprio Beer, podemos identificar a existência não só das confluências, no que diz respeito aos projetos em si, mas também é possível identificar as divergências no que se refere à posição e função de cada um frente ao seu respectivo projeto. Todos os projetos de Beer,

[...]de nature différente, étaient liées entre elles par une unité profonde; elles constituaient les étapes de l'élaboration progressive d'un même dessein: celui de la synthèse. A chacune d'elles, Febvre a été associé de près, y a occupé d'importantes responsabilités et, comme en témoigne leur abondante correspondance, pris une part très active dans leur conception et leur mise en œuvre. Mais il n'y a pas investi la même ambition que Berr et il ne partageait pas nécessairement la même conception de l'organisation du travail que chacune d'elles induisait. (MULLER, 1996, p. 41).

Febvre participou e colaborou em todos os projetos de Henri Beer, atuando diretamente na *Revue de Synthèse Historique* desde o período anterior à Primeira Guerra. Mas antes de atuar efetivamente no último e grande projeto de Beer, Febvre colaborou junto ao diretor da *Synthèse* em diferentes projetos, tais como:

1) Febvre a collaboré très activement à la Revue de synthèse. Depuis son premier article en 1905 sur la Franche-Comté et jusqu'en 1937, il y a publié près de 280 textes, essentiellement des comptes rendus. Avant la Première Guerre, c'est à la revue de Berr qu'il a destiné presque exclusivement ses publications et il prend aussi une part active à sa gestion. Son nom est attaché très tôt aux secteurs de la géographie historique de la France et de l'histoire économique. La création des Annales en 1929 n'a d'ailleurs nullement interrompu sa participation puisqu'il devient l'un des codirecteurs d'une Revue de synthèse transformée en 1931. C'est même au cours des années 30 que ses contributions ont été les plus nombreuses et les plus longues.

2) Trois de ses livres ont paru dans la collection «L'Evolution de l'humanité», conçue par Berr avant 1914, et il a été associé de près à la conception du plan d'ensemble de la collection ainsi qu'à l'attribution de certains volumes, comme La Société féodale de son ami Marc Bloch 5 De plus, dans les



différents plans, apparaissent cinq ou six livres que Febvre n'a jamais achevés et, pour certains d'entre eux, probablement pas commencés,

3) *Dès sa création en 1925, Febvre participe aux activités du Centre international de synthèse dont il devient le directeur adjoint un an plus tard. Dans sa correspondance, il évoque à plusieurs reprises l'organisation d'un centre de cartographie historique qui aurait pu aboutir à la réalisation d'un Atlas historique de la France. Il participe régulièrement et contribue aux Semaines internationales de synthèse ainsi qu'au Vocabulaire historique.*

4) *Febvre et Berr ont rédigé ensemble l'article sur l'histoire qui a paru en 1932 dans l'Encyclopaedia of the Social Sciences.*

5) *Enfin, Febvre coopéra à la conception et à la création du journal Science qui ne connut qu'une existence éphémère. (MÜLLER, 1996, p. 40-41).*

De acordo com Müller (1996), estas iniciativas de Beer coexistiram nos anos do entre-guerra, com exceção da *Revue de Synthèse Historique* que se consolidou como tal somente dos anos 1930 em diante.

O projeto independente de Lucien Febvre, a saber, os *Annales*, não foi capaz de interromper sua colaboração junto à Revista de Beer, tendo conseguido um grande número de publicações nesta, mesmo depois da fundação de sua Revista com Marc Bloch. Müller propõe em seu trabalho demonstrar os pontos de divergência entre Beer e Febvre dada a tentação de aproximarmos os dois e seus respectivos projetos de uma maneira plena. Ao analisar as correspondências de Henri Beer e Lucien Febvre, Müller (1996) constata que os dois apresentavam mais dissidências que confluências especialmente à partir dos anos 1930.

Como em Bloch, em Febvre também podemos encontrar uma forte mudança de paradigma, uma necessidade de se repensar a História à partir da experiência da guerra. Neste sentido, Müller (1996) se dedicou a um rigoroso trabalho de análise das publicações e correspondências de Febvre com a finalidade de melhor compreender sua concepção de história, sobre a função do intelectual e sobre a historiografia.

Müller vai se deter à princípio na análise de dois textos de Febvre. O primeiro, trata-se de sua aula inaugural à Strasbourg, também publicada na *Revue de Synthèse Historique*, e o segundo, Febvre vai consagrar um rigoroso exame historiográfico da França. (MÜLLER, 1996, p.42)

É possível notar que neste período, e isto constata-se pela análise dos textos de Febvre, que a história era temática central dos debates intelectuais no período entre-guerras. O mesmo



“exame de consciência” que Dosse encontra em Marc Bloch, Bertrand Müller vai perceber também em Febvre. Um exame de consciência sobre a história, a historiografia e o papel do historiador diante da realidade de catástrofes do século XX. Esse é também o “*espírito de Strasbourg*”, também o espírito de muitos outros movimentos que coexistiram durante esse período, nos diferentes países e círculos intelectuais e artístico. O espírito do “*exame de consciência*”. Exame de consciência da História, bem como da historiografia; da Ciência e do papel do intelectual. Esse era o espírito da Europa do início do século XX.

Ces deux textes développent, chacun à leur manière, sous la forme d'un examen de conscience pour le premier et d'un bilan, un peu amer, pour le second, les lignes d'une même problématique ou plutôt d'une même inquiétude: la situation de l'histoire et son rôle dans l'après-guerre, la fonction sociale de l'historien dans des sociétés bouleversées par un conflit mondial. (MÜLLER, 1996, p. 42).

De acordo com Müller (1996), duas posições se sustentaram no período entre-guerras. A posição dos historiadores da história tradicional, e a nova concepção agora defendida por Beer, a da história síntese, ou síntese histórica. No entanto, de acordo com o autor, a segunda e nova concepção de história, que se desenvolveu à partir da experiência da guerra, ou seja, de uma necessidade de uma nova compreensão da história, ela não ganhou apoio nem no campo acadêmico, nem no político, e também não nas ruas e mídia.

À partir disto, a concepção de síntese histórica em Beer era mais do que uma renovação no campo da história. Era também uma renovação nos outros campos do saber, e uma renovação do papel do historiador e intelectual, necessitando para tanto o tão aclamado “exame de consciência” e a construção e consolidação de um novo espírito.

A realidade das guerras, comum aos intelectuais e historiadores das duas correntes – Febvre e Beer - não foi suficiente para conter a velha concepção de história manifestas nas narrativas historiográficas. Segundo Müller (1996, p. 43) “ [...] *dans cette confrontation, 'l'école officielle' a maintenu ses positions et 'il est très vrai qu'en France, [les] forces novatrices, si actives soient-elles, sont loin d'avoir remporté la victoire.*”. Mas também os movimentos de renovação da história mantiveram-se em seu propósito através das publicações nas revistas. “*Aussi ce constat, très sévère à l'égard de l'histoire traditionnelle, 'la plus vieille, la plus pauvre, la plus fastidieusement désuète', nous ramène-t-il à la guerre,*



à ses conséquences sur le développement de la discipline historique et à l'examen de conscience auquel procéda Febvre'''. (MÜLLER, 1996, p. 43).

Bem como Marc Bloch, Lucien Febvre também teve um engajamento, não só político, mas militar. Engajou-se enquanto um combatente, e como Bloch, posicionava-se contrário ao pacifismo diante da realidade da guerra. E, ainda, assim como em Bloch, em Febvre a guerra tomará uma proporção alargada ocasionando o mesmo exame de consciência sobre o seu papel político, acadêmico e social de historiador e fazendo rever a concepção de história, e também as categorias semânticas das narrativas históricas.

La guerre représentait surtout l'épreuve et le révélateur d'une crise générale profonde. 'Tout a été mis en question, notait Berr, la vie des individus, celle des peuples, le sort même de la race humaine, et la valeur des principes qui la dirigent.' A. cette crise qui affecte l'humanité tout entière, l'ensemble des savoirs, ni les sciences ni l'histoire ne sauraient échapper. Sur la nécessité et l'urgence d'une redéfinition de l'histoire, d'une réorganisation de ses pratiques et d'une réorientation de ses priorités, les points de vue de Berr et de Febvre convergent. 'Réfléchir sur la science' et 'préciser le rôle de l'histoire' constituent les deux axes prioritaires à partir desquels la discipline est à repenser et à reconstruire. Pour Berr, en particulier, l'issue du conflit ne concrétise pas seulement une victoire militaire mais elle consacre aussi la supériorité intellectuelle et morale de l'esprit français, 'esprit de vérité', sur la science allemande, asservie et pervertie par 'l'égoïsme national'.. (MULLER, 1996, p. 44).

No entanto, é importante lembrar que tanto Febvre quanto Bloch eram homens de seu tempo, e então aqui todo cuidado deverá ser levado em conta para que não cedamos à tentação do anacronismo. Os posicionamentos acadêmico e político, tanto de um quanto do outro, carregavam em si o esforço pela objetividade de historiador, porém, a realidade da subjetividade de homem. A guerra possuirá grande peso na produção acadêmica de Bloch, bem como na sua política, especialmente por trazer na pele o estigma conferido pelo antissemitismo. Em contato, com Febvre não será diferente. Certamente que a experiência de Bloch trará a ele e a Febvre lucidez para analisar o tempo que viviam.

Segundo Schöttler (1995),

Problème redoutable et, comme nous le savons aujourd'hui, parfaitement insoluble, puisque depuis la découverte d'Auschwitz et de Treblinka il est impossible, dans le cas du nazisme, de séparer entièrement l'objectivité de



l'historien et la subjectivité de l'homme. Mais notre vision beaucoup plus informée du régime hitlérien ne pouvait être celle des contemporains - même les plus vigilants. Et Bloch ou Febvre étaient certes des contemporains lucides, et n'en restaient pas moins des hommes de leur temps, s'informant par les journaux, réfléchissant, discutant, lisant quelques livres sur l'actualité allemande - notamment les travaux d'Edmond Vermeil - mais sans jamais prétendre à des connaissances particulières, dépassant une opinion, non pas commune mais, disons, éclairée. (SCHÖTTLER, 1995, p. 79).

Beer manifesta em si a mesma crise de que trata esta tese, em seu início. Toda crise de paradigma, crise da ciência, crise generalizada manifesta nos indivíduos, nas suas concepções, nos movimentos estéticos, nas narrativas, na História. A mesma crise de que fala Sevcenko (2001). Também a mesma crise de que fala Koselleck (2006). Beer a confirma e a vivencia em suas reflexões.

De acordo com Müller (1996), a preocupação referente ao papel do historiador e sua responsabilidade enquanto intelectual frente aos fenômenos sociais e à sociedade terá centralidade em Febvre e em todos os seus trabalhos realizados no período entre-guerras.

As mudanças ocorridas nos anos 70 provocaram ainda mudanças não só no que diz respeito ao objeto da Historiografia, mas também quanto à sua recepção nas ciências humanas, segundo Lévy-Dumoulin (2010), e o pós-guerra passa a gerar novos desafios semânticos e a construção de uma nova configuração linguística.

As revistas históricas na França à partir de então passam a ganhar notoriedade e serem reconhecidas por sua expressão política, configurando-se no espaço por excelência do debate sobre e no tempo presente.

Depuis le milieu du XIXe siècle, par-delà les techniques dont l'essor vient d'être décrit, le fonctionnement des revues historiques justifies d'en affirmer la pérennité. Sous la houlette d'un comité de rédaction la revue historique se définit par sa chartre éditoriale, ses objets, son regard, son épistémologie parfois ; elle se dote de l'autorité scientifique par l'examen critique de contributions souvent confiées (surtout en Amérique du Nord) à l'aveugle à des experts. Enfin la constitution de dossiers, de numéros thématiques, historiographiques ou polémiques permet aux revues d'être le théâtre renouvelé d'un état de la discipline. (LÉVY-DUMOULYN, 2010, p.594).



É possível notar que neste período, e isto constata-se pela análise dos textos de Febvre, que a história era temática central dos debates intelectuais no período entre-guerras. O mesmo “exame de consciência” que Dosse encontra em Marc Bloch, Bertrand Müller vai perceber também em Febvre. Um exame de consciência sobre a história, a historiografia e o papel do historiador diante da realidade de catástrofes do século XX. Esse é também o “espírito de Strasbourg”, também o espírito de muitos outros movimentos que coexistiram durante esse período, nos diferentes países e círculos intelectuais e artístico. O espírito do “exame de consciência”. Exame de consciência da História, bem como da historiografia; da Ciência e do papel do intelectual. Esse era o espírito da Europa do início do século XX.

Ces deux textes développent, chacun a leur manière, sous la forme d'un examen de conscience pour le premier et d'un bilan, un peu amer, pour le second, les lignes d'une même problématique ou plutôt d'une même inquiétude: la situation de l'histoire et son rôle dans l'après-guerre, la fonction sociale de l'historien dans des sociétés bouleversées par un conflit mondial. (MÜLLER, 1996, p. 42).

Pode-se dizer, neste sentido, que o trabalho de Febvre, ou seja, sua contribuição junto à geração de sua época e à partir da crise que permeara o início do século XX, está em construir uma “história-ciência”, com sua preocupação direcionada à construção de um novo método.

L'heure n'est plus des miniatures et des enluminures, des tableaux de bataille et des cartons de tapis. Mais qu'elle vienne vite, par contre, l'heure bienfaisante, l'heure espérée d'une mainmise progressive et méthodique de la science sur l'univers - l'heure ou, dans le désordre universel, s'introduira un peu de cet ordre bienfaisant qu'engendrent la connaissance et l'application des lois (FEBVRE, 1920, p. 3)

Pode-se notar que para Febvre o movimento dos *Annales* marcado pela iniciativa da instituição do periódico, *la Revue des Annales*, teve sua importância pela construção de um história agora Ciência e, por consequência, de um novo método. Para Febvre, a constituição deste novo método da História é que atribuiria a esta o caráter de ciência, o qual ainda não possuía. Encarada sempre enquanto ela própria – a História – um método, especialmente à partir do surgimento das Ciências Sociais que a agregava enquanto tal, é que Febvre vai



repensar a função da História, enquanto disciplina, e o papel de seus intelectuais, os historiadores.

L'avenir de l'histoire, science du «développement de l'homme à travers les âges », science non pas du particulier ni de l'individuel mais «discipline critique qui doit partir l'individuel du collectif», qui a commencé à prendre conscience de sa méthode et de son but depuis quelques décennies seulement, s'écrit sur la même page que celui des sciences; ses progrès sont étroitement liés aux développements encore mal assurés d'autres disciplines voisines comme la sociologie ou la psychologie. (MÜLLER, 1996, p.45, grifo nosso).

Mas, segundo Muller (1996), essa historia-ciência de Febvre não possuía a ambição do materialismo histórico dialético por não se preocupar com o telos, mas, em lugar disto, centrar sua preocupação apenas no método com o único fim de fazer da História uma ciência, e uma ciência do tempo presente. Também, de acordo com o autor, seu objetivo é o de redefinir o estatuto da História “[...] *que não é nem o da memória nacional e nem o de uma coleta de antiguidades, mas o de uma ciência em que os métodos, por consequência, confundem-se com os do racionalismo científico de sua época [...]*”. (MÜLLER, 1996, p.46).

Dès lors le credo scientifique qui inspire le texte importe moins que la philosophie de l'action qui s'en dégage. Le but que s'assigne Febvre n'est pas d'élaborer une nouvelle théorie de l'histoire mais de penser une 'pratique de l'histoire' en déclinant ses différentes opérations: démarche patiente, méthodique et rigoureuse, circonscrite dans un champ d'expérience délimite, soucieuse de discuter et de problématiser les articulations de la réalité historique. (MÜLLER, 1996, p.46).

O objetivo final de Febvre, de acordo com Müller (1996, pag.47) “[...] *não é o de elaborar uma nova teoria da História. O objetivo de Febvre é o de pensar uma prática da História [...]*”. Daí então a necessidade de um método rigoroso para efetuar essa prática que deverá problematizar uma realidade histórica dentro de um tempo e um espaço delimitados.

Assim como em Bloch, em Febvre também existe uma preocupação correspondente ao momento de conflito que sua geração vive. A guerra passa a ser o problema à partir do qual a

história vai partir para analisar a realidade social de então, afim de compreendê-la, e, por consequência, repensar o seu próprio sentido, o próprio senso de processo histórico.

Febvre tenta conduzir os projetos dos quais participa com Berr dentro de uma mesma proposta de organização Durkheimiana que a revista *L'Année Sociologique*. Este seu desejo será realizado na parceria com Marc Bloch com a criação dos *Annales* sempre em referência à *L'Année Sociologique*. Febvre vai pensar num projeto não tão erudito.

Déclinons-en les principaux éléments: pas d'érudition 'pure et sèche' mais une revue bien informée, ouverte non seulement aux spécialistes mais à toutes les disciplines; un périodique 'utile' avant tout, centre sur les débats critiques et méthodologiques ; peu de 'mémoires originaux', des articles de méthode surtout d'où se dégagerait progressivement une doctrine commune; enfin, une grande part réservée aux informations pratiques sur la vie et les institutions scientifiques ainsi qu'à la bibliographie critique. (MÜLLER, 1996, p.49).

É possível notar, pelas correspondências primeiras de Febvre à Bloch, que aquele, em dado momento, passa a viver algumas diferenças com Beer, no que diz respeito não só aos encaminhamentos dos projetos nos quais trabalhavam juntos, nos periódicos, mas também na forma como pensavam ou passam a pensar a disciplina de História, mas também a própria história e o papel do historiador.

Em uma carta enviada à Bloch, no começo ainda da institucionalização dos *Annales*, Febvre escreve:

Vu Berr a la maison hier soir. Il m'agace, il m'insupporte, il devient de plus en plus borne, limite, incompréhensif - et une sorte de messianisme beat luit dans ses yeux, qui l'empêche de rien voir des réalités..(MÜLLER, 2003, p.X)

Isso porque as diferenças já existentes na trajetória dos dois intelectuais, que de alguma forma contornadas durante o percurso que traçaram juntos, passam a conflitar à partir dos anos de 1934, segundo Müller (1996). Para o autor, a crise entre os dois historiadores agrava-se e ganha visibilidade com o surgimento do primeiro volume do periódico/jornal



Science, projeto de Berr, no qual Febvre colaborou durante os momentos em que era elaborado. Tratava-se de um jornal anual cientificista e enciclopédico. No mesmo momento em que *Science* aparece, Febvre estava atuando como diretor de *l'Encyclopedie Française*. À partir disto, Febvre deixa todos os seus trabalhos em parceria à Berr e concentra-se no seu incipiente projeto, a *Revue des Annales*.

Em correspondência, Febvre anuncia seu mais novo projeto:

En janvier 1929, les Annales d'Histoire économique, sœur cadette des Annales de Géographie (avec qui Demangeon fera le trait d'union) paraîtront donc sous la double direction de Marc Bloch, qui prend rapidement une place de premier rang dans nos équipes scientifiques, et de moi-même. Un premier prospectus, que je joins à ma lettre, t'éclairera sur nos intentions, d'une façon sommaire. Nous serons historiens. Mais nous n'entendons point par là exclure le présent de nos soucis. Nous chercherons à l'atteindre de deux façons : d'une part, en renseignant nos lecteurs sur l'évolution économique et sociale des Etats civilisés contemporains, de façon à leur fournir des termes de comparaison et des suggestions de recherche pour leurs travaux, d'autre part en faisant une large place, grâce à une collaboration assez suivie de 'coloniaux' intelligents, aux sociétés dites primitives et aux types archaïques d'organisations qui subsistent encore à la surface du globe. — Je n'ai pas voulu te demander, pour ce premier lancement, ton nom. Je sais trop qu'il n'aurait été malheureusement qu'un nom et que tu n'as pas le loisir, ni même la faculté en ce moment, de collaborer réellement à une oeuvre comme la nôtre. Mais je tiens tout d'abord à t'en signaler la naissance. J'espère que tu lui seras favorable, que tu en approuveras le dessein et au besoin que tu l'appuieras de ton crédit et de ton autorité. (MULLER, 1992, p.81).

E ainda,

Les Annales seront une revue « nationale », puisque dirigée par des Français, créée en France, et poursuivant entre autres buts, celui de montrer à l'étranger qu'on travaille beaucoup plus qu'il ne semble en France dans le domaine de l'histoire économique et sociale. Mais cette Revue 'nationale' entend bien être 'internationale' d'esprit et de collaboration. Nous avons déjà de nombreuses promesses de concours actifs, de la part d'étrangers de tous les pays, Allemands compris. Nous attachons un très grand prix à savoir ce qui se passe hors de chez nous. Nul doute que, bien placés pour être documentés, nombre de tes collaborateurs du B.I.T. ne puissent, le cas échéant, devenir de nos collaborateurs à nous ? Nous avons déjà demandé, sur recommandation assez chaude, à Baumont un article à paraître dans nos 1ers numéros, sur l'Evolution récente de l'Industrie allemande¹. Approuves-tu ce choix et crois-tu à B[aumont] l'étoffe suffisante pour nous donner, sur ces choses d'Allemagne que tant de fumistes se



targuent de connaître alors qu'ils les ignorent, une documentation régulière et utile ? (MULLER, 1992, p.82).

Do que se observa das obras de Febvre, bem como de seus discursos e aulas, sua atuação na política acadêmica, suas correspondências, existe a curiosa presença dos estudos rabelaisianos que de alguma forma vai despertar suas inquietudes e lhe provocar um olhar no mínimo cuidadoso ao seu século, tal qual Rabelais.

Essa figura, presente nos estudos de Febvre, permite compreender suas escolhas e seu posicionamento diante de seus projetos – recordando aqui seus enfrentamentos com Berr, considerado por ele um intelectual pouco aberto às inovações da academia e da ciência – e diante, sobretudo, da História.

Importante reconhecer estas presenças na trajetória de Febvre para compreender qual o verdadeiro espírito dos *Annales*. A figura de Rabelais na obra de Febvre revela a percepção de um novo ponto de partida para a História e suas narrativas, e para o Historiador. Se pararmos para pensar na “questão-problema”, veremos que um problema é sempre uma voz dissonante num coro afinado. Um coro afinado, tal qual foi o século de Rabelais, o século XVI. Rabelais era a nota dissonante no coro harmonioso de seu século.

Com seu interesse por Rabelais, Febvre nos mostra que estava vigilante de seu século, em atenta observação. Febvre, enquanto historiador, e enquanto um historiador que não se contentava em *contemprar da orla, preguiçosamente, o que se passa no mar em fúria* (FEBVRE, 1965, p.32), detecta um problema e vê nele o ponto de partida para o fazer história.

Duas preocupações se afirmam a cada obra de Febvre: o problema, junto ao método; e o papel do historiador.

Uma das heranças de Rabelais à Febvre foi o desejar e o acolher das forças inovadoras contra as raízes, contra a força do imutável. Outra delas foi a de não atribuir a história o método do “*é verdade que*” (MOTA, 1978, p.36).

O que importa aqui revelar é a presença em Febvre do mesmo impulso de Rabelais, aquele que questiona o solo sobre o qual pisa. Essa problematização do presente histórico e acadêmico de Febvre através dos estudos, dentre muitos outros, sobre Rabelais e o mundo



universitário de sua época, faz revelações sobre as proximidades que a Universidade do século XVI possuía com a Universidade do século XX. A Universidade de Rabelais estava para a religiosidade tal como a de Febvre estava para o cientificismo racionalista.

Febvre, assim como Rabelais, não possuía a rigidez contida no espírito de sua época. Se para Rabelais era condenável a postura da Academia que, a partir da religião, apresentava uma verdade sobre a vida e a história, para Febvre o mesmo acontecia na sua geração que ainda possuía uma visão de uma história enrijecida nas suas verdades unilaterais do Racionalismo. Para Febvre, a análise histórica não pode ser regida pela unilateralidade e o fato possui mais de uma verdade e todas elas devem ser, na sua concepção, consideradas para que se tenha uma visão o mais próxima do *todo* possível. Só à partir da consideração dos mais diversos olhares sobre um objeto é que se poderá, para o historiador, alcançar a construção de uma história totalizante que, por sua vez, estará ela agora sim mais próxima não da Verdade, mas de uma compreensão global do sujeito em questão. “*Compreender*”, essa é a tarefa cara ao historiador para Febvre. A história, na sua concepção, necessita ser compreendida e não ser transformada em Verdade.

Para Febvre (1962), devemos nos lembrar...

*[...] da filosofia dos homens do Renascimento, na sequência de teses e de atitudes, que não são se distinguem, uma da outra, como igualmente se opõem e contradizem. Cada qual possui uma parcela de verdade, levando em conta as circunstâncias de tempo, de lugar, de estrutura social e de cultura intelectual, que explicam seu nascimento e seu conteúdo. Desta forma, é na medida em que soubermos justificar os contrastes e as oposições que poderemos entender por que, tendo mudado as circunstâncias, cada uma destas teses e destas atitudes tiveram que se apagar diante de outras; é unicamente nesta medida que podemos avaliar o esforço perseverante da mente humana, reagindo à pressão dos eventos, ao choque das circunstâncias. **Esta é, verdadeiramente falando, a tarefa do historiador.** (FEBVRE, 1962, p.54, grifo nosso).*

Estudar as circunstâncias de todo pensamento e forma de pensar e agir era algo facilmente notado no trabalho intelectual de Febvre. O referido historiador, diferente da maioria de seus contemporâneos, buscava sempre defender uma ação comunicativa e dialógica entre o objeto de análise em sua relação espaço/tempo, mas, sobretudo, convidava as mais diferentes áreas do conhecimento para dialogarem e manifestarem suas impressões



sobre este mesmo. Febvre era contra o *espírito de especialização* e a favor da interdisciplinaridade.

Há alguns anos os historiadores vêm tendo o privilégio de serem colocados no banco dos réus por um variado lote de homens notáveis – poetas, romancistas, jornalistas, ensaístas – que, despendendo em favor de Clio alguns momentos de uma vida dedicada a outros cultos, compreendem instantaneamente (ou pelo menos assim afirmam) o que anos de estudos nunca foram suficientes para fazer os historiadores compreenderem nem exprimirem. Após o que, com uma caridade matizada, alguns de ironia francesa, outros de furor germânico ou de humor inglês, esses espíritos brilhantes e rápidos nos comunicam, em alguns traços ardentes, suas descobertas ou seus sistemas. Que fazer? Agradecer-lhes sem falso pudor; examinar com toda sinceridade as suas críticas; entregar-nos ou resistir? Sim, se vemos neles camaradas de combate, que podem nos tocar seja por argumentos racionais, seja por apelos ao sentimento: porque, enfim, nós, historiadores, vivemos na mesma atmosfera de crise que os outros homens nossos contemporâneos – e necessitamos, para que possamos perseverar, da confiança em nós mesmos e em nossas obras. (FEBVRE, 1953, p. 119).

A interdisciplinaridade, o convite à ação dialógica das diferentes áreas da ciência, era marca dos trabalhos de Febvre. Algumas áreas em especial, com as quais Febvre enxergava uma forte via de diálogo, a saber, a Sociologia, a Linguística, a Psicanálise e a Psicologia. Sobre esta última, Febvre muito se debruçou para construir a noção de *mentalidades* que, por sua vez, construía suas bases à partir da psicologia dedicada aos estudos da coletividade, ou seja, a Psicologia Coletiva.

Febvre torna-se um crítico implacável da História Política que nunca se importou em estudar as mentalidades o que dificultou para os tempos passados e também para o presente uma análise mais global do emaranhado de relações sociais e não sociais que tecem a história. Como então, perguntava-se Febvre, entender o presente e, ainda, entendê-lo a partir do passado, se a História Política não se preocupava sequer em estudar a mentalidade dos grandes personagens históricos, os “heróis”, quanto menos das massas anônimas que foram e são parte importante na construção da história da humanidade? A História não só dificultava o seu próprio trabalho, como também o da Psicologia Histórica que buscava evidências para compreender as relações e os fenômenos coletivos à partir das mentalidades dos “heróis” e das massas anônimas.



Na verdade, nem a psicologia de nossos psicólogos contemporâneos tem curso possível no passado, nem a psicologia de nossos ancestrais tem aplicação global possível aos homens de hoje. E mesmo que se considerem também 'heróis' da história, 'personagens históricos' conhecidos por um número maior ou menor de documentos biográficos e de 'retratos' físicos ou mentais – quantas massas anônimas existiram, em relação às quais nunca houve a preocupação de uma análise psicológica dos elementos, nem de uma caracterização global das relações? (FEBVRE, 1953, p.211).

Febvre busca, diferente da tendência das narrativas da história de até então, compor uma narrativa que explique a realidade social a partir do estudo conjunto do coletivo e do particular. E a interdisciplinaridade era método essencial para que esta nova narrativa da história, que propunha Febvre, se realizasse. Pois para Febvre, o homem enquanto sujeito histórico apresentava múltiplas facetas, não era uno ou unilateral, e por isso necessitava ser compreendido pelas diferentes áreas de conhecimento.

Les hommes, seuls objets de l'Histoire, d'une histoire qui s'inscrit dans le groupe des disciplines humaines de tous les ordres et de tous les degrés, à côté de l'anthropologie, de la psychologie, de la linguistique, etc., d'une histoire qui ne s'intéresse pas à je ne sais quel homme abstrait, éternel, immuable en son fond et perpétuellement identique à lui-même, mais aux hommes toujours saisis dans le cadre des sociétés dont ils sont membres, aux hommes membres de ces sociétés, à une époque bien déterminée de leur développement, aux hommes dotés de fonctions multiples, d'activités diverses, de préoccupations et d'aptitudes variées, qui toutes se mêlent, se heurtent, se contrarient et finissent par conclure entre elles une paix de compromis, un modus vivendi qui s'appelle la Vie. (FEBVRE, 1953, p. 3).

Além da interdisciplinaridade, Febvre se coloca também ao lado do estudo do e no tempo presente. Para Febvre (1953), devemos evitar projetar o presente, nosso presente, no passado. Isso significa, para além da análise dos fenômenos do tempo presente, muito mais que do passado, e ao contrário do que muitos podem interpretar sobre essa colocação fazer alusão à uma negligência dos estudos dos tempos passados para compreender o presente,



Febvre apenas ousava chamar a atenção de seus colegas de trabalho para não ficarem presos no tempo passado, quando o presente os ofertava inúmeros problemas que necessitavam dos cuidados analíticos dos historiadores.

Lier la recherche historique aux préoccupations du monde contemporain constituait, on le sait, l'une des exigences essentielles de la pratique historique de Lucien Febvre et de Marc Bloch. Dans la brève adresse au lecteur du premier numéro des Annales, c'est l'une des tâches prioritaires qu'ils assignèrent à la nouvelle revue. A cette volonté devait correspondre une plus grande attention aux travaux des « enquêteurs que préoccupe le présent »: sociologues, ethnographes, géographes principalement, tous étaient sollicités pour palier les carences d'une « histoire contemporaine » trop absente des études historiques. En se réappropriant le temps présent, les fondateurs des Annales ne cherchaient pas seulement à concrétiser certaines des exigences théoriques d'une autre histoire; le binôme passé/présent impliquait également que soient reconsidérées en d'autres termes les relations entre sociétés anciennes et univers contemporain. Pour L. Febvre et M. Bloch, investir le présent permettait de doter la recherche historique d'instruments nouveaux d'analyse ; forger pour l'étude du passé des moyens de comparaison empruntés aux analystes du monde actuel ; ouvrir aux historiens la possibilité de mieux penser l'articulation des sociétés et des économies anciennes et contemporaines, ainsi que des sociétés « primitives » et « évoluées ». Enfin, et peut-être surtout, la nécessité pour l'historien d'inscrire son effort dans le monde qui l'entoure — l'histoire est fille de son temps, se plaisait à dire L. Febvre — devenait une exigence pour mieux définir le rôle que pouvait et devait jouer l'historien pour agir face aux bouleversements du monde contemporain. Ainsi, au centre de leurs préoccupations, se trouvaient posées les questions de l'utilité de l'histoire et de la fonction sociale de l'historien, questions qui hantaient M. Bloch, mais aussi L. Febvre. « Historiens hommes d'action », la formule, inscrite en titre de l'une des rubriques des Annales, devait marquer significativement une manière de définir les voies possibles de l'action de l'historien sur le monde dont il est partie prenante. (MULLER, 1992, p. 78).

Esta citação nos traz importantes colocações, ainda que em poucas linhas, com respeito à visão de história e da função do historiador contida nos Annales e nas visões e pretensões de Marc Bloch e Lucien Febvre. Já em seu início, o autor coloca que uma das grandes preocupações de Bloch e Febvre era justamente a de vincular a pesquisa histórica com as preocupações do mundo contemporâneo. Isto, segundo o autor, constitui uma das exigências essenciais da prática historiadora de e para Bloch e Febvre. Para que esta exigência pudesse ser contemplada é que os dois historiadores partem então para o segundo passo, também visto como uma de suas marcas principais neste movimento historiográfico que se inicia com a Revista, a saber, o de convidar outros intelectuais, ou seja, de abrir a pesquisa histórica para outras áreas também interessadas nos problemas da contemporaneidade. Por



isso a abertura às áreas de Sociologia, Etnografia, Geografia, etc, suprindo assim as carências de estudos da história contemporânea nas pesquisas históricas.

Ao se apropriarem do tempo presente como objeto da pesquisa histórica, Bloch e Febvre acreditavam acrescentar novos instrumentos de análise na pesquisa histórica e assim possibilitar ainda uma visão diferente sobre o passado a partir de elementos da atualidade, do mundo contemporâneo. O uso do presente teria, na visão dos pais fundadores dos *Annales*, apenas a contribuir não só para a compreensão do mundo contemporâneo como também do passado. Uma maneira também, segundo Müller (1992, p.78), de “[...] *abrir aos historiadores a possibilidade de melhor pensar a articulação de sociedades e de economias antigas e contemporâneas bem como de sociedades “primitivas” e “evoluidas”*”.

Müller (1992) também ressalta a necessidade que ambos os historiadores tinham de se atuar no mundo no qual estavam inseridos. Para eles, era importante naquele momento definir a função do Historiador sobre o mundo em que estavam circunscrito. Era importante, na visão de Bloch e Febvre, que o historiador – conhecedor e possuidor da noção de processo histórico – intervisse e agisse em face das transformações do mundo contemporâneo. Ou seja, para os historiadores, o historiador possuía um papel importante junto ao mundo social que precisava de alguma forma ser definido e realizado. Desta maneira é que, ao centro de suas preocupações, estavam a utilidade da História e a função social do historiador.

Podemos dizer que as bandeiras levantadas pelos dois historiadores e defendidas em seus estudos, pesquisas, na *Revue* e, também, nas suas práticas historiadoras estavam centradas nos *Problèmes Contemporains* e nos *Historiens hommes d’action*. A função social do historiador em face aos problemas contemporâneos era objeto de investigação de Bloch e Febvre e também sua luta.

Como dissemos anteriormente, a concepção sobre o papel do historiador diante da sociedade contemporânea não se limitava para os dois historiadores aos muros universitários. Pensavam que enquanto intelectuais deveriam realizar uma função sim acadêmica, mas também social. Deveriam transitar do mundo acadêmico ao mundo extra-acadêmico, deviam produzir debates dentro da universidade sobre a realidade social da época, mas também concretizar este debate fora dela.

O documento que nos apresenta Bertrand Müller (1992) enriquece as informações que temos a respeito do que foi o projeto dos *Annales*, para além de uma revista acadêmica.



Dès lors, pour aborder les problèmes contemporains dans toute leur ampleur, ce n'est pas seulement au monde académique que vont faire appel les directeurs des Annales. En 1928, alors que les deux historiens investissent toute leur énergie à constituer un vaste réseau de collaborateurs tant en France qu'à l'étranger, tant à l'Université qu'à l'extérieur de l'Université, L. Febvre songe à renouer contact avec l'un de ses anciens camarades de promotion de l'Ecole normale supérieure, Albert Thomas, devenu premier directeur du Bureau international du travail. A une première lettre de L. Febvre, A. Thomas répondra rapidement, lui proposant de venir à Genève, à l'invitation du BIT. Les documents épistolaires que nous proposons sont concentrés, chronologiquement, autour du voyage que L. Febvre entreprit à Genève en octobre 1928. Les neuf lettres que nous reproduisons ici ont été échangées entre septembre 1928 et février 1930. Les six premières sont consacrées au bref séjour du 24 octobre 1928 ; toutes antérieures à la parution du premier numéro des Annales, elles nous informent de l'avancement du projet, des intentions et des ambitions de L. Febvre et de M. Bloch, de leurs espoirs et leurs attentes d'une collaboration avec le BIT. Les dernières, postérieures, nous livrent un premier témoignage, à chaud, sur l'expérience d'une première année d'existence de la revue, de sa réussite, mais aussi des difficultés qu'éprouvent ses directeurs à établir un réseau de collaborateurs contemporains. (MÜLLER, 1992, p.78-79, grifo nosso).

Nesta citação, Bertrand Müller anuncia o trabalho que realizou de reunir as correspondências trocadas entre Febvre e Albert Thomas, demonstrando numa primeira remessa de correspondências por ordem cronológica, que aparecem antes do primeiro número da Revista dos Annales e que concernem às informações sobre o andamento do projeto, suas ambições e intenções além das expectativas da relação que pretendiam entre o projeto da Revista dos Anais com o BIT – *Bureau International du Travail*, onde trabalhava Thomas. Numa segunda remessa de correspondências, Müller nos fornece um material que corresponde à experiência do primeiro ano de existência da revista, suas conquistas, mas também suas dificuldades especialmente no que se refere ao estabelecimento de uma rede de colaboradores contemporâneos.

Sobre Thomas e Febvre,

L'amitié qui liait les deux hommes est ancienne, elle remonte à la fréquentation commune de l'ENS au tournant du siècle. Fin effet, avant d'entreprendre la carrière politique que l'on sait, A. Thomas avait suivi une formation d'historien ; au concours d'agrégation d'histoire, il devança même L. Febvre en se plaçant au premier rang de sa promotion. Et même si le poids de l'engagement militant prit assez rapidement le pas, A. Thomas s'efforça tout au long de sa vie de ne pas renoncer complètement à l'histoire, souci qu'il exprime dans ses lettres à L. Febvre. Socialiste avant d'entrer à l'ENS, il exerça une influence décisive sur l'engagement politique de



plusieurs de ses camarades, et très vraisemblablement sur L. Febvre. Trop peu connu et trop longtemps négligé, ce rôle de « médiateur » d'A. Thomas mériterait d'être réévalué. (MÜLLER, 1992, p.79).

O projeto de Marc Bloch e Lucien Febvre se mostra inovador em diversos sentidos, como demonstramos. Seus contemporâneos, e os historiadores de até então, estavam sempre em suas pesquisas muito voltados aos problemas de outros séculos, de outras idades e o trabalho tão importante da análise histórica acabava por ser relegado a outras áreas, ou então a serem simplesmente negligenciados e ignorados. Esse era, e é, um problema que acabava por gerar outro problema ainda mais ou tão grave quanto: o do anacronismo, também apontado por Febvre.

O historiador que fitava os olhos sempre no passado, acabava por enxergar o presente a partir da ótica dos tempos idos, pensar à partir de uma reflexão do tempo no qual estava imerso em suas análises.

Este grande interesse às coisas do tempo que já foi, impedia os historiadores, e ainda nos impede enquanto cientistas, de olhar para o presente com os olhos do presente. Limita a necessária capacidade de compreensão das mudanças sofridas ao longo do tempo histórico, e mais que isso, de sua aceitação e, sobretudo, a aceitação de que estas devem ser pensadas, refletidas, e analisadas com um espírito mais contemporâneo. O passado por vezes imprimia nas análises dos historiadores contemporâneos à Febvre o peso do preconceito, da rigidez de pensamento, da reflexão corrompida e anacrônica (MOTA, 1978). Essa é para Febvre, segundo Mota (1978) a posição tomada pelos historiadores da História Política, a História dos fatos.

Aristocrática por suas origens, a história, durante séculos, e ainda hoje, só tem tido olhos, na maioria das vezes, para os Reis, os Príncipes, os Condutores de Povos e de Exércitos – os homens 'que fazem a História'. (FEBVRE, 1953, p. XX).

A História Política considerava que os fatos era oriundos das ações de grandes personagens históricos que, por sua vez, emergiam do meio dos *movimentos confusos* (FEBVRE, 1953) de massas humanas anônimas.



A este movimento de massas anônimas pouco ou nada se destinava as análises históricas. Pensando nisso é que Febvre convida a Psicologia a trabalhar em conjunto com a História. Um momento da história em que Freud também voltava os interesses da Psicanálise para os estudos das massas, tendo, por exemplo, escrito entre os anos de 1920 e 1923 o *Psicologia das Massas e Análise do Eu*.

Febvre não se coloca inflexível quanto ao objeto de estudo do historiador não estar necessariamente vinculado ao tempo em que este vive. Apenas faz o convite ao historiador de despir-se de uma visão enrijecida no passado e passar a enxergar e à analisar a realidade social do tempo presente à partir de suas novas configurações e, também, produzir um diálogo entre as áreas de conhecimento, tarefa que, na sua concepção, faz-se necessária ainda mais nos dias em que vivia, quando o presente passa a despertar mais interesse da necessidade de compreensão que o passado (haja vista a insistência de processos do passado nos fenômenos do presente de Febvre), e a disciplina de História não consegue de forma isolada dar conta da complexidade deste tempo.

É possível notar a partir disto, que desde as primeiras décadas do século XX, um esforço por uma *ação comunicativa* já se manifestava ao menos no círculo intelectual dos Annales. O apelo à linguagem e a uma nova composição do campo semântico, também estético, é parte deste convite ao diálogo entre áreas para, por sua vez, uma nova composição do campo acadêmico e científico.

Estudar as massas era antes de tudo dedicar uma atenta análise às ideias que conferiam-lhe alguma forma. Os estudos sobre a linguagem para entender a função social da ideologia e seu poder sobre a massa, neste período do século XX em que o nazismo e o fascismo estavam em constante ascensão, fazia-se indispensável.

Linguagem: o mais possante de todos os meios de ação do grupo sobre o indivíduo. Linguagem, técnica lentamente elaborada pela humanidade, tendo enfim chegado ao seu estado atual, em seu estado perpetuamente mutável e movediço, depois de não apenas séculos, mas de milênios de trabalho. Linguagem carregada, no início desses tempos, de toda a série das distinções, das dissociações das categorias que a humanidade conseguiu pouco a pouco criar. Linguagem cuja ação se liga à dos mitos que serviram como técnicas para a humanidade, quando ainda lhe faltava instrumental capaz de dar-lhe o domínio das coisas – e mesmo à das próprias técnicas, tão fortemente aparentadas entre si em uma mesma época, tão fortemente participantes de um mesmo estilo suscetível de ser datado sem erro. Tudo isso, em uma palavra, faz com que se possa dizer que o indivíduo é sempre o



*que permitem que ele seja tanto a sua época quanto o seu meio social..
(FEBVRE, 1953, p. X)*

Fica explícito nesta citação que Febvre compreendia o poder da palavra, do *logos*. Ele compreendia que o desenvolvimento histórico-social se dava em grande medida por meio da palavra, das ideias organizadas e manifestas no discurso, na ideologia que impulsionava os indivíduos, de forma coletiva, a realizarem suas ações. Febvre chega a conferir à linguagem igual importância que aos mitos. Isso porque, durante um grande período histórico, a humanidade organizou-se em torno do mito. Toda ação social estava diretamente ligada ao mito ou a uma crença religiosa.

Eram os mitos que explicavam os fenômenos, todo e qualquer, e que tentava responder às grandes e irresolutas inquietações da alma humana: de onde viemos e para onde vamos, ou a origem de todas as coisas. Os mitos possuíam a função de explicar sim os fenômenos, mas, sobretudo, de imprimir sentido à vida e tudo o que ela traz consigo. Eram também os mitos que conferiam uma ordem moral para a sociedade à partir das ações dos deuses e heróis da mitologia.

Em seguida, Deus e a religião cristã passam a conferir sentido e ordem no mundo ocidental até o advento da Razão, a partir da qual o mundo e seus fenômenos começam a ser explicados. Neste momento então, para Todorov (2005, p. 13), foi que “[...] o diabo considerou que o Homem moderno havia mordido suficientemente bem seu anzol e escolheu esse momento para anunciar que um pacto existia e que era preciso começar a pagar.”.

Se queres manter a liberdade, disseram esses profetas a seu contemporâneo, terás de saldar um triplo preço, separando-te primeiro de Deus, em seguida do teu próximo e finalmente de ti mesmo. Nada de Deus: não terás nenhuma razão para crer que exista um ser acima de ti, uma entidade cujo o valor seria superior ao de tua própria vida; não terás mais ideias nem valores: serás um “materialista”. Nada de próximo: os outros homens, ao lado e não acima de ti, continuarão a existir, é claro, mas não contarão mais para ti. Teu círculo se restringirá: primeiro a teus conhecidos, em seguida à tua família imediata, para se limitar enfim a ti mesmo; serás um “individualista”. Tentarás então agarrar-te a teu ego... Serás atravessado por correntes sobre as quais não terás nenhum domínio; crerás decidir, escolher e querer livremente, quando na verdade essas forças subterrâneas o farão em teu lugar, de modo que perderás as vantagens que te pareceram justificar todos esses sacrifícios. Esse ego será apenas uma coleção heteroclita de pulsões, uma dispersão ao infinito; será um ser alienado e inautêntico, não merecendo mais ser chamado de ‘sujeito’. (TODOROV, 2005, p.13).



Para a nova forma que toma a humanidade nos tempos do homem moderno, necessitou-se o auxílio da palavra, ou seja, o logos, na sua mais complexa combinação, as ideias, a ideologia, para convencer homens de uma nova moral, já que os heróis estavam mortos.

Correntes de pensamento surgiram e disputaram o sentido do curso da História, uma vez que, segundo Todorov (2005), os homens modernos, ao saberem sobre o pacto “não conseguiram entrar em acordo sobre a conduta a adotar”. (TODOROV, 2005, p. 13).

Desde a revelação do contrato, os que dão a conhecer suas opiniões em público, estudiosos, escritores, homens políticos ou filósofos, se dividiram em várias grandes famílias, segundo as respostas que quiseram lhes dar. Essas famílias de espírito existem ainda hoje, ainda que os cruzamentos, as defecções e as adoções tenham confundido um pouco o quadro. (TODOROV, 2005, p.13).

E ainda,

As famílias de espírito que eu identifico são ‘ideológicas’ mais que filosóficas: cada uma delas é um agregado de ideias políticas e morais, de hipóteses antropológicas e psicológicas, que participam da filosofia, mas não se limitam a ela. (TODOROV, 2005, p.16).

Algumas são as preocupações centrais de Febvre. A linguagem é uma preocupação muito presente e visível em suas obras. A interdisciplinaridade é outra delas. O convite que Febvre faz às demais áreas do saber para dialogarem com a História implica necessariamente, não só o querer decifrar este complexo mundo que se abre no seu tempo, mas, sobretudo, modificar a semântica que comporá agora as narrativas históricas.

É possível estabelecer, pelo estudo atento das obras do historiador, um vínculo, ou um contato, com a psicanálise de Freud. Febvre manifesta em seus escritos a percepção de uma sociedade que se caracteriza cada vez mais pela morte das vontades individuais e a produção



de um pensamento que possui o poder de se instaurar e de se fazer aceito entre a grande maioria: a sociedade de massa. O historiador chega a falar em suas obras sobre sociedade de massa, tema em pauta, entre seus contemporâneos Adorno e Horkheimer, sociólogos que analisam a indústria cultural e o fenômeno da sociedade cada vez mais massificada que, dentre outras coisas, facilitava a ascensão de governos ditatoriais em toda Europa do século XX.

A preocupação de Febvre, então, é possível notar, está em construir uma narrativa que, com o olhar atento da sociologia de Adorno, da psicologia e da psicanálise de Freud, pudesse revelar as armadilhas da história e construir uma narrativa que se enveredasse para caminhos outros que não os mesmos daqueles que até então, apropriando-me das palavras de Todorov (2005), deram “a conhecer suas opiniões em público”. Pode-se dizer, a narrativa de Febvre era uma narrativa combativa. Combativa do espírito da época. A História Política que se narrava era certamente um apoio ideológico para esta sociedade de massa que, auxiliada pelos media, não só fixava seus valores, os da indústria cultural, como naturalizava a produção da guerra e a criação de espaços de genocídio.

A narrativa que Febvre trazia como proposta não podia em hipótese alguma, compactuar com a da História Política e dos Eventos. Este se pode dizer, era o espírito dos *Annales*. Febvre interessava-se pelas *mentalidades*, e a inseria enquanto objeto da narrativa dos *Annales*. Para ele,

Qual é o objeto de estudo do historiador? Responde a opinião comum: por um lado, os movimentos confusos das massas de homens anônimos dedicados de algum modo às grandes necessidades da história; por outro lado, surgindo sobre essa multidão, a ação dirigente de certo número de indivíduos qualificados como “personagens históricos”. Pouco conhecidas são as massas. Épocas inteiras não nos deixaram sobre elas qualquer testemunho direto e detalhado. Aristocrática por suas origens, a história, durante séculos, e ainda hoje, só tem tido olhos, na maioria das vezes, para os Reis, os Príncipes, os Condutores de Povos e de Exércitos – os homens ‘que fazem a História’, Menschen die Geschichte machen: esse é o título que recentemente apareceu na Alemanha. **Assim sendo, as relações da psicologia com a história estabelecem na consideração da opinião comum de modo muito simples.** (FEBVRE, 1978, p. 109, grifo nosso).



A este respeito, continua Febvre (1978, p. 109),

E as massas anônimas? Essas serão justicadas com uma psicologia coletiva a ser fundada sobre o estudo das massas atualmente apreensíveis, e que sem esforço estenderá (segundo se supõe) suas conclusões às massas de outrora, às massas históricas.

Ainda, para ele era necessário...

[...] inventariar inicialmente em seu detalhe e, em seguida, **recompôr para a época estudada, o material mental de que dispunham os homens dessa época**; por um possante esforço de erudição, mas também de imaginação, **reconstituir o universo, todo o universo físico, intelectual, moral, no meio do qual se moveram as gerações que o precederam**; tomar um sentimento nítido do que, por um lado, a insuficiência das noções de fato sobre este ou aquele ponto e, por outro lado, a natureza do material técnico em uso em determinada data na sociedade que se deve estudar engendrariam necessariamente lacunas e deformações nas representações que certa coletividade histórica forjaria do mundo, da vida, da religião, da política; perceber, enfim, levando em conta a observação de Henri Wallon, que um universo ‘no qual somente a força muscular do homem pode se bater contra os seres concretos que diante dele se erguem’ não é, não pode ser, o mesmo universo que aquele no qual o homem se assenhoreou da eletricidade segundo suas necessidades – e, para produzir essa eletricidade, dominou as forças da natureza; compreender, em uma palavra, que ‘o Universo’ não é um absoluto como o ‘Espírito’ ou o ‘Indivíduo’ – mas que ele vai incessantemente se transformando com as invenções, com as civilizações criadas pelas sociedades humanas: eis a finalidade última do historiador (FEBVRE, 1978, p.119, grifo nosso).

Ainda sobre a presença dos estudos das mentalidades nas obras de Bloch e Febvre, Georges Duby (1919-1996), historiador medievalista e um fino pesquisador da História Social e das Mentalidades (que também ficará, segundo o próprio historiador, conhecida como Nova História à partir da 3ª geração), vinculado à segunda geração dos *Annales* que será também expoente de sua terceira geração, vai observar em sua obra *A História continua* (1993), que

Mais que Marc Bloch, Lucien Febvre tinha a convicção de que a economia não explica sozinha as estruturas e a evolução de um grupo social. Esta convicção incitou-o a dar um novo nome à revista: *Annales. Economies, Sociétés, Civilisations*. A economia continuava à frente, mas o social instalava-se no cerne do projeto em posição de comando, e o lugar que lhe havia sido atribuído pelos fundadores em 1929, complementar, não



acessório, pelo contrário, aberto para o futuro da pesquisa, incumbia agora às “civilizações”, ou seja, ao que hoje denominaríamos cultura. Com efeito, ao contrário de Braudel, cuja maneira de escrever a história deriva de uma conjugação entre as abordagens do geógrafo e do economista, e que confessava sem reticências hesitar arriscar-se pelo terreno da cultura, particularmente do religioso, Lucien Febvre, de sua parte, extraindo sua informação mais das obras literárias que das cartas e muito mais que das estatísticas, sentia-se mais a vontade neste terreno que em qualquer outro. (DUBY,1993, p.87).

De acordo com Duby (1993), Febvre parecia inclinar-se um pouco mais que seu companheiro Bloch aos estudos das Mentalidades. O que pouco se sabe, e que abodaremos nesta pesquisa ainda, é que Febvre terá uma assessora, historiadora austríaca que se dedicará aos estudos da Mentalidade para compreender o nacional-socialismo. E esta será uma influência direta sobre Febvre, ao ponto de ser oficialmente reconhecido como o historiador introdutor da noção de Mentalidades na historiografia, permitindo cair no anonimato o trabalho que sua colaboradora realizou junto à revista e ao movimento dos *Annales*.

Mas não somente Febvre sob influência de sua colaboradora, Bloch também não fugirá da noção de mentalidades e nem da articulação dos tempos passado e presente para compreender os fenômenos que lhes eram contemporâneos. Para Duby (1993),

Marc Bloch, de *Les Rois thaumaturges* a *La Société féodale*, convidava-nos a considerar a ‘atmosfera mental’. De maneira mais insistente, Febvre exortava-nos a escrever a história das ‘sensibilidades’, dos odores, dos temores, dos sistemas de valores, e seu Rabelais demonstrava magnificamente que cada época tem sua própria visão de mundo, que as maneiras de sentir e pensar variam com o tempo e que, em consequência, o historiador é solicitado a se precaver o quanto puder das suas, sob pena de nada compreender. Febvre propunha-nos um novo objeto de estudo, as ‘mentalidades’. Era o termo que utilizava. Pois nós o retomamos. (DUBY, 1993, p.87).

Sim! Febvre propunha-nos um novo objeto de estudo, como bem afirma o autor, o das *mentalidades*. Febvre inclinava-se a descobrir os sistemas de valores do tempo presente, buscando suas origens de sua dinâmica em fenômenos do passado. Assim o fez, em parceria com sua colaboradora Lucie Varga, para compreender o sistema de valores que impulsionava a massa a realizar ações subjacentes ao sistema ideológico do nazismo e assim permitir sua instalação. Assim o fez também entendendo que era preciso, para compreender este sistema



de valores que impulsionava as massas, investigar suas origens, através de campos semânticos que eram próprios de fenômenos do passado, recente ou não. *Seu Rabelais*, como coloca Duby, significou esta inclinação em Febvre, e em Bloch, seus *Rois thaumaturges*.

Para que compreendamos melhor a noção de *mentalidades*, Duby (1993) nos esclarece que a expressão “mental” já existia enquanto categoria de análise já no século XIX, designando tudo o que se passava na esfera do espírito. Mas, apenas por volta de 1920, ela passa a ser incorporada pelos sociólogos (em referência especial aqui à obra *Mentalité Primitive* de Lévy-Bruhl), pelos quais também não tardará em adentrar o espaço universitário e fazer parte deste mundo (Duby, 1993).

Também para Schöttler (1991),

En effet, à la suite de Lucien Lévy-Bruhl (1857-1939), qu'il considérait comme l'un de ses maîtres les plus importants, Lucien Febvre parlait de l'idée d'un abîme profond entre la « mentalité primitive » ou, en l'occurrence, prémoderne (par exemple celle des hommes de la Renaissance) et les formes de penser du XXème siècle. Par conséquent l'historien devait s'efforcer de ne jamais franchir cet abîme de manière non réfléchie – par simple « empathie » en prendre d'abord toute la mesure, afin de ne pas réduire hâtivement l'inconnu au connu. La conception de l'histoire des mentalités élaborée par Febvre et les Annales va exactement dans ce sens. (SCHÖTTLER, 1991, p.103).

Para Duby (1993),

Eis a definição oferecida por Gaston Bouthoul em 1952: ‘Por trás de todas as diferenças e nuances individuais subsiste uma espécie de resíduo psicológico estável, feito de julgamentos, conceitos e crenças aos quais aderem, no fundo, todos os indivíduos de uma mesma sociedade.’ Assim era que o entendíamos. Mas tomávamos uma certa distância. Com efeito, nós começávamos convencidos de que no interior de ‘uma mesma sociedade’ não existe apenas ‘um resíduo’. Ou pelo menos que este resíduo não apresenta a mesma consistência nos diversos meios ou estratos de que se compõe uma formação social. E, sobretudo, recusáva-mo-nos a aceitar como ‘estável’ esse resíduo, ou antes esses resíduos (fazíamos questão do plural). Eles se modificam ao longo das eras, e nos propúnhamos precisamente a acompanhar atentamente tais modificações. (DUBY, 1993, p.88).

E ainda, mais precisamente, questiona-se sobre



De que se tratava, com efeito? De atravessar o limiar em que esbarra o estudo das sociedades do passado quando se limita a considerar os fatores materiais, a produção, as técnicas, a população, as trocas. Sentíamos a urgência de ir mais além, para junto das forças que não se situam nas coisas, mas na idéia que delas se tem, e que comandam na realidade de forma imperativa a organização e o destino dos grupos humanos... Enunciávamos entretanto dois princípios, fundamentais a nosso ver. Afirmávamos em primeiro lugar que o estudo a longo prazo desse sistema não deve em hipótese alguma ser isolado do estudo da materialidade, e foi efetivamente para justificar esta proposição primordial que nos apegamos a esta palavra, ‘mentalidade’ ...Todavia – e vinha aqui nosso segundo princípio – não era pelos indivíduos que nos interessávamos... Com o termo mentalidades, designávamos o conjunto vago de imagens e certezas não conscientizadas ao qual se referem todos os membros de um mesmo grupo. Propúnhamos que as atenções se concentrassem nesse fundo comum, neste cerne, em um nível mais baixo do que cada pessoa pudesse imaginar e decidir... nós procurávamos reconhecer não o que cada pessoa mantém acidentalmente recalcado fora de sua consciência, mas este magma confuso de presunções herdadas ao qual se refere a cada momento, sem prestar atenção nele mas sem tampouco expulsá-lo de seu espírito.(DUBY, 1993, 89-91).

Era disso que se tratava o estudo das *mentalidades* em Bloch e Febvre: o de descobrir a força que possuíam as ideias ao ponto de comandar a realidade e o destino dos grupos humanos. Foi neste sentido que Lucie Varga, também, conduziu as suas investigações, e através dos estudos das mentalidades pode constatar a existencia daquilo que chamará de “*autoridades invisíveis*”,

Au-dessus des impulsions il y a la raison qui cherche à les régler, à discipliner les appétits ; et par là déjà, l'homme n'est pas le même d'époque en époque ; il ne peut être le même : la « réalité » d'un chrétien croyant serait-elle d'un rationaliste incrédule ? – Et après la raison et après les passions, il y a ce qui crée dans la conscience des hommes les « autorités invisibles », les systèmes des valeurs morales. Ces autorités invisibles sont à l'image des autorités visibles – parents, seigneurs, rois, papes – quand rien n'est troublé, quand tout est stable, quand les hommes s'accordent avec ceux qui les gouvernent. Mais en temps de trouble, et dès que les hommes sont en bataille avec les dirigeants – tout change. Et les autorités invisibles, elles aussi, s'insurgent contre les visibles, elles en sont la contrepartie. Une contrepartie toute spirituelle, sans intérêt pour l'historien ? Non. Car les autorités invisibles, les “idées”; ne vivent pas d'une vie indépendante et abstraite. Elles agissent sur le monde, sur les autorités du monde, les ébranlent ou les défendent. Sorties de la réalité matérielle, elles rentrent en elle pour la modifier. (VARGA, 1935, p.154-155 apud SCHÖTTLER, 1991, p.108).



De acordo com Schöttler (1991), o conceito de *autorités invisibles* é o ponto chave do trabalho de Varga e esta passagem contém toda a problemática de seu trabalho e evidencia a sua originalidade. De acordo com o autor,

Bien qu'il comporte des points communs avec le concept de mentalité de Febvre et Bloch, le concept des « autorités invisibles » permet à la fois d'éviter l'opposition désuète entre civilisés et « primitifs » et d'échapper à toute normativité psychologique ; cependant, il renvoie à des hiérarchies et à des orientations symboliques dans les domaines privé, politique ou social, qui demeurent invisibles mais présentes. En ce sens, on peut dire que, à la différence de celui de mentalité, ce concept est ouvert aux thèses de la psychanalyse. Ce n'est pas seulement dans leur contenu que les travaux de Lucie Varga sont unis par cette problématique générale : ils présentent aussi certaines particularités stylistiques communes. Il est frappant de constater que presque tous ses textes commencent, en effet, par un exposé explicite des questions posées, dans lequel l'objet à étudier est d'abord constitué et souvent situé dans un contexte contemporain. Dans les années trente, de telles considérations introductives étaient encore assez rares en histoire, en dépit de l'exemple donné par les sciences sociales.. (SCHÖTTLER, 1991, p.109-110).

O autor ressalta que as inquietações de Varga, manifestas não só nos conteúdos de seus trabalhos, mas no estilo adotado em seus textos, conferem um caráter de originalidade à autora, ao mesmo tempo em que à historiografia. De acordo com Schöttler, ao se interessar pelo nazismo e abordá-lo em suas pesquisas, já contribui para que o objeto de estudo da História e da Historiografia não seja mais somente o passado e a escrita do passado, mas agora, os problemas do mundo contemporâneo.

Ainda mais além, a abordagem que utiliza para entender os problemas contemporâneos traz agora para dentro da História e da sua narrativa um novo ponto de vista da História – a história a partir das mentalidades - que implicará, por sua vez, em uma nova perspectiva metódica – a história oral, para a qual recorre em suas viagens recolhendo testemunhos através de entrevistas “[...] on y parvient en voyageant, en menant des enquêtes de terrain ou en faisant des interviews (comme dans les articles sur le nazisme ou les vallées alpines), mais aussi en réalisant avec un regard neuf les documents disponibles”(SCHÖTTLER, 1991, p.110-111) -, e, por fim, a proposição de um novo campo



semântico para a narrativa da história, que seja capaz de, agora, compreendê-la de forma total (assim como preconiza a *historia total* de Febvre e Bloch).

Outro ponto importante a ser destacado sobre os trabalhos de Varga e os que Schöttler realizou com relação a eles, é a indentificação, à partir de sua investigação da *história das mentalidades*, a existência do que chamará de *autoridades invisíveis*, ou seja, um sistema de valores morais capaz de induzir e conduzir um grupo humano a realizar determinadas ações, pela crença neste valor, que pode convergir ou divergir (dependendo do tempo histórico e suas questões políticas) do que vai nomear como “*autoridades visíveis*”, que serão elas as figuras dos pais, dos reis, dos papas, etc. Ao que podemos observar, as autoridades invisíveis capazes de tornar realizáveis fenômenos como, no caso, o nazismo só poderão ser reconhecidas, identificadas e compreendidas não por outro meio senão o da história das mentalidades.

Ainda sobre o a forma e conteúdo dos trabalhos de Varga, Schöttler (1991) diz:

En fait les textes de Varga traitent presque toujours des sujets pour lesquels il n'existe (ou n'existait) pas ou très peu de sources écrites : l'auto-représentation des petits nazis, les convictions religieuses des paysans des montagnes (y compris leur croyance aux sorcières), ou la mystérieuse religion des cathares. Pour dire les choses plus brutalement : qui s'intéresse aux « autorités invisibles » doit s'attendre à des « sources invisibles », c'est-à-dire doit se constituer tout d'abord sa propre documentation de base. (SCHOTTLER, 1991, p.110).

Ainda sobre as autoridades invisíveis e visíveis, segundo Schöttler (1991):

Les autorités invisibles et visibles – “parents, seigneurs, rois, papes” – se soumettent les hommes comme “sujets” (même s'ils ne s'en rendent pas compte). Et ils provoquent en même temps une résistance qui s'amplifie en période de crise. On cherche alors des « boucs émissaires » (p.121, 144, 200): hérétiques, sorcières, diables. Au XXème siècle ils ont d'autres noms : juifs, communistes, dissidentes. De cela aussi, Lucie Varga n'a pas seulement parlé. En tant que juive, en tant qu'historienne et en tant que femme, elle est devenue, à son tour, une victime dont on a perdu la mémoire. Si nous la redécouvrons aujourd'hui, nous n'avons que ses textes. Mais si, comme le note Lucien Febvre en 1944, l'écriture « permet à l'homme – plus encore peut-être à la femme, sensible et contrainte – d'entrer en possession d'une âme secrète, d'une âme papier écrit ou imprimé », gageons que ceux-ci contiennent bien des choses. (SCHOTTLER, 1991, p.112).



Varga, segundo análise de Schöttler (1991), constata em suas observações e análises, à partir de seus estudos sobre a mentalidade alemã, que as autoridades visíveis e invisíveis submetem os homens e este fenômeno provoca ao mesmo tempo uma resistência no momento de crise como era o caso do período de ascensão do regime nazista. Este fenômeno obriga quase que automaticamente a busca de *bodes expiatorios* que deverão ser demonizados, à exemplo dos estudos que Varga realiza sobre magia negra, religião e mito. No caso do nazismo, os homens demonizados, os bodes expiatorios eram os judeus, comunistas e dissidentes, como aponta a historiadora. E, segundo Schöttler, a historiadora austriaca constatou isso não só à partir de suas observações e análises, mas em sua própria vida à partir de sua experiência pessoal, sendo ela judia, mulher, historiadora o que a levou a se tornar uma vítima, o próprio bode expiatorio de que falava em seus textos.

De acordo com o autor, a presença de Lucie Varga junto ao projeto dos *Annales* mudaria todo o seu rumo e conferiria ao movimento o caráter pelo qual hoje é conhecido. Por isto esta pesquisa julga de grande relevância abordar um pouco da trajetória e influência de Varga para então entender o que foi o projeto dos *Annales* e qual era o sentido da história para este movimento. Com a finalidade de atingir este objetivo nos nortearemos pelas mesmas preocupações e indagações antecipadas por Schöttler:

La disparition précoce de celle-ci en 1941 contribua à enterrer définitivement l'affaire, de telle sorte que cette collaboratrice inconnue, qui fut pourtant la première femme à publier régulièrement dans les Annales, fut bientôt oubliée. Aujourd'hui, cinquante ans après, ce n'est que justice si nous revenons sur son histoire et posons quelques questions : qui était Lucie Varga ? Comment se passait sa collaboration avec Lucien Febvre ? Que signifiait l'entrée d'une femme, et qui plus est d'une étrangère, d'une Autrichienne, dans le cercle des Annales ? Enfin, en quoi consista la contribution particulière de Lucie Varga à la science historique ?. (SCHÖTTLER, 1991, p.19).

Historiadora austriaca, Lucie Varga foi uma das colaboradoras junto aos *Annales* nos anos 1930 que escreveu sobre o nazismo à partir de uma visão antropológica do fenômeno, tendo publicado um trabalho intitulado “La Genèse du National-Socialisme: Notes d'Analyse Sociale”, onde procurará entender e demonstrar a origem do nazismo, bem como problematizar a questão de classe dentro deste fenômeno, abordando também a apreensão que



as *massas anônimas* faziam da realidade na qual estavam inseridas. Varga apresentará uma visão bastante sagaz e avançada para sua época. Segundo Schöttler (1995, p. 85),

Si cette vision du nazisme, très proche de celle, plus élaborée, de Lucie Varga, nous paraît aujourd'hui un peu rapide et intuitive, elle a certainement été novatrice par rapport aux interprétations courantes de l'époque.

De acordo com Schöttler (1991), Varga publica na revista dos *Annales* três longos artigos entre 1935 e 1939, mantendo uma regularidade no trabalho de publicação e avaliação de artigos da Revista. É a primeira mulher a ingressar o círculo intelectual dos *Annales*, e depois dela, a presença feminina na revista terá lugar apenas em 1947.

Schöttler, historiador alemão da história social da Alemanha e estudioso das relações culturais franco-germânicas, desenvolve pesquisas sobre a primeira geração do *Annales*, mais propriamente sobre seus historiadores Bloch e Febvre, especialmente a partir dos anos 1990. Busca investigar a revista dos *Annales* e as relações construídas pelos e em torno dos fundadores, reafirmando sempre a influência alemã - e até a curiosidade da corrente francesa sobre a produção historiográfica alemã - e da ciência histórica alemã mesmo e enquanto muitos intelectuais e os próprios historiadores franceses não admitiam essa proximidade e, ainda, defendiam seu afastamento.

Nos estudos de Schöttler, além de Varga, outros nomes figuram entre os colaboradores dos *Annales* nos anos 1930. Um destes nomes apontados por Schöttler (1995) como um crítico da sociedade nazista alemã é o de Henri Brunschwig, historiador e, na ocasião, orientando de Georges Lefebvre, responsável por escrever as crônicas alemãs junto aos *Annales*.

Mais revenons aux «informateurs directs», c'est-à-dire aux collaborateurs des Annales qui, durant les années trente, furent les principaux interprètes de la réalité allemande. En premier lieu, il faut évoquer ici un jeune historien, ancien étudiant de Strasbourg et ancien membre de l'Institut français de Berlin, qui, en 1933, fut un témoin oculaire de la Machtergreifung, des cérémonies nocturnes et des autodafés : Henri Brunschwig. Préparant une thèse sur la société prussienne au xviii^e siècle (sous la direction de Georges Lefebvre), il devint, à partir de 1934, le principal rédacteur des chroniques allemandes aux Annales, succédant en cela à Maurice Baumont. Mais les articles de Brunschwig, à peine ironiques, resteront toujours teintés d'un positivisme prudent, allant jusqu'à percevoir le nazisme comme le produit naturel de la «mentalité allemande»



et plaidant, mais dans un texte publié en dehors des Annales, pour une politique d'apaisement vis-à-vis du «Troisième Reich». (SCHÖTTLER, 1995, p.81).

No entanto, segundo Schöttler (1995), Brunschwig não pode ser considerado um escritor colaborador dos Annales responsável pela problematização da situação da Alemanha. Outros escritores colaboradores dos Annales, e aqui a ênfase à Lucie Varga, suscitavam com autoridade as questões colocadas pela realidade do nazismo na Alemanha e desde já nos países vizinhos.

Dès 1934, ils allaient recruter d'autres conseillers encore, bien plus dynamiques, comme l'historienne autrichienne Lucie Varga et son mari Franz Borkenau. Lucie Varga, qui devint l'assistante et l'amie de Febvre, sera bientôt sa principale conseillère pour tout ce qui concernait l'Allemagne et la Mitteleuropa. C'est elle, par exemple, qui proposa plusieurs collaborateurs germanophones, traduisit des manuscrits allemands ou fit des résumés de livres allemands que Febvre utilisa pour ses cours et ses comptes rendus. (SCHÖTTLER, 1995, p.81-82).

Lucie Varga passa a ocupar um papel central entre os colaboradores dos Annales. Febvre confia à ela toda a autoridade intelectual, bem como a de análise e parecer sobre os artigos que o periódico recebia. De acordo com Schöttler (1995), mesmo um artigo do Brunschwig sobre o sistema nazista e outro sobre uma análise marxista da crise da República de Weimar de Henri Mougin a ela foi confiada à avaliação.

As análises de Varga sobre o nazismo de alguma forma buscaram contribuição e contribuem na mesma medida para a História das Ideias, ao tocar quaisquer questões sobre a origem ideológica do fenômeno e ao passo de compreendê-lo, sobretudo como um sistema de ideias que exerce uma força sobre o comportamento humano. Também contribuirá de alguma forma às análises socio-econômicas. No entanto, para Schöttler (1995), a maior contribuição de Varga sobre o nazismo se dá no campo da Antropologia e começa com seu artigo “*La genèse du National-Socialisme: Notes d'Analyse Sociale*”.

Para Schöttler (1995),



*L'intérêt de ce texte réside dans le fait qu'il s'agit d'une des premières tentatives pour comprendre le nazisme (...) en termes anthropologiques. En effet, l'auteur, qui connaît bien l'ethnologie et l'histoire religieuse, voulait en quelque sorte prendre au sérieux la mentalité des petits nazis de tous les jours et interpréter leur recrutement et leur comportement durant ces années de dépression en termes «d'honneur social» et d'identification inconsciente par rapport à un bouc émissaire d'une part («le Juif»), et par rapport à un Führer de l'autre. De même, l'évolution du «mouvement», de la Bewegung, est décrite en termes de Erlebnisgruppen, de «groupes d'expérience», et de «conversion» à une nouvelle «religion politique» (notion que l'on retrouve au même moment chez le philosophe Erich Voegelin). **Lucie Varga analyse ainsi le nazisme au niveau du vécu et du quotidien socio-culturel**, sans qu'il résulte de cette «compréhension» une quelconque tentative de justification. Bien au contraire, **il s'en suit une vision beaucoup moins optimiste des événements, puisque l'hittérisme n'apparaît plus comme le simple produit d'un coup d'État (que l'on peut annuler), voire d'une mauvaise philosophie (que l'on peut critiquer), mais d'un réflexe social, traversant toutes les classes et profondément ancré dans les comportements.** (SCHÖTTLER, 1995, p.82, grifo nosso).*

Sobre o interesse de Schöttler pelos Annales e, especialmente pela presença marcante de Varga e de seu campo investigativo, “[...] *tout a commencé par la lecture de la correspondance inédite de Lucien Febvre et Marc Bloch, les deux directeurs des Annales.*”. (SCHÖTTLER, 1991, p.13)

Schöttler em sua obra intitulada *Lucie Varga – Les Autorités Invisibles – Une historienne autrichienne aux Annales dans les années trente*, faz uma seleção dos textos e pesquisas de Varga para reconstruir não só sua trajetória junto aos Annales, não só para demonstrar a presença e contribuição de uma mulher no mundo intelectual em um período em que este era inconcebível ou ignorado, mas principalmente para recuperar uma importantíssima contribuição que diz respeito à noções, concepções e método investigativo que será para a época uma grande inovação e uma perspicaz percepção da dada realidade social. Estas são a concepção de *mentalidades* e de *autoridades invisíveis*.

O que pretende Schöttler com sua obra é fazer descobrir

[...] une historienne germanophone dont les traces dans l'histoire intellectuelle du XXe siècle se sont injustement estompées : Lucie Varga (1904-1941). Autrichienne d'origine juive, Lucie Varga vint à Paris comme émigrée en 1934 et collabora pendant quelques années à la revue des



Annales fondée en 1929 par Lucien Febvre et Marc Bloch. En ces années de crise, elle conseilla Lucien Febvre sur toutes les questions ayant trait aux pays germaniques, et dans ses articles participa activement à la critique de l'Allemagne nazie entreprise par les Annales. En même temps, ses publications contribuèrent à la mutation épistémologique que la revue provoquait et introduisait dans la science historique – de l'histoire politique traditionnelle à l'histoire des sociétés et des mentalités. Enfin, Lucie Varga fut aussi la première femme à y publier régulièrement. (SCHÖTTLER, 1991, p.09).

Ainda de acordo com autor, e sobre o trabalho de Varga,

Leur thématique commune s'exprime dans le titre du livre qui reprend une notion avancée par l'auteur : Les autorités invisibles. Dans l'introduction nous avons tenté à la fois de situer la contribution historiographique de Lucie Varga et de reconstituer autant que possible son itinéraire biographique. Derrière l'« historienne inconnue », on percevra en même temps une femme vécue dans une période de profonds bouleversements et prit le risque d'affirmer son existence d'intellectuelle dans un pays qui lui était étranger. (SCHÖTTLER, 1991, p.10).

Segundo o autor, os *Annales* já vinham investigando a ascensão do nazismo na Alemanha e o fascismo em toda Europa, desde os anos 1930 em seus estudos e publicações, no entanto, nenhum de seus textos conseguiu reunir e combinar a atualidade política e a história, em uma perspectiva de crítica externa e um ponto de vista de compreensão interna na mesma medida que o conseguiu fazer Lucie Varga em seu trabalho *La genèse du national-socialisme* (1937). Para o autor, as investigações de Varga sobre o nazismo se situavam à partir da história social, diferente das demais investigações que centravam-se apenas na história das idéias e na economia política, alguns possuindo um caráter mais polêmico (geralmente, segundo Schöttler, vindo dos autores emigrantes), outros possuindo um caráter de neutralidade objetivista (era o caso dos autores não alemães).

O objetivo de Varga não buscava nenhum desses dois extremos. A autora queria compreender este fenômeno tão brutal que era o nazismo e para isso sabia que devia manter um certo distanciamento do julgamento moral sobre ele, mas também da completa neutralidade. Ela buscava entender a forma de pensar das massas que aderiam ao regime nos seus discursos, nos seus comportamentos, nos seus modos de vida, etc. Queria compreender como estas pessoas sentiam aquele período e qual a percepção que faziam dele.



Visiblement, Lucie Varga s'efforça, elle aussi de rester sereine et objective: elle ne veut pas porter de jugement moral sur le régime nazi ni le dénoncer, mais le comprendre. (SCHÖTTLER, 1991, p.74).

E ainda,

Le texte de Lucie Varga tire sa richesse des informations exclusive de l'auteur, des conversations menées « sur le terrain » et de la lecture de la presse allemande. Le regard de l'acteur impliqué est cependant chaque fois annulé et objectivé, il n'est jamais utilisé à des fins polémiques, mais peut parfois exprimer la dérision. (SCHÖTTLER, 1991, p.75).

O nazismo se apresenta como um fenômeno novo, nunca ocorrido até então, que era para aquela geração algo ainda a ser compreendido, decifrado, um evento que marcou e dividiu a história. Para Varga (1937, p.119 ; in : SCHÖTTLER, 1991, p.75), “[...] *tout près de nous un monde a pris fin. Un monde nouveau surgit avec des phénomènes inconnus jusqu'alors*”. Era como Varga compreendia o nazismo.

À partir desta visão do nazismo como um fenômeno jamais antes vivido, um evento desconhecido que estava agora marcando para sempre a história, é que a historiadora entendeu, então, que para a compreensão de um fenômeno agora novo, era necessário que um novo olhar fosse lançado. Que este fosse compreendido a partir das novas noções e conceitos e explicado por novas categorias e novos campos semânticos: “*les anciennes clés tournent mal dans les nouvelles serrures*” (p.119). As velhas chaves não giram nas novas fechaduras e são, então, incapazes de abrir as portas para que se veja o que há por trás delas.

A partir desta reflexão, Varga (1937) vai entender como incapaz de completar o giro da fechadura duas chaves. A primeira refere-se à chave marxista, que não será por ela ignorada, mas em sua análise será incapaz de compreender em plenitude o que significava aquele fenômeno que agora não se tratava apenas da luta de classes, logo esta não poderia explicar a heterogeneidade da sua base nas massas. Como segunda chave que não mais gira nesta nova fechadura, a autora vai identificar as categorias e teorias não marxistas que tomam emprestrados os argumentos de uma psicologia grosseira, ou lançam mão apenas da história das idéias. (SCHÖTTLER, 1991).



Para Varga, segundo Schöttler (1991), a única maneira de se entender o nacional-socialismo era necessário partir de um novo terreno para a análise histórica. Era necessário abrir os arquivos do nacional-socialismo: “*Sous nos yeux, toute une série de dossiers concernant les premiers convertis au national-socialisme, années 1922-1932; ouvrons-les*” (Varga, 1937, p.120 *apud* SCHÖTTLER, 1991, p.76).

De acordo com Schöttler, Varga julgava importante a abertura dos dossiês,

Puis elle présente plusieurs types de sympathisants nazis, jette un coup d'œil sur leurs origines, leur vie quotidienne et leurs préoccupations : l'ingénieur au chômage, l'aristocrate désargenté devenu commis voyageur, le vétéran des corps francs, l'ouvrier, le maître d'école, le petit commerçant, etc. Ces petits portraits, dans lesquels elle utilise la technique du discours fictif pour transposer les expériences qu'elle a faites en Allemagne dans des physionomies « vivantes », rappellent de loin les méthodes utilisées aujourd'hui – mais évidemment de façon incomparablement plus subtile et objective – par l'« histoire orale ». Et quel est alors le lien qui unit ces hommes et les pousse en avant ? Pas seulement la misère économique matérielle, dit Lucie Varga, ni une commune « situation de classe », mais l'angoisse provoquée par la perte d'un statut social. Leur aiguillon à tous serait en dernière instance la défense de l'« honneur social ». (SCHÖTTLER, 1991, p.76).

Ao analisar as origens do nacional-socialismo, ela passa a observar atentamente as origens, as preocupações e a vida cotidiana de vários dos simpatizantes ao nazismo: “[...] *l'ingénieur au chômage, l'aristocrate désargenté devenu commis voyageur, le vétéran des corps francs, l'ouvrier, le maître d'école, le petit commerçant, etc*”. (SCHÖTTLER, 1991, p.76).

O engenheiro desempregado; o aristocrata empobrecido que se torna um simples vendedor, um mero comerciante; o veterano de guerra; (sim) o operário (o que nos faz lembrar também que hoje muitos trabalhadores, mulheres, negros, etc, incorporam a ideologia e a moral que os discrimina); o/a professor(a); o pequeno comerciante, etc.

Ela utiliza para compreender suas mentalidades os mesmos métodos de pesquisa e análise do que hoje chamamos comumente de “história oral”, na qual ela vai fazer uso da “[...] *technique du discours fictif pour transposer les expériences qu'elle a faites en Allemagne dans des physionomies 'vivantes'*, ou seja, para dar uma fisionomia, uma cara, um rosto vivo para as experiências que viveu na Alemanha.



E então a grande pergunta: ‘*Et quel est alors le lien qui unit ces hommes et les pousse en avant ?*’. Qual é o lugar comum destes homens de diferentes classes, de diferentes profissões, de diferentes gêneros? Qual era o “lugar” que os unia e os impulsionou adiante neste projeto de extermínio?

De acordo com o autor, ‘*Pas seulement la misère économique matérielle, dit Lucie Varga, ni une commune « situation de classe », mais l’angoisse provoquée par la perte d’un statut social. Leur aiguillon à tous serait en dernière instance la défense de l’ « honneur social*». Este era o lugar comum: « l’honneur social », ou seja, o prestígio social. Melhor dizendo, a perda do status social dos alemães irá fazer desencadear a defesa da honra social, a defesa da garantia do prestígio social. Já não era mais uma questão somente de luta de classes. E o discurso da perda de “*l’honneur social*” vai cooptar inclusive os operários.

Segundo Schöttler (1991), a expressão “l’honneur social” utilizada por Varga é uma expressão do vocabulário nazista que a autora retoma. De acordo com o autor, em 1936 acontece o “Congrès de l’honneur” e pouco depois disso surge uma coletânea de discursos de Robert Ley intitulado “*l’Affirmation de l’honneur social*” (ver nota de rodapé n. 191 de SHCÖTTLER, 1991, p.76).

Para Varga, de acordo com Schöttler (1991), era tarefa necessária tomar de forma seriamente o conceito “*l’honneur social*” e se interrogar sobre a fascinação que exerce. Para a autora este conceito significava a dimensão simbólica e funcionava como uma potência emocional que fazia com que as pessoas aderissem.

Lucie Varga découvre pour la première fois – même s’il ne s’agit d’abord que d’une ébauche – la dimension symbolique et émotionnelle de mouvement nazi que beaucoup d’historiens considèrent de nos jours comme l’un des éléments les plus importants pour expliquer le succès populaire des nazis et leur conservation du pouvoir. (SCHÖTTLER, 1991, p.77).

Ainda, para o autor, Lucie Varga é a única historiadora da época que consegue desenvolver um trabalho sério sobre a mentalidade alemã que não fez de sua investigação sobre o conceito “*l’honneur social*” uma apologia ao nazismo, diferente de todos os historiadores posteriores a ela, que se engajaram na pesquisa sobre o fenômeno.

En fait, d’après Lucie Varga, ce ne sont pas des théories mais plutôt des slogans et des expériences vécues qui rassemblèrent ces groupes de déclassés et les firent fusionner dans le « mouvement » dirigé par Hitler. Et c’est dans divers « groupes » comme les corps francs et le mouvement de la



jeunesse des années vingt – « Erlebnisgruppen pourrait-on les appeler en allemand, terme intraduisible en français » (p.127) -, que s'étaient préparées les « conversions » à la nouvelle « religion politique ». Elles se réalisèrent à la faveur de la situation de crise après 1929. Et de ce genre d'organisations quasi religieuses sortira l'« homme nouveau » du régime nazi ». (SCHÖTTLER, 1991, p.77).

Para Schöttler (1991), após Varga, o que se apresenta sobre o nacional-socialismo não são teorias, mas apologias ao regime nazista, em diversos círculos como, por exemplo, o movimento de juventude alemã dos anos de 1920 que “converteram” a si e a outros a esta nova “religião política” de onde sairiam os novos homens do regime nazista.

Investigar as raízes, as origens do nazismo era na visão de Varga a única maneira de compreendê-lo e, podemos entender aqui, a única maneira também de combatê-lo. O mito construído, as maneiras de pensar dos senhores nazistas e do povo de senhores nazistas (LOSURDO, 2013), suas maneiras de sentir e agir. Isto deveria direcionar o rumo das pesquisas comprometidas com a compreensão deste fenômeno que marcaria a nossa história.

Não só para Varga, em Freud também podemos encontrar as mesmas preocupações. Para Le Rider (1993), *Freud acrescenta em nota que lhe parece incontestável que se deva buscar ali uma raiz do anti-semitismo (Judenhass) que se manifesta de modo tão elementar e irracional nos povos ocidentais (p.285).*

Buscar as raízes do anti-semitismo era necessário nos anos 30 do século XX e se coloca ainda como tarefa inadiável para compreender as configurações da nossa realidade social atual e a força que ainda exerce o nazismo, o anti-semitismo e suas funções nas guerras ideológicas hoje. Estamos, ainda, presos aos grilhões do passado (recente).

Os Annales desta época podem ser, segundo Schöttler (1995), considerados abertos, uma vez que não restringem a recepção de artigos apenas à academia, podendo não-acadêmicos publicar na revista. Ainda assim, para o autor, isso não faz dos Annales uma revista política, uma vez que Febvre, mesmo tendo avançado para além do mundo acadêmico, faz questão de manter o rigor científico conferido à qualquer periódico vinculado à universidade.

O tema que se circunscreve no tempo presente e que se coloca como problema para a História, à saber, o nazismo, é inserido na revista dos Annales, como já colocado anteriormente, por meio de alguns colaboradores, dos quais podemos destacar Lucie Varga.



Um outro nome importante que figura é o de Edmond Vermeil, historiador da Alemanha e estudioso do caso alemão.

Mas, afinal, o que significava o nazismo para Febvre?

[...] pour Febvre l'hitlérisme n'est ni un phénomène purement intellectuel, ni un phénomène politique au sens traditionnel du terme. C'est un événement socio-culturel qui nécessite une analyse différente en termes d'histoire des religions et des mentalités. Dans son article il renvoie lui-même à l'exposé qu'il venait de faire à la 10e Semaine de Synthèse sur la «sensibilité et l'histoire» et dans lequel il avait déjà incidemment parlé du nazisme et des «sentiments primitifs ressuscités» : «exaltation des sentiments primaires [...] ; exaltation de la cruauté face à l'amour, de la bestialité en face de la culture. (SCHÖTTLER, 1995, p. 84).

Este trecho demonstra a crença de Febvre no nazismo enquanto um desvio do que seria o curso natural de uma sociedade civilizada. Ele diz que o nazismo é a recuperação de sentimentos primitivos e a exaltação destes, bem como a bestialidade face à cultura, ou seja, a condição de animalidade enfrentando a cultura que deveria tê-la sucumbido.

Segundo Traverso (2002),

L'ex-communiste autrichien Franz Borkernau, qui qualifiait l'URSS de « fascisme rouge » et l'Allemagne nazie de « bolchevisme brun », présentait à la même époque le totalitarisme comme une « révolution mondiale » menaçant toutes les valeurs qui ont été transmises, depuis Athènes et Jérusalem, en passant par la Rome des empereurs et la Rome des papes, jusqu'à la Réforme, l'âge des Lumières et l'époque actuelle... Hayes et Borkernau considéraient les dictatures totalitaires comme une nouveauté récente et, du moins l'espéraient-ils, éphémère, en ajoutant qu'elles ne représentaient « qu'un simple épisode » dans l'histoire de la civilisation occidentale couronnée par le libéralisme moderne. (TRAVERSO, 2002, p.19).

Franz Borkernau, marido de Varga, é um dos colaboradores da Revue des Annales neste período em que a mesma estava sob direção de Febvre, conforme já apontado por Schöttler em uma citação acima. A visão de ambos estava impregnada nos Annales e era por ele difundida. Mas não só o periódico, Febvre será também receptor desta influência e tenderá a compreender o nazismo como algo a ser compreendido pelas mentalidades, com o intuito de perceber como seus adeptos “transgrediam” o curso natural da história e evocavam a condição de animalidade outrora suprimida.



Segundo Schöttler (1995),

Pour Febvre... le nazisme ne signifie pas «une mutation de doctrines», mais «un changement dans la gamme des réactions affectives que provoque le code moral admis et par là-dessus, et par la suite, un changement social». Autrement dit, il faut analyser les transformations des sensibilités et des sentimentalités avec les instruments de «l'historien qui sent la masse». En ce sens, il serait beaucoup plus juste, pour analyser ce «mouvement profond, et, si j'ose dire, par beaucoup de côtés, animal», que constitue le nazisme, de partir des mouvements de jeunes migrants, les Wandervögel, ou des corps-francs, ces «lansquenets du fanatisme», que «des cabinets littéraires ou philosophiques». (SCHÖTTLER, 1995, p.84).

Nota-se que os mesmos problemas estudados por Traverso sobre o nazismo possuir uma genealogia europeia à partir da problematização da questão racial são questões suscitadas por Schöttler e problematizadas por ele em Febvre, Bloch e Lucie Varga. Segundo o autor:

Par exemple : dans quelle mesure ce nouveau phénomène pouvait-il être considéré comme typiquement «allemand», produit naturel de cette «mentalité allemande» si souvent dénoncée en France depuis la Grande Guerre? Hitler, Guillaume II et Bismarck, un même combat? Ou bien s'agissait-il d'un régime inédit, dont les formes et les mécanismes demandaient une analyse différente? Mais alors, quelle méthode utiliser? Bref, comment pouvait-on comprendre ce qui se passait en Allemagne en s'appuyant non pas sur des a priori politiques, mais en essayant de penser ces événements tout proches, comme s'il s'agissait d'une histoire lointaine, en toute objectivité, et recourant à des concepts forgés notamment pour le XVIe siècle ou les îles du Pacifique?. (SCHÖTTLER , 1995, p.79).

De acordo com Traverso (2002), a palavra genocídio entrou tarde para o nosso vocabulário, bem como foi também tardio o reconhecimento da singularidade da Shoah pela e para nossa consciência histórica e sobretudo, para a historiografia. O nazismo enquanto evento que vai dividir o século XX em dois, vai também marcar uma Nova Era para a Historiografia. Assim acontecerá com o movimento historiográfico dos Annales, que portará esta característica de ruptura com a Historiografia antiga, e se preocupará com os acontecimentos do presente nazista.

Para Traverso (2002),

[...] le nazisme ne se réduit pas au rejet de la modernité politique et aux Anti-Lumières: sa vision du monde intégrait aussi une idée de la science et de la technique qui n'avait rien d'archaïque et qui trouvait nombreux points



de contact avec la culture de l'Europe libérale du XIX siècle (...) Il présente aussi d'autres visages, véhicule aussi d'autres conceptions des relations entre les êtres humains, d'autres conceptions de l'espace, d'autres usages de la rationalité et d'autres applications de la technique. (TRAVERSO, 2002, p.23).

Ainda segundo o autor,

La Première Guerre mondiale... fut incontestablement un moment de rupture, un bouleversement social et psychologique profond dans lequel il est désormais courant de saisir l'acte fondateur du XXème siècle. Sans cette césure, où trouvent leur origine tant les fascismes que le communisme, l'extermination industrielle mise en œuvre dans les camps nazis ne serait pas concevable... toutes ces mutations forment l'arrière-plan de la Grande Guerre et sous-tendent le saut qualitatif qu'elle marque tant dans le déploiement que dans la perception de la violence. Elles se mettent en place avant 1914 et constituent les bases matérielles et culturelles des bouleversements que l'Europe connaîtra au cours de la première moitié du XXème siècle. (TRAVERSO, 2002, p. 23-25).

Para compreensão deste fenômeno que foi o nazismo, Varga em seus estudos sobre a origem do nacional-socialismo nos aponta:

Les promoteurs du national-socialisme, ce furent des « déclassés de toutes les classes » : artisans ruinés, intellectuelles sans avenir, soldats brusquement déchus de leurs privilèges, petits fonctionnaires cantonnés dans leurs petites fonctions, etc (...) Voici l'ingénieur d'une grande entreprise, sorti d'une famille de province, deutschnational élevé dans la foi que le monde capitaliste était bon, juste et que ne pas y réussir, c'était ne rien valoir. Bonne situation de 1923 à 1927 ; après quoi la Crise : renvoi, chômage, refus sur refus. Où aller ? Au socialisme, au communisme ? Jamais. Tradition de famille ; orgueil de classe ; solidarité persistante avec des « gens bien », les riches convenablement vêtus. Et pas de souvenir « de gauche » alors que toute conversation s'explique, en partie, par une transposition de souvenirs. Un soir, une réunion nazie. Notre homme passe la porte : saisissement. On dénonçait le coupable, l'auteur responsable de tous les maux dont il souffrait – l'être en qui s'incarnait ce destin aveugle par quoi, comme tant d'autres, il se sentait écrasé sans pouvoir l'identifier. Cet être, c'était le Juif (...) « Vous croyez lutter contre des forces mystérieuses, secrètes, insaisissables. Et vous désespérez : comment résister à ce qu'on ne peut nommer ? Reprenez-vous ! l'ennemi a un nom, nous allons vous le livrer ; ainsi l'inexplicable sera expliqué, et l'impalpable, matérialisé. Celui que souce le sang allemand, celui qui empêche le monde d'être beau et d'être bien, c'est le Juif ! Chassons-le d'Allemagne, notre



victoire sera votre victoire ! (VARGA, 1937, *apud* SCHÖTTLER, 1991, p.120-121).

Esta citação de Varga extraída de seu texto *La Genèse du National-socialisme notes d'analyse social*, publicado em 1937 nas *Annales d'histoire économique et sociale*, reproduzido integralmente na obra de Schöttler sobre a autora, demonstra-nos a perspicácia da autora em identificar no nazismo um fenômeno para além da luta de classes, a noção de raça presente e, principalmente a figura necessária daquilo que ela mesma nomeara *bouc émissaire*, bode expiatorio. Isto nos revela muito sobre os caminhos teórico-analíticos tomados pela historiadora e, conseqüentemente por Febvre e Bloch nos *Annales*.

De acordo com Varga (1937), o contexto de crise econômica, condição da sociedade naquele período, atingiu a Europa de uma forma que abalaria as estruturas de classe, fazendo com que a burguesia perdesse não só seu poder econômico, como também seu status social. Intelectuais, artistas, soldados e trabalhadores também se encontravam em igual condição de existência. Igualadas as condições de existência que agora era de crise que atingia a todos indiscriminadamente, acarretando inclusive a perda do status – ou seja, nada mais no campo da economia era capaz de marcar as “fronteiras humanas” – vê-se emergir um discurso que vai no sentido de uma outra superioridade, aquela da raça já preconizada nos processos colonizatórios.

Ora, se se parte do pressuposto de que existe um grupo de pessoas que se diferencia dos demais por sua inferioridade com relação à raça humana, identificados à partir dos códigos de conduta eleitos, capazes de distinguir quais eram e quais não eram os *cidadãos de bem*, le « gens bien », conforme a citação, era então não só possível, como necessário reconhecer neste grupo a culpabilidade pelo *pecado* pelo qual a Alemanha e seus verdadeiros cidadãos pagavam agora.

Existe aqui a (re) construção do mito ou da idéia de superioridade de raça, em que aqueles que não correspondiam a este grupo supostamente superior eram tidos como inimigos, no caso, do Estado, da nação alemã, tal qual a citação sobre o discurso de Hitler “*Et vous désespérez : comment résister à ce qu'on ne peut nommer ? Reprenez-vous ! l'ennemi a un nom, nous allons vous le livrer ; ainsi l'inexplicable sera expliqué, et l'impalpable, matérialisé* ». De acordo com os estudos realizados por Varga sobre os dossiês nazistas, existe



no aparato ideológico e mental deste fenômeno a figura do inimigo. Este inimigo, que pode estar agora em qualquer classe - já que esta começa a ser difícil de ser distinguida e, logo, necessita ser recuperada - precisa ser identificado, culpabilizado, responsabilizado pela crise que é unicamente sua culpa e, por fim, punido, castigado, para que a nação alemã pudesse se livrar das consequências do pecado que atingia a todos indistintamente agora. Era necessário nomear um bode expiatório. Era necessário expiar os pecados. E, os *senhores nazistas* estavam advertindo *os povos de senhores nazistas* de que “*l’ennemi a un nom*”. Sim, o inimigo possui nome para os nazistas e ele é « *celui que souce le sang allemand, celui qui empeche le monde d’être beau et d’être bien, c’est le Juif!* ». O inimigo, agora, não era mais o colonizado restrito às fronteiras das colônias. O inimigo agora era este que “sugava o sangue alemão, este que impede o mundo de ser belo e de ser bom, é ele o Judeu!”.

Neste sentido é que se impõe agora a necessidade dos estudos das mentalidades, pois existe uma força, para além da que reside na luta de classes, que se impõe no *logos* que, por sua vez, impõe-se nas mentalidades e impulsiona as ações e os destinos humanos. Foi neste sentido que Lucie Varga, Marc Bloch e Lucien Febvre dedicaram seus trabalhos para a compreensão de um fenômeno novo, que se situava no *tempo presente*, e que atuava e exercia uma função no imaginário coletivo que, por sua vez, seria capaz de autorizar moral e politicamente a ação trágica da desumanização e do extermínio de um grupo de pessoas.

Febvre, podemos concluir, percebeu o nazismo também como um fenômeno político-intelectual, tal qual o é na sua essência, mas o historiador juntamente com a colaboração, conforme vimos aqui, de outros intelectuais, interpretou o nazismo como um fenômeno, sobretudo, socio-cultural. Indo mais além, Febvre propõe, para que se compreenda este fenômeno sociocultural - que entendeu ser o nazismo - pesquisar e investigar as mentalidades dos homens das décadas que antecedem a ascensão do nazismo, também suas sensibilidades e seus modos de viver. Ou seja, Febvre com isso buscava compreender o nazismo à partir da forma de pensar, sentir e agir da geração do final do século XIX.

Em seu manifesto *Face au vent. Manifeste des Annales Nouvelles*, contido nos textos selecionados de sua obra *Combats pour l’Histoire*, Febvre reitera a necessidade da tarefa de *Compreender* que deve ser realizada pelo historiador e como esta tarefa requer um equilíbrio entre passado e presente. Compreender o que é, podemos afirmar, seria, para Febvre, compreender o que foi. No entanto, sob a necessidade de se compreender também que as soluções do passado não podem ser as mesmas do presente.



A historia que compreende e faz compreender. A que não é apenas mais uma lição que deve ser ensinada a cada manhã, devotadamente – mas sim uma condição permanente de atmosfera. O que ela tem sempre sido, aqui, para Marc Bloch e para mim. O que será amanhã para todos os amigos que me ajudaram em minha tarefa. **A historia que responde a questão que o homem de hoje necessariamente formula. Explicação de situações complicadas, em meio das quais ele se debaterá menos cegamente se conhecer sua origem.** Lembrança de soluções que foram as do passado, e que, portanto, não poderiam ser de modo algum, as do presente. Mas compreender realmente em que o passado difere do presente. (FEBVRE, 1953 *apud* FEBVRE, 1978, p.181, grifo nosso).

Isto nos permite entender por que em Febvre existia o debate que hoje nos é posto sobre a presença da noção de raça (buscando-a no passado/recente dos processos colonizatórios) para a compreensão deste fenômeno que foi o nazismo e também de que este possui uma genealogia européia.

Há algum tempo problematizado por Traverso (2002), podemos compreender com riqueza de aporte teórico que o Holocausto só foi possível dada a articulação de questões econômicas e políticas, claro, com a elaboração e difusão de um conjunto de idéias sobre supremacia racial, recuperada da noção de raça que, por sua vez, autorizou em termos teórico, científico e ideológico os processos colonizatórios.

Febvre se ocupará então de buscar as origens do nazismo em processos históricos do passado. Essa era, segundo o autor, a tarefa do historiador diante da história: articular o presente e o passado na tentativa de se compreender às novas questões que se colocam nas atuais configurações sociais.

*Dans l'Encyclopédie, Febvre évoque également à plusieurs reprises la pensée raciale qui domine l'Allemagne depuis 1933, fustigeant ceux qu'il appelle les adeptes de 'l'idole sanglante de la race'. Cette problématisation de la notion de race revient tout au long de son oeuvre, dès la Terre et l'évolution humaine de 1922, et il y reviendra même sous l'Occupation, comme l'attestent ses cours au Collège de France. Mais sa contribution la plus remarquable, dans le cadre de l'Encyclopédie, est probablement un texte d'une dizaine de pages daté de juillet 1935. Intitulé **Vue d'ensemble et conclusions**, il figure dans une section consacrée aux nouvelles formes de l'État au XXe siècle. Sur la base d'une esquisse historique comparative (Allemagne, Italie, Hongrie, mais aussi Russie), Febvre y développe une sorte d'idéal-type des dictatures modernes. Sans préjugé apparent, il y discute le «totalitarisme» comme une alternative possible à la démocratie*



occidentale. Sa conclusion est cependant sans appel : 'La liberté morte. L'arbitraire et ses excès partout. Le règne sans contrepoids de la police. L'imprimerie confisquée par les gouvernements. Les tribunaux d'exception, les camps de concentration, les déportations - sans parler des exécutions, des suicides et des meurtres. (SCHÖTTLER, 1995, p.85).

Ainda, segundo Schöttler (2000), se por um lado tínhamos historiadores comprometidos e engajados na tentativa de compreender e combater o nazismo, por outro, encontraremos na fronteira franco-alemã, ou ainda no triângulo Bélgica, Alemanha e França, historiadores comprometidos com a causa racial de maneira, no entanto, convergente às ideias nazistas. Em sua conferência, Schöttler (2000) nos demonstra que:

De même que pendant longtemps on disait, à propos de la deuxième guerre mondiale, que la Wehrmacht 'n'avait rien su' et que tous les crimes furent commis par les SS, on a voulu distinguer chez les historiens allemands des années trente et quarante entre une poignée de 'fanatiques' et la grande masse des savants sérieux que le régime nazi n'aurait jamais réussi à 'mettre au pas'. De nouvelles recherches montrent qu'il s'agit là d'une légende. Dès la République de Weimar de nombreux historiens se mirent au service d'une politique étrangère agressive, et après la 'prise de pouvoir' par Hitler cette tendance s'accentua encore. À partir de l'exemple d'un groupe d'historiens rhénans, fortement engagé dans des recherches sur les frontières historiques, ethniques et linguistiques entre l'Allemagne, la France et la Belgique, l'article étudie la participation intellectuelle des professionnels de l'histoire à la politique impérialiste et raciale du régime nazi (SCHÖTTLER, 2000, p. 61).

Para o autor, a situação se agrava por se tratar não de fanáticos, mas de um grupo seleto de historiadores, intelectuais reconhecidos que estavam presentes em diversos setores da vida pública seja na Alemanha ou fora dela, por exemplo na França, atuando em universidades, colégios, e demais espaços de produção e disseminação de conhecimento.

Il n'est plus seulement question d'une poignée de fanatiques, mais d'historiens tout à fait ordinaires, de professeurs hautement érudits, de doctorants, d'archivistes, de conservateurs de musées – pour ne rien dire des enseignants d'histoire des lycées et collèges. Car beaucoup d'entre eux ont servi Hitler et son régime, de manière parfaitement volontaire : par des discours, des publications, des expertises et des expositions – ou tout



*simplement par leur coopération quotidienne avec des institutions diverses, de l'université au Reichssicherheitshauptamt*². (SCHÖTTLER, 2000, p. 61).

Segundo o autor, conforme a citação, historiadores, doutorandos, professores das universidades bem como dos Liceus, estavam comprometidos com a causa nazista e, ressaltamos, de maneira completamente voluntária, através de seus discursos, publicações, exposições/comunicações, ou simplesmente nas atividades cotidianas desde a Universidade até o trabalho junto ao organismo administrativo da SS, o *Reichssicherheitshauptamt*².

É importante que este estudo seja abordado dentro desta pesquisa, dada a influência e diálogo dos historiadores fundadores dos *Annales* com seus intelectuais colaboradores germânicos para situarmos a posição da historiografia francesa da época, mediada por Bloch e Febvre, frente ao fenômeno do nazismo e de forma a identificar a posição de seu engajamento. Além da presença dos colaboradores, tanto Febvre quanto Bloch trabalharam na Universidade de Estrasburgo, a qual Schöttler se referirá, em uma nota de rodapé, como “*Université nazie de Strasbourg*”, muito embora esteja falando de anos posteriores aos da estadia dos historiadores franceses:

Pensons par exemple aux archives toujours fermées de Hermann Heimpel, auxquelles, jusqu'à présent, seules quelques personnes choisies par la famille ont pu avoir accès. À propos de ce médiéviste, qui fut professeur à l'Université nazie de Strasbourg entre 1941 et 1944, voir Pierre Racine, 'Hermann Heimpel à Strasbourg', dans : Schulze/Oexle, Deutsche Historiker im Nationalsozialismus, p. 142-156. (SCHÖTTLER, 2000, p.65).

De acordo com o autor, até os anos 2000 pouco se dedicou a identificar e situar a presença e atuação dos intelectuais europeus (em especial os alemães e os demais que faziam fronteira com a Alemanha) junto ao regime nazista. O pouco que se investigava sobre este tema não possuía um caráter radicalmente crítico quanto ao papel do intelectual durante o período de ascensão do nazismo. Existe então, para Schöttler (2000) um problema de falta de produção e pesquisa a este respeito, bem como o problema de encará-lo até então como um tabu. Em outras palavras, intelectuais europeus da época foram e ainda são poupados da

² *Reichssicherheitshauptamt*: organismo administrativo da SS que reagrupará, à partir de 1939, a Gestapo, a Polícia Criminal e o serviço de segurança da SS sob direção de Reinhard Heydrich.



crítica sobre sua função social diante do nazismo que, em lugar de combatê-lo, seguia no sentido de legitimá-lo dentro e fora das universidades, nas pesquisas acadêmicas e nos discursos midiáticos, nos cursos universitários e no trabalho cotidiano junto aos organismos da SS.

Para o autor,

Ceci peut apparaître comme un jugement sévère, mais face à la réalité du génocide et de ses suites judiciaires après 1945 21, il ne s'est pas seulement agi de banals petits mensonges faits à soi-même, mais de mensonges avérés, d'indéniables omissions et distorsions de faits, de destructions de documents à charge, de résistances à l'encontre des tentatives d'élucidation, alors même que les intéressés ne cessaient de clamer leur innocence. (SCHÖTTLER, 2000, p.65-66).

De acordo com Schöttler (2000), a negligência, a omissão e a distorção da história para preservar a imagem de algumas personalidades da época é um crime grave pois, não somente é conivente com uma história de genocídio, como também permitiu (e de alguma forma ainda permite) que estas personalidades que atuaram junto ao regime nazista também atuem (direta ou indiretamente) nos movimentos neonazistas. Em nota de rodapé, Schöttler (2000), em referência, exemplifica:

Ces dernières années, la découverte des cas de Theodor Maunz et Hans Ernst Schneider (le premier fut un grand juriste nazi, puis un des principaux auteurs de la littérature juridique en Allemagne fédérale, dont on découvrit, après sa mort, les connivences secrètes avec le néo-nazisme ; le second fut un officier SS qui, après la guerre, se fit passer pour mort et démarra une deuxième carrière sous le nom de 'Hans Schwerte') ont montré à quel point l'hypothèse du 'silence communicatif', pour reprendre l'expression du philosophe Hermann Lübbe, est problématique lorsqu'on est confronté à des tentatives manifestes de duperie. (SCHÖTTLER, 2000, p.66)

O autor cita dois casos de recente descoberta do engajamento de personalidades que atuaram diretamente na realização do regime nazista e que foram poupados, podendo, no segundo exemplo, dar continuidade às das ideias nazistas no neonazismo por meio do “silêncio comunicativo”, expressão recuperada, de acordo com o autor, do filósofo Herman Lübbe. Para o autor, este silêncio em torno dos colaboradores do regime nazista bem como suas atividades é não só se colocar ao lado deste processo de degradação humana, mas,



sobretudo permitir que ele se reproduza no presente, à exemplo do caso citado na nota, de Hans Ernst Schneider, que além de ter sido um oficial da SS, após a guerra se dá como morto e reinicia uma nova carreira sob nova identidade, agora como Hans Schwerte. Portanto, a revelação imparcial sobre o nazismo, seus teóricos e colaboradores, diretos e indiretos é uma forma de revelar a verdade sobre este obscuro período e, principalmente, de não permitir que ele continue existindo no presente.

De acordo com Schöttler (2000), para cada tentativa de crítica quanto a esta participação dos intelectuais em defesa do regime nazi, a justificativa do anacronismo se coloca como forma de preservar a figura do intelectual daquela geração e como forma de retirar dele a responsabilidade social que teve ao produzir, discursar e ao atuar diretamente nos organismos administrativos, mantendo assim um tabu sobre o tema.

*Et parce qu'il en est ainsi, parce que l'analyse critique de l'histoire de notre propre discipline n'a pas toujours été menée cartes sur table, parce qu'un si grand nombre d'acteurs se sont tus et ont menti de manière tenace, 'l'approche compréhensive', en tout temps nécessaire, pose ici des difficultés particulières. Il ne faudrait pas – dit-on – 'juger' les historiens de cette génération avec nos échelles de valeur actuelles, 'juger' à partir de la position assurée de ceux qui sont 'nés-après', il faudrait, au contraire, les replacer dans 'leur époque' à eux. **Telle est la mise en garde classique contre tous les anachronismes**, et elle apparaît à première vue convaincante. (SCHÖTLER, 2000, p.66, grifo meu).*

O autor ressalta, antes que a “[...] *mise en garde classique des tous les anachronisme* [...]” se prepare para acusar os críticos de anacronismo, que não se trata de julgar os historiadores, mas de não defendê-los e assim revelar a perspectiva da história daquela época, no caso, que foi inclusive destruída dos arquivos. Poupar a imagem desses historiadores, desses intelectuais é garantir a manutenção de uma história genocida e não trazer à luz os seus subterrâneos. É necessário que os testemunhos da história não revelados na historiografia do início do século XX sejam, ainda que muito tempo depois, narrados.

Em seus estudos sobre a historiografia fronteiriça, Schöttler constata:

Quelques études récentes ont accumulé tant de 'pièces à conviction' que personne ne peut sérieusement prétendre, comme le firent certain protagonistes après la guerre - H. Aubin, F. Steinbach, F. Pétri - que ces historiens avaient agi et s'étaient mis au service de la dictature hitlérienne,



de la guerre d'agression et du racisme en toute 'innocence'. Celui qui, comme les historiens mentionnés visitait la Pologne ou la Belgique et faisait son rapport en tant qu' 'expert en uniforme' devant les instances nazies, était partie prenante et complice. Il est d'autant plus regrettable qu'aucun de ces savants n'ait eu par la suite un seul mot d'auto-critique sur toute cette période. (SCHÖTTLER, 1994, p.71-72).

Ainda de acordo com o autor,

Dans les années trente, cette même fonction de coordination fut reprise par des organismes de recherches régionales: les Volksdeutsche Forschungsgemeinschaften. Discrètement financés par les Ministères de l'Intérieur et des Affaires étrangères du Reich et représentés à Berlin par le chef de 'l'Association pour le germanisme à l'étranger' (Verein für das Deutschtum im Ausland), Hans Steinacher, ces Forschungsgemeinschaften organisèrent plusieurs fois par an des colloques confidentiels au cours desquels des spécialistes de l'histoire, mais aussi du folklore, des dialectes, de l'histoire de l'art etc. des régions concernées présentaient les résultats de leur travail sous une lumière 'frontalière' et völkisch. De plus, ces organismes avaient à leur disposition des crédits et quelques bourses de voyages. (SCHÖTTLER, 1994, p.71).

A maior parte dos historiadores da fronteira alemã, bem como a historiografia que se construía à partir desta região estavam subservientes aos organismos financeiros que, na época, estavam sob controle dos nazistas. De acordo com o autor, poucas pesquisas, assim como poucos historiadores e poucas escolas historiográficas ousaram se opor a esta realidade. Segundo Schöttler (1994), os *Annales* está entre as poucas correntes que ousaram não só a se opor ao nazismo, mas também a analisá-lo de maneira profunda e crítica.

Celui qui veut montrer, comme Willi Oberkrome et Jiirgen Kocka l'ont proposé, que des 'innovations méthodologiques' réelles et des 'tentatives réformatrices' ont eu lieu au sein même du discours historique des années nazies – en d'autres termes : un 'progrès' scientifique dans un contexte 'réactionnaire' - doit y regarder de très près et porte l'entière responsabilité de la preuve... Rares sont aussi les historiens spécialisés dans l'histoire régionale qui ont osé critiquer ces travaux, notamment en prenant appui sur l'exemple des Annales. (SCHÖTTLER, 1994, p.72-73, grifo nosso).

Schöttler coloca em causa a questão das inovações científicas e metodológicas que de alguma forma configuraram a cena acadêmica nos anos trinta. É o caso da *Ecole des Annales*, que se configurou, antes de tudo, como um projeto acadêmico que trazia no interior de si inovações metodológicas e científicas. Mas o autor vai apontar como problema, que de



alguma forma vai impactar e limitar estas inovações e este progresso científico, o contexto sob o qual estava ele subordinado, a saber, o contexto do regime nazista.

Para o autor, todo progresso científico da época deve ser considerado, investigado e atentamente avaliado à partir do contexto reacionário em que se inseria. Neste sentido, segundo o autor, os *Annales* são um exemplo de corrente historiográfica que buscava construir uma historiografia a partir deste tempo presente contaminado pelas ideias nazistas, mas que, no entanto, não se deixava contaminar por elas. Mas, ainda, segundo o autor, o debate sobre a isenção ou não das filiações nazistas dentro dos movimentos historiográficos da época e sobre possuírem um caráter realmente inovador, é um debate aberto ainda nos dias de hoje.

Par conséquent, et même si depuis quelques années des perspectives nouvelles se dessinent, le débat entre ceux qui ne voient dans les travaux des années trente que pure idéologie et ceux qui, un peu surpris eux-mêmes, parlent d'innovation', reste encore largement ouvert.. (SCHÖTTLER, 1994, p.73).

De acordo com o autor, mesmo depois de alguns anos de novas perspectivas no campo da historiografia, permanece aberto o debate entre os que não vêem outra coisa senão pura ideologia nos trabalhos historiográficos dos anos de 1930 e os que se referem a este período falando de inovações.

Febvre, após sua trajetória na qualidade de combatente vai, aos 41 anos, aproximadamente no ano de 1919, ocupar uma cadeira na Universidade de Estrasbourg, e vai participar de cursos sobre a História Alemã junto ao Centro de Estudos Germânicos, que eram ministrados para somente franceses uma vez que, por se tratar de instituições francesas de ensino, eram rejeitadas pelos alemães. Segundo Schöttler (1994, p.73), “[...] *Febvre a donc vécu de près l'atmosphère de crise qui régnait en Rhénanie au cours des années vingt.*”.

Talvez, por terem sido ambos, Marc Bloch e Lucien Febvre, combatentes e, talvez por terem sentido de perto, como bem coloca o autor, esta atmosfera de crise na qual se encontrava a região de Reno - *Le Rhin* - durante os anos vinte e que foi aos poucos adentrando toda a França, é que os historiadores que fundaram a *Ecole des Annales*, que



institucionalizaram a *Revue des Annales* e que propuseram uma mudança metodológica e temporal de compreensão da História e seu sentido, não se permitiram corromper pela ideologia nazista que se expandia pouco a pouco para dentro das universidades.

Aponta também, o autor, como fator que contribuiu para que o projeto da *Revue des Annales*, bem como o movimento historiográfico que se engaja à partir dela, não fossem difusores das ideias nazistas e por ela não se deixassem confundir, a presença e influência do historiador belga Henri Pirenne (1862-1935), que foi correspondente oficial de VSWG antes de 1914, e ficou conhecido pelo seu trabalho de revisão sobre a Alemanha, após a guerra e sua deportação. Pirenne foi, assim como Beer, uma das primeiras e mais fortes influências sobre Bloch e Febvre, tendo o historiador belga deixado nos *Annales* seu legado no que se refere ao estudo historiográficos à partir de uma perspectiva comparatista, que marcará vários combates de Febvre e seus estudos sobre o presente e o passado.

Pirenne teve como trabalho marcante em sua vida acadêmica a aula inaugural que fez na Universidade de Gand, em 1920, quando dela era reitor. Esta aula inaugural que se intitulou “*Ce que nous devons désapprendre de l’Allemagne*”, marcará todo seu trabalho dali em diante.

Pourtant Pirenne ne demandait pas une sorte de croisade contre la ‘science allemande’; il voulait simplement dénoncer ses aspects chauvins et agressifs et critiquer sa prétention à l’hégémonie, qui avant la guerre n’avait pratiquement pas été contestée.
(SCHÖTTLER, P. 1994, p.74).

Esta influência de Pirenne também, de alguma forma, vai conduzir o olhar de Febvre para a história do Reno e, além dos trabalhos de Febvre sobre a mentalidade alemã que ali se encontrava, ele vai escrever uma obra, na forma de ensaio que, infelizmente, ficará menos conhecida, “*Le Rhin, Histoire, Mythes et Réalités*”.

Esta obra de Febvre que, como demonstrado, foi pouco (re) conhecida é, na opinião desta pesquisa, junto ao trabalho desenvolvido com Lucie Varga sobre a mentalidade alemã através da concepção de “autoridades invisíveis”, a maior marca que confere tamanha importância ao trabalho da primeira geração da *Ecole des Annales*. Diante desta obra e do trabalho conjunto com Varga não restam dúvidas de que o projeto dos *Annales* foi muito mais que um projeto puramente acadêmico, e no que toca a esta sua função, o projeto, podemos afirmar, não esteve subordinado às tendências da sociedade moderna da época, ou seja, as



tendências ideológicas nazistas. O trabalho que Schöttler também desenvolve à respeito dos intelectuais durante o período do nazismo corrobora a nossa opinião sobre o movimento dos *Annales* ser, antes de mais nada, um projeto político, ou um projeto acadêmico de notáveis implicações políticas, e que não se deixou levar junto ao fluxo das representações de massa da época.

Esta negação à representação de massa colaborou para situar o projeto historiográfico dos *Annales* à margem das reconhecidas revistas e movimentos historiográficos da época, nos círculos intelectuais-acadêmicos. Também, não podemos deixar de observar que a sua localização, que não era em Paris, mas sim em Estrasburgo, onde Febvre e Bloch eram professores universitários, colaborava para a sua pouca visibilidade. A localização, ressaltamos, dificultava a visibilidade da revista, mas a sua marginalidade enquanto tendência teórica, e enquanto movimento foi, na opinião desta pesquisa, devido ao caráter combatente que a sua proposta trazia no interior de si. Buscar compreender o que foi o nazismo, a sua mentalidade, a sua força ideológica e política, certamente os retirou da lista de projetos a serem financiados.

Apenas depois da Segunda Guerra Mundial, o movimento dos *Annales* vai ganhar visibilidade, expandir fronteiras, e exercer forte influência sobre demais correntes historiográficas e, ainda, receber o devido reconhecimento institucional. Mesmo depois do assassinato de Bloch pelos nazistas, Febvre continuará a dirigir a Revista e o movimento até a segunda metade da década de 50 do século XX, quando irá se juntar à Fernand Braudel que, por sua vez, terá seu nome vinculado à chamada segunda geração da *École des Annales*.

[...] *pour Febvre l'hitlérisme n'est ni un phénomène purement intellectuel, ni un phénomène politique au sens traditionnel du terme. C'est un événement socio-culturel qui nécessite une analyse différente en termes d'histoire des religions et des mentalités.* (SCHÖTTLER, 1995, p.84).

Era preciso compreender a mentalidade alemã para entender o que era o nazismo. Assim defende Bloch e, ainda, justifica a necessidade da colaboração de intelectuais germânicos junto à Revista dos *Annales* para que esta mentalidade alemã fosse compreendida e, por consequência, o nazismo.



Il faudra, je crois, sans tarder, écrire à Baumont. Il a entre les mains tout un lot des livres sur l'Allemagne. Vous pourriez lui indiquer (ou je le puis, si vous le désirez, mais répondez-moi, je vous prie, tout de suite) de les utiliser, non pour de comptes rendus séparés, mais pour une revue générale "Problème d'économie allemande", groupé par problèmes. (MÜLLER, 1999, p. XX).

Maurice Baumont (1892-1981) foi um colaborador e uma influência direta na Revista dos Anais, de forma a definir este espírito de interdisciplinaridade e dessa ação dialógica entre as diferentes ciências da época, contrariando o modelo tradicional de Historiografia que se limitava à uma investigação puramente historicizante dos eventos políticos, bem como de seus "heróis".

Parmi les premières 'recrues', qui resteront fidèles, figurent Maurice Baumont, qui n'est pas du Bureau, et surtout Gustave Méquet. Le premier procurera aux Annales de nombreuses contributions (52 items), très informées et particulièrement perspicaces sur la situation économique de l'Allemagne, et le second, entre 1929 et 1939, des analyses de l'évolution démographique de l'URSS et du système économique soviétique (45 items). Toutefois, dans l'ensemble, l'enthousiasme des fonctionnaires du BIT restera assez mitigé et, dans les pages des Annales, les signatures portant l'indication du BIT seront peu fréquentes. Seuls, M. Colombain, M. Eastmann, H. Fuss rédigeront une contribution pour l'année 1929, une seule aussi d'O. Gorni et de J.E.A. Johnstone en 1931, deux signées par I. Ferenczi en 1932 et 1936. Les collaborations espérées sur le monde anglo-saxon et les questions coloniales feront défaut'. (MÜLLER, 1992, p.80).

Baumont, por sua afinidade com a literatura alemã, mas também por ter estado na Alemanha como diplomata até o ano de 1928, coloca-se como um conhecedor e forte crítico das questões históricas da Alemanha do início do século XX. Foi colaborador na problematização das questões de história contemporânea alemã, bem como colaborou na elaboração de resenhas de obras germânicas (MÜLLER, 1992).

No início do projeto, antes mesmo da publicação dos primeiros números da revista, enquanto Febvre buscava parceria com o BIT (*Bureau International du Travail*) através de seu amigo e historiador Albert Thomas, em uma das primeiras correspondências Febvre solicita a opinião de Thomas sobre a incorporação de Baumont enquanto colaborador na Revista:



Nous avons déjà demandé, sur recommandation assez chaude, à Baumont un article à paraître dans nos 1ers numéros, sur l'Evolution récente de l'Industrie allemande. Approuves-tu ce choix et crois-tu à B[aumont] l'étoffe suffisante pour nous donner, sur ces choses d'Allemagne que tant de fumistes se targuent de connaître alors qu'ils les ignorent, une documentation régulière et utile? (MÜLLER, 1992, p.82).

E Thomas lhe responde:

D'autre part, je vais voir les collaborateurs qui pourraient entrer en relations et en collaboration avec toi. Tu as eu, d'abord, tout à fait raison de demander un article sur l'évolution de l'industrie allemande à Baumont. Il n'est pas au Bureau, mais je le connais depuis longtemps. C'est vraiment un des hommes les plus compétents que l'on puisse trouver pour l'histoire économique de l'Allemagne. Tu as lu, peut-être, le livre qu'il a publié avec Berthelot. C'est un des mieux informés et des plus vivants sur l'Allemagne d'après-guerre. Je n'ai pas encore lu sa thèse récente sur l'industrie allemande et le charbon, mais je suis sûr que cela doit être excellent. (MÜLLER, 1992, p.83-84).

Assim como Baumont, nomes de outros colaboradores germânicos figuram na Revista neste período pós primeira-guerra. Henri Brunschwig (1904-1989), ex-aluno em Estrasburgo de Febvre e Bloch, contribuirá com seus estudos de interpretações sobre os eventos contemporâneos, seguindo, tal qual Lucie Varga, no sentido de vincular o fenômeno do nazismo à mentalidade alemã. O historiador em questão foi preso em Lübeck, onde conheceu Fernand Braudel, que também foi preso no mesmo lugar. Após contribuir junto à revista dos Annales tendo como temática a cultura alemã e avaliação do nazismo, Brunschwig, ao fim da Segunda Guerra, tornar-se-á um especialista em história africana.

Importante conhecer um pouco da trajetória dos historiadores fundadores da *Revue des Annales*, para também compreender suas escolhas acadêmicas e pessoais, especialmente as que demonstram uma vontade sempre presente de estreitar relações com a Alemanha e a cultura alemã, enquanto ao mesmo tempo algo os atrai para um distanciamento que, ao tentar se afirmar, é automaticamente negado.

Pode-se notar que a experiência de Bloch e Febvre, enquanto historiadores e também enquanto cidadãos franceses recebe influência direta da cultura alemã, com a qual eles



buscaram sempre manter vínculos e estreitar relações, apesar, como já dito, de sentirem a necessidade de uma ruptura.

Suas origens familiares também apontam algumas razões para suas escolhas. Contribuem para a compreensão sobre esta relação franco-germânica presente nas suas trajetórias de vida e acadêmicas baseadas neste conflito de estreitamento e distanciamento. Febvre nasceu em Nancy, localizada próxima à fronteira alemã. Bloch viverá junto à Febvre em Estrasburgo, onde trabalharão juntos. Além disso, Bloch vinha de uma família com tradição no judaísmo. Seu pai era também historiador judeu e um patriota francês, republicano e liberal. Desde muito cedo Bloch aprende desde a lutar por sua nação. É assim que se inicia enquanto combatente, servindo a França, e assim também termina sua vida, na resistência, combatendo a ocupação nazista em seu país.

Além disso, as gerações de Bloch e Febvre presenciarão um momento em que, na França, o aprendizado da cultura alemã era fator de status, especialmente no meio acadêmico. Bloch realiza seus estudos na Alemanha, onde pode tomar contato com alguns intelectuais, tais como Max Schering, Rudolf Kotschke, Karl Lamprecht e Karl Bücher.

Pode-se dizer, a formação acadêmica dos dois historiadores fundadores da *Revue des Annales* foi fortemente influenciada pelos alemães. Pode-se dizer ainda, a historiografia francesa recebeu forte influência da tradição historiográfica alemã com a qual estava sempre em contato.

A tradição historiográfica francesa de que são herdeiros Bloch e Febvre diz respeito à geração de 1870, com alguns nomes em destaque como os de Charles Seignobos, Victor Langlois vai não só influenciar Bloch e Febvre, como encontrará recepção em seus caminhos historiográficos, procurando sempre dar continuidade a esta relação (BOSI, 2005). Um momento em que a profissão do historiador e a história enquanto ciência (como já dito em páginas anteriores deste trabalho) tenta se concretizar e ganhar seu lugar em território francês.

De acordo com Bosi (2005), Seignobos e Langlois serão a influência que tanto se ouve dizer de uma tradição positivista na primeira geração dos Annales. No entanto, alguns autores discordarão de que exista esta tradição positivista em Seignobos e/ou de que os *Annales* a herdarão dele.



Penso que no plano do debate sobre Teoria e Métodos na História, os metódicos se distanciaram muito do que convencionalmente lhes é atribuído sob a pecha de positivistas. Assim, acredito ser possível explorar “positivamente” os escritos de Seignobos, pelo menos, em relação: a) a crítica de determinada história oficial caracterizada por uma narrativa de fatos históricos; b) a proposta de uma História Síntese, não monográfica; c) a perspectiva de história comparada e de história do presente. (BOSI, 2005, s/p).

Desta forma, para Bosi (2005), esta tradição positivista na primeira geração dos *Annales* não deve ser atribuída à Seignobos, uma vez que este relativiza o valor dos testemunhos na narrativa – no caso os testemunhos documentais dos eventos políticos.

De forma um tanto exagerada, as críticas à proposta de Método Científico formulada pelos metódicos - em particular no livro *Introdução aos Estudos Históricos* - foi subsumida à afirmação de que ‘onde não há documentos, não há história’. Parte dessa crítica foi de responsabilidade de Marc Bloch quando relativizou o valor dos testemunhos para a escrita da História. Queria fazer, àquela época, a balança pender mais para as perguntas e questões levantadas pelos historiadores do que para os próprios documentos e fontes. Em parte parecia estar motivado para investir a investigação histórica de capacidade de explicação sobre o presente mais do que exclusivamente organizar os relatos, fatos e datas relevantes do passado. Foi neste contexto que Bloch ponderou sobre os procedimentos do historiador, afirmando que, a despeito deste último achar que sua tarefa consistiria em reunir os documentos, lê-los e ‘esforçar-se por lhes pesar a autenticidade e a veracidade’, caberia fundamentalmente fazer-lhes perguntas, submetê-los a questões: ‘porque os textos, ou os documentos arqueológicos, mesmo os mais claros na aparência e os mais condescendentes, só falam quando se sabe interrogá-los’. (SEIGNOBOS, 1947 apud BOSI, 2005, s/p.).

De acordo com Bosi (2005) existe ainda em Seignobos já uma preocupação com o ofício do historiador (tal como em Febvre) e uma elevada preocupação com a *história do presente*, uma das preocupações centrais também de Bloch e Febvre na primeira geração dos *Annales*. E, apesar das críticas dos pais fundadores dos *Annales* aos considerados Metódicos, existem referências em Bloch de convergência à esta história metódica de Langlois e Seignobos.

Uma forte prova disso é sugerida nos escritos sobre História formulados por Marc Bloch na década de 1940 que, em grande parte, endereçavam-se como crítica aos metódicos. É de se supor que as razões de Bloch para elaborar



uma Introdução à História cujo conteúdo em muito dialogava com as concepções expressas na Introdução aos Estudos Históricos, de Langlois e Seignobos, reconhecessem algum valor nas lições dos Metódicos. Grande parte das reflexões de Bloch – que repercutiram entre historiadores – respaldou-se no debate com a prática historiográfica dos Metódicos, de modo não só a acusar e rejeitar muito do que estes defendiam, mas também, por aproximação, de acolher muito do que era produzido por eles. (BOSI, 2005, s/p.).

De acordo com Bosi (2005),

Langlois e Seignobos, ao sistematizarem procedimentos da História no final do século XIX, estavam mais preocupados com a observação de alguma heurística por parte dos historiadores nas pesquisas realizadas. Se era preciso indagar os documentos era também necessário indagar as fontes, os autores dos documentos: “que quis ele dizer?; acreditou ele no que disse?; tinha razões para acreditar no que acreditou?” Com isso tentavam espantar para longe a História como simples exercício literário ou jornalístico, onde qualquer testemunho é um testemunho. Neste sentido, preferiram defender a desconfiança como o principal atributo do historiador: “a razão profunda da credulidade natural é a preguiça. É mais cômodo acreditar que discutir, admitir que criticar, acumular documentos que os pesar”. Ao contrário de um comportamento “Positivista” que toma o “fato social” como prenhe de objetividade - posição de Dürkhéim publicada em 1895 e contraditada pelos metódicos -, Langlois e Seignobos afirmavam a respeito que “o ‘fato social’, tal como admitem vários sociólogos, é uma construção filosófica, não um fato histórico”. Assim, “pela própria natureza de seus materiais, a história é imperiosamente subjetiva”. Por isso mesmo, como procedimento inalienável do historiador, sugeriam que “a história, sob pena de perder-se na confusão de seus materiais, deve estabelecer como regra indeclinável proceder por meio de perguntas, como ocorre como as demais ciências”. Este foi o sentido da crítica dos Metódicos dirigida contra uma História Oficial praticada à época. (BOSI, 2005, s/p.).

Ao indagar e questionar as suas fontes e querer saber as razões que levam estes autores a se posicionarem de uma forma e não de outra, parece-nos que Seignobos e Langlois colocam em evidência a questão geracional. Parecem perceber que ainda mais importante que considerar as fontes documentais que levam à escrita da história, é considerar a percepção dos intelectuais sobre suas fontes e o pensar do tempo histórico analisado. E ao tentar analisar os motivos dos autores, Seignobos e Langlois vão considerar a influência da mentalidade da época sobre aqueles e de que forma respondem as suas gerações. De acordo também com Bosi (2005), a postura de questionar o fato histórico, os testemunhos de formato documental e



seus autores, já descaracteriza um posicionamento positivista e leva a recepção de um interesse mais subjetivo que propriamente objetivo.

Parece-nos que o interesse pela subjetividade na história ou na narrativa histórica, pela mentalidade e pela questão geracional já nos estava posto, ainda de que forma um tanto, talvez, incipiente e prematura, nos historiadores do final do século XIX. E este interesse - pela mentalidade, pela subjetividade e pelas questões geracionais – vai tomar um formato metodológico com Marc Bloch e Lucien Febvre nas primeiras gerações da *Ecole des Annales*.

Também podemos atribuir à Seignobos e Langlois, à partir do autor, a introdução, na primeira geração dos *Annales*, à uma história menos política, e mais econômica, social e cultural, uma vez que para eles

[...] o estudo das instituições nos obriga a formular problemas especiais, relativos às pessoas e às funções que exercem. Em relação às instituições econômicas e sociais, devemos procurar saber como se fazia a divisão do trabalho e das classes, quais eram as profissões e as classes, como se recrutavam e quais as relações que animavam a vida das diferentes profissões e classes. (LANGLOIS; SEIGNOBOS, 1946, p.170 apud BOSI, 2005, p.1).

Tentar entender a história a partir das “instituições” econômicas e sociais, à partir da percepção de seus sujeitos sobre ela, ou seja, à partir da mentalidade, à partir de seus aspectos culturais, é uma característica marcante da narrativa histórica de Seignobos e Langlois que será conhecido como Síntese Histórica, mas também um aspecto marcante na narrativa histórica da primeira geração dos *Annales*, que ficará mundialmente conhecida como História Total, uma das maiores bandeiras desta corrente de pensamento.

A defesa de uma História Síntese – merecedora de um capítulo inteiro na “Introdução aos Estudos Históricos” – esteve relacionada à concepção bastante parecida com a História Total pronunciada pelos *Annales* no sentido de que Langlois e Seignobos concebiam como orientação teórica a indissociabilidade de aspectos formalmente distintos ou separados da vida social do homem. Afirmavam que **‘os homens não estão divididos em compartimentos estanques (religiosos, jurídicos, econômicos) em que se processam fenômenos interiores isolados; um acidente que lhes modifica o estado, também lhes altera os hábitos, embora diversos em sua natureza’**. (LANGLOIS; SEIGNOBOS, 1946, p.173 apud BOSI, 2005, p.1, grifo do autor).



O território da história bem como seu sentido, começam já a ser reelaborados e repensados pela geração da virada do século XIX/XX e se manifestará de uma forma mais contundente nas gerações de Bloch e Febvre. A história alargará seu território e tentará encontrar e redefinir o seu sentido que era, e já não é mais. A primeira e a segunda guerras contribuíram de forma decisiva para este processo que se estenderá até os anos de 1980, onde ganhará um novo paradigma, um novo campo histórico a ser considerado: a memória.

Seignobos abriu caminho para uma tradição da narrativa histórica que ganharia corpo com Bloch e Febvre. Em sua introdução ao seu trabalho “História Comparada dos povos da Europa”, justificou:

Desejo explicar como essas condições de vida foram transformadas, distinguindo as diferentes origens das mudanças. Os primeiros acontecimentos são resultado do choque, num mesmo momento, de vários fatos independentes (chamados de acaso ou acidente) que constituem os sucessos históricos, guerras, invasões, revoluções, reformas – cuja origem se deve freqüentemente à iniciativa de indivíduos. Os outros acontecimentos derivam de condições anteriores, seguindo uma ordem de sucessão que se compara à evolução dos seres vivos: assim, o crescimento de um poder, o progresso de uma técnica, a propagação de uma religião ou de uma instituição. Todas estas transformações são fruto de atos humanos. Mas os atos em si mesmos estão inspirados ou dirigidos por motivos, paixões, desejos, crenças, razões, regras de conduta, sobretudo pela memória do passado que cria a tradição e as regras, ou pela idéia do porvir, de onde nascem os empreendimentos e os progressos. Não me limitei a comprovar os resultados; procurei fazer compreender os atos indicando os motivos e, por isso, assinalei essas vontades interiores, invisíveis, muito mais do que é de costume nos livros de história. Não quis limitar este estudo à pequena minoria privilegiada (adornada às vezes com o nome de elite) cujos atos têm lugar principal nos documentos e nos livros de história. Tratei de descrever as condições de vida da maioria do povo, numa medida, muito insuficiente, por desgraça, com que as conhecemos. Como me inclinei a comparar não as formas convencionais, mas as condições reais de vida, fiz pouco caso das regras oficiais, instituições, regulamentos, leis, prescrições que, até épocas muito recentes, representaram mais os desejos ou o ideal das autoridades do que os atos de seus vassallos; isto me levou a descrever as reais práticas em matéria de política, de religião e de comportamento. (SEIGNOBOS, 1947 apud BOSI, 2005, s/p; grifo nosso).

O projeto de Bloch e Febvre, não por acaso, inicia-se sobre o título *Annales d'histoire économique et sociale*, e uma tradução direta do título da revista alemã *Vierteljahrschrift für Sozial – und WirtschaftsGeschichte*.



O título não era apenas um meio de identificação com uma corrente antiidiográfica paralela na Alemanha; era também um programa. Esse título evidenciava que aquela publicação enfatizaria o econômico e o social, implicitamente por serem mais duradouros, mais importantes e mais fundamentais que o político e o diplomático, foco normal da maior parte dos textos históricos. (WALLERSTEIN, 1996, p.19).

As mudanças no sentido da compreensão da história não ficaram limitadas aos currículos das disciplinas de História. O *espaço, o tempo*, ou ainda a relação temporal e espacial do *presente* como ponto de partida da pesquisa histórica, a *história-problema* que esta relação colocava agora, e o estudo das *mentalidades* para a compreensão desta história-problema revelavam o caráter inovador dos *Annales*.

Segundo DOSSE (1992),

Marc Bloch parte das paisagens contemporâneas para remontar até o período medieval. Para os *Annales*, o passado é, portanto, consubstancial ao presente, e Marc Bloch opõe o trabalho de antiquário fechado no culto do passado ao do historiador que tem gosto de olhar em torno de si. A importância dedicada ao presente é muito sensível na revista dos *Annales*, que está, neste primeiro período, essencialmente voltada para o estudo da sociedade contemporânea. (DOSSE, 1992, p.68).

Da mesma forma, estes foram os caminhos tomados por Febvre nos seus estudos sobre o Reno. Em *Le Rhin, Histoire, Mythes et Réalités (1931)*, entendemos que Febvre delimita o espaço da região do Reno - palco de mudanças da cena histórica e cultural – sob a perspectiva da história-problema que se colocava no tempo presente (ascensão do nazismo) e, da identificação de um mito (a ideia de uma fronteira-limite) em torno desta região, que seria, então, seu ponto de partida (presente), reconstruía a história desta região (passado) e voltava ao encontro do presente num processo de desmitificação para, finalmente, obter uma compreensão da realidade social.

De acordo ainda com Dosse (1992) “[...] a preocupação com os problemas contemporâneos está onipresente na revista dos *Annales*.” (p.68). Esta é com certeza uma das maiores, ousaremos aqui dizer, contribuições do século XX.

Segundo Wallerstein (1996),



Não que houvesse objeção à busca de dados empíricos nas chamadas fontes primárias. O que se afirmava era a noção de que não havia história que valesse a pena ser escrita se não fosse ‘sintética’ – daí o título da publicação de Berr – ou, na formulação posterior de Febvre, se não fosse *histoire pensée* ou *histoire problème*, em oposição à *histoire* historicisante. (WALLERSTEIN, 1996, p.18).

Febvre e Bloch expandiram e aprofundaram o trabalho que começa Berr em 1900 com sua *revue de synthèse*, ou seja, alargando o campo de compreensão da história a partir não só da interdisciplinaridade, como também do ponto de vista de outros sujeitos da história.

Uma história que se investiga e se narra a partir de aspectos mais gerais e duradouros. Não mais narração da história diplomática e dos eventos que possuíam um caráter investigativo mais específico e limitado, sem dialogar com outras ciências e, tampouco, sem dialogar com outras forças de ação social que conjuntamente construía a história total que, será agora, a bandeira da *École des Annales*.

A *Historia Total*, é o objetivo e o resultado desejado por um projeto que, não por acaso, intitulou-se *Annales d’histoire économique et sociale*. Uma bandeira que proclama os aspectos duradouros da história. Uma historiografia, agora, que possui um caráter nomotético que abriga e abrange os diferentes prismas que compõem a história e a narrativa histórica, bem como contempla também como parte da construção histórica e historiográfica as percepções que seus agentes têm da realidade social e de seus fenômenos e, ainda, do seu lugar, do seu papel nesta história.

Neste sentido, esta pesquisa não poupa esforços para defender que a historiografia francesa intitulada *École des Annales* foi uma das maiores contribuições positivas do século XX. Uma historiografia que combateu teórica, metódica e politicamente uma concepção de história completamente reducionista, pautada sob um único viés, incompleta, particularista e excludente e que, principalmente, não podia e não queria explicar os problemas que o complexo século XX vai trazer.

Assim também para Wallerstein (1996), os *Annales* “[...] *pode com justiça reivindicar ser a mais destacada contribuição do século XX à historiografia.*” (p.17):



Surgiu como resultado de um desconforto com – na verdade, um protesto contra – o impulso ideográfico que veio a dominar a historiografia europeia desde a ‘revolução’ rankeana – o apelo a se escrever a história empiricamente, ‘como ela de fato aconteceu’, com base em fontes primárias – e que em particular se institucionalizou na França, mais especificamente na Sorbonne e na *Revue Historique* (fundada na década de 1870). Bem mais tarde, em 1953, Lucien Febvre sugeriria que essa historiografia francesa, tal como exemplificada por figuras como Gabriel Monod e Emile Bourgeois, era ‘a história tal como escrita pelos derrotados em 1870’. (WALLERSTEIN, 1996, p.17-18).

De acordo ainda com o autor,

Existem duas coisas principais a observar quanto a essa publicação. Antes de tudo, o nome. Chamava-se *Annales d’histoire économique et sociale*, uma tradução direta (e deliberada) do título da revista alemã que encarnava a escola de história ‘institucional’ de Schmoller, a *Vierteljahrschrift für Sozial – und Wirtschaftsgeschichte*. (Ver também METHO-DENSTREIT) O título não era apenas um meio de identificação com uma corrente antiidiográfica paralela na Alemanha; era também um programa. Esse título evidenciava que aquela publicação enfatizaria o econômico e o social, implicitamente por serem mais duradouros, mais importantes e mais fundamentais que o político e o diplomático, foco normal da maior parte dos textos históricos. (WALLERSTEIN, 1996, p.18).

Ainda sobre as influências da geração de 1870 no movimento dos *Annales*, Wallerstein (1996) vai dizer que

Febvre e Braudel estavam determinados a criar uma base alternativa de poder e, com a ajuda de um funcionário público de alto escalão, Gaston Berger, puderam incrementar uma ideia da década de 1870, a criação de uma VI^e Section (6^a Seção: de ciências econômicas e sociais) da *Ecole Pratique des Hautes Etudes*. A *École* era uma instituição peculiar, inventada no século XIX para oferecer ‘educação adulta’ fora do sistema universitário. Mas, com bastante rapidez, Febvre e Braudel conseguiram transformar a VI^e Section em um vibrante centro de estudos de pós-graduação e de pesquisa erudita sobre história e ciências sociais. A revista também foi revitalizada em 1946, sob novo nome, *Annales: Economies, sociétés, civilisations...* Foi Braudel quem desenvolveu mais explicita e teoricamente a posição do movimento dos *Annales* na construção social do tempo e das temporalidades. Ele dividiu seu livro sobre o Mediterrâneo em três partes, correspondentes ao que considerava os três tempos sociais de *structure, conjuncture e événement*. Em *La Méditerranée*, ele faz sua famosa boutade: ‘Eventos são poeira’ (Braudel, 1949, [1973] vol.I, p.901). Em 1958 publicou o que é provavelmente a peça teórica central do movimento dos *Annales*, ‘A história



e as ciências sociais’. Foi nesse artigo que se fez a exposição do terceiro grande tema que caracterizou o movimento dos *Annales*. Além da ‘síntese’ e de ‘história econômica e social’, existe a ênfase na *longue durée*, o tempo das estruturas em lenta evolução da vida social. Braudel, no entanto, tem o cuidado de deixar bem claro nesse ensaio que a *longue durée* não é o eterno e o universal imutável. Ele chama esse último tempo de ‘muito *longue durée*’ e diz a respeito dele: ‘Se existe, só pode ser o tempo dos sábios...’ (BRAUDEL, 1958). (WALLERSTEIN, 1996, p.18-19).

Como até aqui tentamos demonstrar, o movimento dos *Annales* ao buscar abrir a sua historiografia para a compreensão de um novo tempo, a partir de uma nova perspectiva teórica e metodológica, tornou-se um movimento de grande contribuição que não se limitou ao campo do historiador. Como podemos ver com Wallerstein, por exemplo, as futuras gerações dos *Annales* se valerão das férteis sementes lançadas pela primeira geração de Bloch e Febvre, regando-as e transformando-as numa forte árvore cheia de frutos a serem colhidos ainda em nossa geração.

As *mentalidades*, por exemplo, uma semente lançada por Lucie Varga, Lucien Febvre e Marc Bloch, sera trabalhada pelas gerações posteriores a eles:

A ‘terceira geração’ mudou claramente a ênfase do econômico para o social (chegando a incluir neste último a cultura política). **Isso traduziu-se em uma preocupação renovada com as mentalités, uma extraordinária expansão da pesquisa empírica sobre um vasto âmbito de fenômenos socio-culturais e uma importante fusão de interesses com os antropólogos que estavam, por sua vez, dando nova ênfase à esfera simbólica.** O movimento dos *Annales*, em sua ‘terceira geração’, **buscou o espírito de “inclusividade”, do estudo de todo e qualquer aspecto da realidade social, o que era parte central do ethos dos *Annales* desde o princípio.** A terceira geração usou o social para expandir o econômico, da mesma forma que a geração anterior havia usado o econômico para expandir o político. (WALLERSTEIN, 1996, p.19, grifo nosso).

O estudo das *mentalidades* proposto por Lucie Varga, Febvre e Bloch constitui a gama de elementos presentes na primeira geração que se farão também presentes nas gerações últimas do movimento dos *Annales* em decorrência da sua importância para o século XX, mas também de sua atualidade ainda no nosso século. A *história das mentalidades* constituir-se-á uma boa semente em solo propício e fértil. É neste sentido que, para Wallerstein (1996), “[...]”



a terceira geração tentou recuperar a importância da arena política, encarando-a como parte central das mentalités.” (p.19).

O esforço deste capítulo concentrou-se em traçar a trajetória da primeira geração dos *Annales*, ressaltando o que de mais grandioso este movimento dirigido por Marc Bloch e Lucien Febvre junto aos seus colaboradores diretos e indiretos produziu em termos teóricos, metodológicos, social e político. Este capítulo buscou também, para além de ressaltar as grandes contribuições deste movimento historiográfico para o século XX e XXI, demonstrar como elementos da primeira geração estão presentes nas últimas gerações, de maneira mais profunda, demonstrando, assim, a atualidade dos problemas percebidos por Bloch, Febvre e também Lucie Varga e, ainda, a atualidade de suas contribuições teóricas, analíticas e metodológicas.

Como vimos, o movimento das *Annales* é interdisciplinar, tal qual é definido e se prova pela investigação das correspondências e dos artigos publicados na *Revue des Annales* desde seu início, bem como também é considerado por contemporâneos dos seus pais fundadores.

Mais ce qui fait pour nous le principal intérêt de cet instrument de travail, c'est la notion, qu'on sent perpétuellement présente, des liens étroits entre la science de l'histoire économique ou sociale et les besoins de la géographie humaine. Les deux spécialistes que le hasard a réunis à l'Université de Strasbourg ont été amenés, par des voies différentes, à côtoyer sans cesse la géographie, dans des travaux qui sont présents à la mémoire, et dont l'un au moins est proprement un livre de géographie humaine, sans cette étiquette. Ils savent de quoi nous parlons et considèrent avec bienveillance ce que nous voulons faire. Ils ont conscience de ce que leur spécialité peut apporter de vues nouvelles et fécondes à la nôtre, et réciproquement. Ils nous signalent les points de contact, et éclairent notre marche sur les confins de leur domaine ; rien de plus suggestif à cet égard que le compte rendu, par Marc Bloch, de la récente thèse de D. Faucher. Et justement — le nom que je viens de citer le prouve, après bien d'autres, comme le prouvent aussi les deux livres que l'on vient de publier sur l'Oisans — cela se produit au moment où les géographes, stimulés par, Vidal de La Blache et ses disciples, cherchent de plus en plus à saisir la continuité des faits géographiques dans leur évolution historique. (ALLIX, 1930, p.95-96, grifo nosso).

De acordo com o Allix (1930), está presente na intelectualidade dos *Annales*, uma ligação estreita das ciências da História Econômica e Social e das necessidades colocadas pela



Geografia Humana. A união destas ciências neste círculo intelectual, visa não só compreender os fenômenos sociais do início do século XX à partir de diferentes perspectivas, como especialmente buscar, através deste debate pautado na ação dialógica, diferentes e, sobretudo, *novas* vias de compreensão, entendimento e solução para os presente-problema.

Il est vrai que, par une sorte d'affectation, le nom de 'géographie' ne figure explicitement dans aucune de leurs rubriques, et ne paraît qu'à regret dans leur texte. Mais c'est de la discrétion voulue, nullement un témoignage de malveillance; la teneur des articles et des notes le montre à l'évidence. Aussi bien, la liste des membres du Comité de Rédaction s'ouvre-t-elle par le nom d'Albert Demangeon. Les géographes trouveront de la documentation immédiate dans les articles de Maurice Baumont sur l'activité industrielle de l'Allemagne depuis : la guerre; de G. Méquet sur le problème de la population en U. R. S. S.; de Charles Gilliard sur l'ouverture du Gothard; de Richard Bloch sur la concurrence et les groupements de producteurs; de Henri Labouret sur Irrigation, colonisation intérieure et main-d'oeuvre au Soudan français ; de J. Levainville —un géographe officiel — sur Marchands de minerai de fer: du courtier au banquier; et de Abbott Payton Usher sur l'emplacement des usines aux Etats-Unis. Ils en trouveront aussi dans de nombreuses notes: toute une enquête sur les plans parcellaires en France; Angleterre, Allemagne, Danemark; des études : sur les sources et instruments de travail de la statistique en Allemagne, en U.R; S. S., aux Etats-Unis ; une mise au point d'Henri See sur le commerce en France au XVIe siècle, etc. ; sans compter les innombrables informations de détail et la profusion des comptes rendus. (ALLIX, 1930, p.95).

Isto parece ser uma marca do movimento das *Annales*: buscar, através de caminhos convergentes, uma verdade sobre o que era o nazismo que não correspondesse à verdade vinculada à representação de massa, característica deste momento histórico.

*On ne peut que se féliciter de voir là l'amorce d'une **collaboration cordiale**, libre de tout esprit de parti, de tout monopole de compétence, de tout exclusivisme de clan, **dans le seul souci de rechercher, par des chemins convergents, une vérité qui nous intéresse tous.** (ALLIX, 1930, p.95-96, grifo nosso).*

O trabalho da intelectualidade das *Annales* pode ser entendido como uma incipiente teoria da ação comunicativa. A busca de uma via de entendimento que não seja mais burocratizada e nem mercantilizada. Uma necessidade de efetuar aquilo que Habermas (1991) vai chamar de moralização de temas. O agir comunicativo, de acordo com Aragão (1992),



pressupõe a formação livre e democrática da vontade e da opinião, na busca de entendimento e da verdade. Já o fato de seus fundadores pensarem na abertura de um espaço de debate, que pode-se dizer público, entre as mais diversas áreas sobre os acontecimentos do tempo presente e que possibilitasse a sua divulgação, aponta para a ideia de uma razão comunicativa (ARAGÃO, 1992).

Na historiografia o agir comunicativo buscará desmontar a antiga e imposta verdade histórica, convidando outros sujeitos da história a expor suas opiniões neste espaço historiográfico que se propõe agora aberto e plural, e debatê-las em busca de uma nova verdade ou, melhor dizendo, de uma nova perspectiva de compreensão da história.

La nouvelle Revue que, sous ce titre, publient, chez Armand Colin, MM. Marc Bloch et Lucien Febvre, vient de terminer sa première année d'existence. Les quatre fascicules parus forment un splendide volume de 640 pages, riche de dix-sept articles de fonds, de précieuses indications — formule nouvelle — sur les 'centres d'études', sur 'le travail qui se fait', et d'une foule d'informations scientifiques, de notes d'actualité, d'analyses critiques parfois fort étendues. A la plus haute valeur scientifique, cette Revue nouvelle ajoute un sens de l'utilité pratique, de l'opportunité des renseignements, de la valeur immédiate des références, qui en font, malgré le trop modeste Avis au lecteur, l'heureuse mise en oeuvre d'une formule nouvelle. Il faut en rendre grâce aux deux initiateurs, dont on imagine sans peine la lourde tâche et dont on ne saurait trop louer le dévouement. Mais ce qu'il y a de plus nouveau dans cette publication, c'est l'esprit qui préside à sa rédaction: une délimitation de point de vue qui a la rigueur d'une doctrine sans en montrer l'intransigeance. C'est par là que les Annales d'Histoire Economique et Sociale ont désormais leur place marquée sur le premier rayon de toutes les bibliothèques géographiques. (ALLIX, 1930, p.95, grifo nosso).

Habermas (1991) entende que os problemas da sociedade moderna deverão encontrar solução pela via da moralização dos temas-problemas que esta traz em sim. Problemas estes que, de acordo com o autor, perceberemos futuramente, o Estado não poderá resolver, tampouco o mercado. Bem ao contrário, o que a atual geração historiográfica nos mostra é que deve haver agora um controle social destes dois, ou seja, o social deve gerir, ou de alguma forma, atuar junto ao Estado e ao Mercado pelas vias democráticas que expressam a opinião, a perspectiva e a vontade dos grupos (HABERMAS, 1991). A narrativa da História é uma dessas vias.

Ao convidar para o diálogo as mentalidades, as diferentes perspectivas científicas sem pretensão de qualquer neutralidade (isso fica claro, como citado acima, nas preocupações de

251659264



Febvre em não distanciar o sujeito do historiador), e grupos que antes não dialogavam na historiografia como as mulheres e os judeus (no período de ascensão do nazismo) – representados na pessoa de Lucie Varga, por exemplo - o círculo da intelectualidade francesa representado pelas *Annales* vai já preconizar uma razão comunicativa (HABERMAS, 1991) como uma possível via que levará às mudanças na condição atual da sociedade capitalista. E a mudança no *narrar a história* tanto pela presença de novos narradores, quanto pela presença de novas histórias, tornar-se-á um dispositivo de força política.

A visibilidade que os diferentes grupos sociais conquistarão na história pela historiografia constituirá também uma visibilidade política, logo, uma via de mudança, política sim, mas também moral. Uma nova mentalidade, uma nova moralidade.

Essa nova moral que prevê como necessidade a atuação de novas perspectivas da e sobre a história é o primeiro passo para a construção de um novo paradigma político que ganhará como aliado a historiografia francesa nas suas últimas gerações que serão mais plurais e se abrirão enquanto espaço político e de debate.

Essa ação dialógica entre as áreas (ainda que entendida aqui estritamente como interdisciplinaridade), e a introdução da noção de mentalidades na historiografia, arriscamos dizer, preconizam de alguma forma uma razão comunicativa nos termos de Habermas, que vai se concretizar e ganhar solidez à partir das gerações de 1960. Lucie Varga, ao introduzir a noção de mentalidade e ao ser pioneira em levar ao debate a questão de gênero, ainda que nos círculos intelectuais, na busca de entendimento e compreensão desta questão, já demonstra aspectos de uma razão comunicativa. Já aponta para um deslocamento de conflito, que de maneira alguma desconsidera a questão de classe, mas a vincula a questões subjacentes a ela. Uma prova disso é a atuação direta de Georges Lefebvre junto à primeira geração, na publicação de suas contribuições e análises sobre o problema de classe.

De acordo com Wallerstein (1996),

Para o movimento dos Annales, como para tantas outras correntes de pensamento, 1968 foi um momento decisivo. Só depois de 1968 é que a influência do movimento dos Annales ultrapassou o que poderia ser chamado de zona cultural francesa ‘ampliada’ – Europa latina, Québec, Polônia, Hungria e Turquia. (Para uma análise desse fenômeno, ver o número especial *Review*, 1978, que também inclui artigos explicando igualmente por que a Grã-Bretanha demonstrou certa receptividade precoce.) O movimento começou a exercer uma influência importante em zonas que se vinham mostrando até então resistentes – os Estados Unidos, a Alemanha e finalmente a União Soviética. (Durante muitos anos a posição oficial



soviética foi de condenação ao movimento dos Annales. Havia, no entanto, muitos annalistas enrustidos na União Soviética. Foi somente em 1989, com a glanost, que o Instituto Universal da Academia de Ciências pôde promover o colóquio internacional sobre 'Les Annales – hier et aujourd'hui'. (WALLERSTEIN, 1996, p.19).

Ainda, para o autor,

Os acontecimentos de 1968 abriram novos horizontes intelectuais por toda a parte. Em alguns pontos do mundo, esses eventos fizeram com que eruditos (e estudantes) se mostrassem pela primeira vez receptivos a via média dos Annales, lutando simultaneamente contra o método idiográfico (ver IDIOGRAFICO, METODO) na história e a ciência social universalizante. Por outro lado, foi precisamente nas partes do mundo nas quais a influência de Annales já havia sido forte que a comunidade erudita estava entrando em um estado de espírito 'pós-marxista', mostrando-se a partir de então um tanto reticente com relação à grande ênfase atribuída à história econômica pela 'segunda geração'. (WALLERSTEIN, 1996, p.19).

A historiografia francesa denominada Nova História, que se abre enquanto espaço de reivindicação de poder, um poder pela voz audível, um poder pela narrativa histórica, na tentativa de se chegar a um entendimento, é o que vamos presenciar de mais emblemático desta *ação comunicativa* (HABERMAS, 1991). A historiografia encarna a razão comunicativa. No entanto, ao mesmo tempo que começa a se transformar num espaço importante de reivindicação, passa também a ser, por vezes, um espaço de disputa e concorrência de memórias pelo sentido da história, chegando a cometer o pecado do qual tanto teme Habermas: o de tornar essa ação uma religião civil. Este é um dos pontos de maior perigo para o qual apontam as novas configurações da Historiografia, de uma forma geral. E este ponto de perigo já trabalhado e analisado por alguns autores, tais como Traverso, devem ser também apontados nesta pesquisa, muito embora ela esteja mais voltada a abordar e considerar os pontos positivos no que se refere ao avanço dos estudos historiográficos e sua nova configuração na atualidade.

A historiografia da Shoah, que existe de forma isolada, bem como a centralidade, ou a preferência pela Shoah nos debates historiográficos da Europa, de modo geral, faz solidificar por meio da narrativa uma religião civil (TRAVERSO, 2012).

A idéia da Nova História, tal como este trabalho a compreende e a concebe, não é a de propor que a narrativa das minorias, ou seja, a presença das minorias na narrativa hegemônica



da história seja uma forma política de ressarcimento, pois nunca o será. Esta não deve ser, do ponto de vista deste trabalho, o objetivo das narrativas das minorias. Não deve ser e não é, na nossa opinião, o objetivo da Nova História herdeira do movimento dos *Annales*.

Dois pontos a este respeito devem ser aqui esclarecidos. Primeiro, entendemos que possuímos uma dívida histórica com os sujeitos oprimidos, perseguidos, torturados e suprimidos da história, ou o que conceitualmente entende-se por minorias sociológicas, a saber, os negros, as mulheres, os indígenas, os judeus, os árabes, os homossexuais, etc. Segundo, sabemos também que existe uma ausência destas minorias sociológicas em diversos espaços públicos e hegemônicos, por exemplo, o espaço da narrativa histórica, e, como outro exemplo o espaço da política. A presença de alguns grupos humanos nas narrativas históricas, especialmente hegemônicas, tem ou deveria ter por objetivo único (porém já de grande avanço político e social) dar visibilidade a estes sujeitos históricos que foram suprimidos deste espaço.

A Nova História não pode, do ponto de vista desta pesquisa, ser entendida como um meio de ressarcir historicamente as minorias. Seria demasiadamente pretensioso pensar que uma historiografia é ou deveria ser capaz de pagar a dívida que possuímos no que se refere a um passado de escravidão, opressão e extermínio. O que a historiografia pode e tem por papel realizar é o de redesenhar a história através das vozes até então silenciadas. Tornar estas vozes audíveis faz com que reconstruamos a história sob uma nova moralidade que não aquela que até hoje fez a história. Uma historiografia agora sob uma nova perspectiva e percepção que fará com que notemos a presença de sujeitos históricos que são para nós invisíveis e, a partir disto, construir uma nova mentalidade histórica e, sobretudo, social. Construir uma nova moral baseada no reconhecimento e visibilidade destes sujeitos historicamente invisíveis.

A Nova História, as Narrativas de Testemunho, os Estudos de Memória, e toda mudança semântica que os acompanha, compõem um conjunto de medidas de mudanças que são mais de ordem moral, ou melhor, possuem antes de tudo, uma força moral através do seu discurso, da sua narrativa, e depois, por consequência, uma força política.

Trazer à luz os subterrâneos da história, dar-lhes voz, devolver-lhes a condição de sujeitos da história são medidas necessárias, de conhecimento e reconhecimento e, por consequência de aceitação, pela outra parte (a dos que têm história), de uma presença histórica que até então não havia, não existia. A historiografia que tem por proposta dar visibilidade aos sujeitos invisíveis, às minorias sociológicas, não pode ser entendida como



uma medida política de ressarcimento histórico pela incapacidade que há em si de fazê-lo. Historiografia não ressarce o presente pelo seu passado. A Historiografia age no logos, nas ideias, nas ideologias, nas concepções de mundo, nos conceitos, atribui novo sentido à história, atribui novo sentido à realidade social, compreende e modifica mentalidades e é capaz de agir na construção de uma nova moralidade que, por sua vez, compor-se-á de novos valores.

O uso da memória histórica como política de ressarcimento e o uso da historiografia como religião civil é entendido aqui como um uso equivocado da narrativa. A historiografia e os estudos de memória são os espaços públicos onde devem se fazer presentes essas minorias sociológicas a fim de desenvolverem uma ação dialógica no que diz respeito a História. Fazer-se presente na História é sem dúvida o primeiro passo para se fazer presente na política e, assim, propor nela mudanças que levem à equidade, ou mesmo à uma nova noção de equidade.



3. Conclusão

Memória e Testemunho : o senso redirecionado

Durante meu estágio doutoral observei que em cada escola de cada *arrondissement* da cidade de Paris, havia em suas portas uma placa com uma mensagem em memória às crianças vítimas da *Shoah*. Também foi possível notar uma presença forte da memória em exposições oferecidas pelos museus parisienses. Sem contar os Museus do Holocausto e do Judaísmo, entre tantas exposições nesta mesma temática em outros museus.

Pierre Vidal-Naquet (1930-2006) escreve em dois volumes uma obra que intitula “Memórias”. Esta é uma forte tendência que norteia atualmente os estudos das correntes historiográficas, mais contundentemente na Europa, porém, também com forte presença em outros continentes, como o Americano.

Buscando compreender o sentido da História para a corrente historiográfica da *École des Annales*, pudemos identificar que a memória, tornou-se ela, hoje, imperativo que delimita o campo de investigação dos historiadores. Mas também dos antropólogos, dos sociólogos, e mesmo os literatas e romancistas com suas literaturas de testemunho.

Em 1933, Walter Benjamin escreve o texto *Experiência e Pobreza*, e outro texto intitulado *O Narrador (1928 – 1935)*. Ambos nos remetem à percepção de um problema que começa na virada do século XIX para o século XX: o problema da experiência e de sua transmissão. Em seus dois textos, o ensaísta aponta para um problema grave da Modernidade, a saber, o declínio da experiência, o que nos leva a sua não transmissão. Seja aquela experiência outrora transmitida de pai para filho, no que se refere às relações mais estreitas, seja aquela experiência que se transmite de uma geração à outra no que se refere às relações construídas na história.

Na parábola, o pai que de forma um tanto enigmática, ao leito de morte, fala aos filhos sobre um tesouro, um legado, uma herança que deixará a seus filhos. Estes, não compreendendo a sabedoria do pai, cavam os vinhedos em busca do tesouro, e só depois



descobrem que a experiência que seu pai lhes transmitiu é ela em si a riqueza de que falava o velho homem.

Em O Narrador, os soldados sobreviventes das trincheiras voltam da guerra calados, não querendo à nenhuma criatura transmitir a decadência que experienciaram, afinal, nem mesmo o logus era capaz de assimilar tal atrocidade.

Também na virada do século XIX para o século XX, escreve, no Brasil, Machado de Assis sua obra intitulada “Memórias Póstumas de Brás-Cubas”. Introdutor do realismo no Brasil, pode-se dizer, Machado de Assis, na personagem de Brás-Cubas, termina sua obra com as seguintes palavras: “*Não tive filhos! Não transmiti a nenhuma criatura o legado da minha miséria*”.

Em decorrência do estágio doutoral que realizei em Paris pude observar que existe atualmente na França um esforço teórico e político centrado na recuperação da experiência para se tentar reconstruir o passado recente e o tempo presente através do que se denomina o *dever de memória*. Sejam pelas placas comemorativas, monumentos, exposições em museus como já citado anteriormente, mas, sobretudo, figura de forma imperativa nos meios de comunicação de massa, bem como nos debates acadêmicos (especialmente entre os intelectuais da área de História e Historiografia), chegando a ser bandeira reivindicativa de muitos dos movimentos sociais.

No entanto, é necessário também, aqui, considerar que a condição atual de nossa sociedade é a radicalização do espetáculo de que já denunciava Debord (2003). No que tange à questão da memória, ela se tornou hoje não só campo de concorrência e espaço em disputa, como sofreu uma inversão no que diz respeito a seu papel político, sendo então o trabalho da memória substituído pela espetacularização da memória, não só pela mídia, como também na historiografia, na antropologia e outros campos que buscam conferir visibilidade aos povos outrora suprimidos da história.

O presente trabalho, reconhecendo a importância da memória para as grandes áreas de conhecimento, para a política e para o direito, bem como para a construção de uma sociedade com valores redefinidos pautados da justiça social, preocupa-se em não fazer vistas grossas ao perigo das atuais políticas memoriais.

Segundo Traverso (2012), durante as décadas de 1960 e 1970, a memória estava completamente ausente dos debates intelectuais, não sendo contemplada nem mesmo na



famosa obra coletiva, “*Faire de l’histoire*” (1974), dos grandes nomes da historiografia francesa vinculados à corrente dos *Annales*, a saber, Jacques Le Goff e Pierre Nora.

Igualmente em Hartog (2012),

En 1974, paraissent les trois volumes de Faire de l’histoire, dirigés par Jacques Le Goff et Pierre Nora, qui entendent ‘illustrer et promouvoir un type nouveau d’histoire’, celle qui répond à ‘la provocation’ des autres sciences humaines, en particulier de l’ethnologie... La mémoire n’était pas encore comptée au nombre des nouveaux objets ou des nouvelles approches, le patrimoine non plus. (HARTOG, 2012, p. 166, grifo nosso).

Para Hartog (2012), a memória é campo ignorado pelos historiadores desde Tucídides, por não ser considerada confiável, pois “[...] *elle oublie, déforme, et résiste mal au plaisir de faire plaisir à celui qui écoute. L’oeil, l’évidence de l’autopsie, doit l’emporter sur l’oreille. L’histoire, comme quête de vérité, était à ce prix.*”. (HARTOG, 2012, p.166).

Apenas quatro anos mais tarde, perto de adentrarmos os anos de 1980, é que os historiadores franceses Jacques Le Goff, Jacques Revel e Roger Chartier vão dar um espaço para a Memória dentro da obra *La Nouvelle Histoire*, na forma de um ensaio intitulado *Mémoire Collective*.

Neste sentido, a inserção tão atual da Memória no meio intelectual torna espantoso o fato de em tão pouco tempo ter ela adquirido lugar central nos debates acadêmicos à ponto de quase preterir a própria História. Segundo Traverso (2012):

A memória é recorrentemente utilizada como sinônimo de História e tem uma particular tendência para absorvê-la, tornando-se ela própria uma espécie de categoria meta-histórica. Captura o passado numa espécie de malha mais larga do que a disciplina tradicionalmente denominada História, aí depositando uma dose bem maior de subjetividade, de “vivido”. Em suma, a memória aparece como uma História menos árida e mais “humana”... Mais espantoso ainda é a forma como ela vem sendo desde então transformada em “objeto de consumo, estetizado, naturalizado e rentabilizado, pronto para ser utilizado para a indústria do turismo e do espetáculo, especialmente pelo cinema (TRAVERSO, 2012, p.11).



A preocupação do autor é facilmente compreendida ao se observar o uso desmedido que a indústria cinematográfica tem feito sobre a experiência contada, a memória de vítimas sobreviventes de massacres ou mesmo seus parentes e familiares. Também os museus vêm cada vez mais produzindo exposições sobre os massacres e sobre as memórias que restaram desses massacres.

Ao caminhar entre as prateleiras das livrarias mais cotadas, é possível notar que as seções das Ciências Humanas têm sido permeadas por livros sobre memórias e testemunhos. Um grande avanço, sim, para a sociedade contemporânea que há muito vem sofrendo com o problema já identificado por W. Benjamin sobre o esvaziamento da experiência, sobre desfalecimento da vontade e pertinência de sua transmissão e, conseqüentemente, o surgimento de um lapso, uma lacuna que separa não só uma geração da outra, como principalmente o próprio indivíduo da sua própria História.

Em palestra proferida pela Profa. da Puc e Unicamp especialista em Benjamin, a saber, Jeanne Marie Gagnebin, em suas palavras, “*Walter Benjamin foi, antes de mais nada, um teórico da memória e da conservação do passado*”. Para Benjamin (2000), a modernidade pode ser definida pelo declínio do que vai chamar de “experiência transmitida”, que terá como marco histórico a Primeira Guerra Mundial.

É importante ressaltar que a memória é aqui neste trabalho entendida como o elo, que há muito se perdeu, entre as gerações, entre os grupos, entre os sujeitos da História. No entanto, e ao mesmo tempo, compartilha e problematiza a grande preocupação quanto ao “*devoir de mémoire*” ter sido levado ao extremo da banalização ao ponto de gerar um processo que Traverso (2012) vai chamar de *reificação do passado*.

A apropriação da Memória pela indústria cultural, de acordo com Traverso (2012) a transforma em produto a ser consumido e entende isso como a máxima da transmissão dos valores de determinados grupos, bem como sua transformação numa espécie de religião civil e, por último e não menos importante, o uso dessa memória ou obsessão memorial como aliada nas guerras ideológicas com a finalidade de legitimar a própria guerra, como é o caso da memória da Shoah como aliada na guerra ideológica da questão palestina.

Como já colocado anteriormente, a memória ocupou, à partir dos anos 80 do século XX, não só um papel importante na História, na historiografia e, sobretudo na política, mas como substituiu a História e também se tornou a forma política de ressarcimento das vítimas



dos genocídios e de seus remanescentes, à medida em que a Shoah tornou-se medida imprescindível, especialmente nos momentos de crise. É objetivo também deste trabalho atentar para os perigos da política memorial que, se por um lado torna intocáveis os já vitimizados, por outro, parece ser incapaz de combater a necessidade que a humanidade criou de procurar novas vítimas que possam expiar os “pecados” apontados a nós pela própria História.

O ritual de expiação, que o século XX parece ter revelado como necessidade histórica, imputa à Sociologia, à partir desta constatação, a também necessidade de lançar o olhar ao lugar ocupado pela Memória – seja na historiografia, na antropologia, nas ciências sociais, no direito, na política e na própria História – procurando evidenciar e compreender quais os avanços trazidos da política memorial e quais os retrocessos, o que muda e o que se mantém, à medida com que possibilita a visibilidade das vítimas e traz à luz os subterrâneos das tragédias da humanidade, no entanto não é capaz de fazer parar o genocídio.

Durante muito tempo a história foi dotada de um senso, de um telos, seja pela filosofia da história cristã, seja pela filosofia da história secular, pela historiografia. O que importa ser destacado, neste caso, é que esta história possuidora de um telos permitia aos indivíduos se orientarem a partir de experiências passadas. Segundo Bodei (2001), a história tem não somente a função de orientar a humanidade, ou seja, de projetar – na medida do possível – um telos, mas, sobretudo, tem como função revelar experiências. Experiências estas, capazes de apontar o sentido, ou seja, a direção da humanidade rumo ao progresso ou a sua própria destruição.

A História apontada pelo século XX parece ter revelado a capacidade e a potência, agora em escala mundial, que a humanidade possui de produzir catástrofes, fome, insegurança, extermínio e exclusão. Mas, sobretudo, o século XX pode revelar que os massacres humanos, denunciados pelos processos coloniais e pós-coloniais, tornaram-se imperativo histórico necessário.

O processo de desumanização para o sacrifício denunciado pelos campos de concentração, sejam estes as próprias colônias europeias, seja *Auschwitz*, revela-se via de regra da História à partir da segunda metade do século XX.



A ideologia nazi legitima-se na recriação da invenção do mito do selvagem e no racismo dos processos coloniais, e perpetua-se enquanto ideologia hegemônica hoje pelo sucesso revelado pela Shoah em proporções mundiais (TRAVERSO, 2002).

Do racismo ao antisemitismo, e do antisemitismo à islamofobia, a História parece nos revelar uma potência humana capaz de produzir catástrofes e destruição, mas, à partir dela, uma potência humana capaz de recriar entre os cacos das tragédias e de seus resquícios, novos com velhos sentidos.

É importante ressaltar que existe atualmente uma distinção entre memória e História. Muito embora a memória seja anterior à própria constituição da História, foi esta que se instituiu enquanto campo de saber a princípio (TRAVERSO, 2012).

Entende-se por memória as recordações individuais, segundo Traverso (2012), enquanto que por História confere-se um caráter científico-discursivo crítico sobre o passado, seus fatos históricos, pretendendo-se uma compreensão e interpretação dos eventos do passado.

Nota-se, como já apontado no início deste texto, que a memória – outrora definida enquanto lembranças individuais, ou mesmo coletivas – tornou campo da História e avançou enquanto campo de saber chegando, nos dias atuais, à uma condição política.

Segundo Traverso (2012),

En décembre de 2007, à l'issue d'un long débat, qui a touché en profondeur la société civile, les Cortes espagnoles ont voté une loi de reconnaissance, et de réparation – tout à moins symbolique – pour les victimes des crimes perpétrés sous la dictature franquiste. On pourrait longuement discuter des vertus et des limites de cette loi, mais ce qui frappe le plus, d'un point de vue historiographique, c'est d'abord son appellation d'usage : 'loi de mémoire historique'. (TRAVERSO, 2012, p. 251).

Ao lançar um olhar atento aos eventos históricos do tempo passado recente e do presente, é possível observar e concluir que a memória sofreu, de acordo com o autor, um processo de historicização. A memória que antes era um conjunto de recordações individuais ou coletivas de um grupo, comunidade e povo, torna-se, especialmente no contexto pós-guerras mundiais e pós-coloniais, uma medida legal de ressarcimento às vítimas destes



genocídios. Segundo o que nos diz Traverso (2012), a criação de uma lei memorial ou lei de memória histórica inicia um novo contexto, uma nova forma de compreender e de se relacionar com passado, uma nova maneira de sentir, pensar que vai conduzir e redefinir as ações e as relações sobre o tempo presente.

Ao se analisar as historiografias, pode-se observar que, à partir do Holocausto, confere-se uma demasiada importância aos estudos da Memória. Esta passa a ocupar um lugar relevante não só nos campos de saberes, como a Historiografia e mesmo a Antropologia (área que acolhe os estudos sobre a Memória), mas no interior da própria História, concorrendo pelo seu senso, e, sobretudo, nos campos da política e do direito.

A memória passa não só a ser evocada, mas a ser caracterizada como forma legal de ressarcimento das vítimas dos massacres efetuados ao longo da História dos processos de extinção racial, sejam eles os processos colonizatórios ou mesmo *Auschwitz*.

La 'loi de mémoire historique' fait désordre en brouillant les pistes et en mélangeant les genres. Après s'être affranchie – au moins dans ses intentions – de la mémoire, qu'elle a mise à distance et soumis à ses propres règles, l'histoire se voit maintenant attribuer un statut second, dérivé. Dans l'intitulé de la loi, c'est la mémoire qui prime, comme substantif, tandis que l'histoire est reléguée au rang d'adjectif.(TRAVERSO, 2012, p.252).

Ao que parece, ao se analisar as produções historiográficas, sofremos um processo de substituição da História pelos estudos memoriais, não só no interior da corrente de pensamento estudada – *l'Ecole des Annales* -, mas nas diversas historiografias da contemporaneidade, bem como no direito e na política.

É importante ressaltar que este trabalho parte do pressuposto de que Memória e História devem caminhar juntas e que uma não possui potência para ocupar-se integralmente do senso da outra. Segundo Vidal-Naquet (2007),

Il n'existe pas d'un côté une mémoire qui serait pure subjectivité et, de l'autre côté, une histoire intégralement objective et scientifique... Inversement, il n'existe pas d'histoire, même cherchant à échapper à la logique du récit chronologique, qui ne repose pas à un certain degré sur la mémoire d'un ou de plusieurs individus. (VIDAL-NAQUET, 2007, p. 10).



De acordo com o autor, não pode existir memória que seja somente subjetividade e, por outro lado, também não há história que seja integralmente objetiva e científica. Ambas, história e memória estão destinadas a caminharem juntas, pois em cada uma delas há uma parte da outra. Não existe, para Vidal-Naquet, história que não se repouse sobre a memória.

Neste sentido, entendemos neste trabalho que a história está diretamente ligada à memória que, por sua vez, está engajada no processo de recuperação do legado da humanidade que é a transmissão e recepção da experiência humana historicamente construída.

Narrar a experiência vivida, transmití-la e recebê-la é um compromisso que os intelectuais, bem como os movimentos sociais devem, na opinião desta pesquisa, devem firmar com cada sujeito histórico, com cada grupo humano, com a nossa geração, com as gerações futuras, com a humanidade. A narração da experiência, o testemunho da história permite a compreensão e manutenção do passado e, sobretudo, revela o tempo presente. Permite que identifiquemos os fenômenos de catástrofe do passado que permanecem, ou que ressurgem no presente. Permite, acima de tudo, que as vítimas das catástrofes históricas, seus herdeiros e os sobreviventes possam narrar a sua perspectiva da história e, assim, encontrar o elo entre o passado traumático (que não é apenas individual, mas sim coletivo) e o retorno ao mundo da vida (SELIGMANN, 2008).

De acordo com SELIGMANN (2008),

Hélène Piralian (2000), psicanalista de origem armênia, refletiu sobre esta questão ao tratar do genocídio armênio e sobre a questão da sua representação. Para ela a simbolização do evento implica a “(re)construção de um espaço simbólico de vida” (Piralian, 2000: 21). Esta simbolização deve gerar um retemporalização do fato antes embalsamado. Ele adenda, assim, ao fluxo dos demais fatos da vida. Piralian fala também, e de modo muito feliz, de uma tridimensionalidade advinda da simbolização. Ao invés da imagem calcada e decalcada, chata, advinda do choque traumático, a cena simbolizada adquire tridimensionalidade. A linearidade da narrativa, suas repetições, a construção de metáforas, tudo trabalha no sentido de dar esta nova dimensão aos fatos antes enterrados. Conquistar esta nova dimensão equivale a conseguir sair da posição do sobrevivente para voltar à vida. Significa ir da sobre-vida à vida. É claro que nunca a simbolização é integral e nunca esta introjeção é completa. Falando na língua da melancolia, podemos pensar que algo da cena traumática sempre permanece incorporado, como um corpo estranho, dentro do sobrevivente. (SELIGMANN, 2008, p.69).



É neste sentido que a presente pesquisa preocupou-se em apontar os perigos da banalização dos estudos de memória, justamente por considerá-los atividade intelectual imprescindível a ser realizada pelo historiador, pelo sociólogo, pelo literata, pelo pedagogo, mas principalmente, pelo sobrevivente do extermínio, da tortura e da perseguição. A narração pelo sujeito histórico que é vítima e sobrevivente é essencial para que a história seja aquela desejada por Bloch e Febvre, a *história total*.

Também, a recuperação da memória na história, as narrativas de testemunho contempladas na historiografia permitem aos homens identificar a reincidência de tragédias e catástrofes efetuadas pelos homens do passado (recente), agora no tempo presente. Permite, acima de tudo, identificar a presença do pensamento, dos discursos, da mentalidade e da moralidade construídas para justificar estas tragédias. Permite-nos observar, ainda, que no presente operamos de maneira possivelmente idêntica ao passado, apenas elegendo novos *bodes expiatorios*.

É neste sentido também que Primo Levi nos aponta a importância da narração da catástrofe pelo sobrevivente:

Beaucoup d'entre nous, individus ou peuples, sont à la merci de cette idée, consciente ou inconsciente, que 'l'étranger, c'est l'ennemi'. Le plus souvent, cette conviction sommeille dans les esprits, comme une infection latente; elle ne se manifeste que par des actes isolés, sans lien entre eux, elle ne fonde pas un système. Mais lorsque cela se produit, lorsque le dogme informulé est promu au rang de prémisses majeures d'un syllogisme, alors, au bout de la chaîne logique, il y a le Lager; c'est-à-dire le produit d'une conception du monde poussée à ses plus extrêmes conséquences avec une cohérence rigoureuse; tant que la conception a cours, les conséquences nous menacent. Puisse l'histoire des camps d'extermination retentir pour tous comme un sinistre signal d'alarme. (LEVI, 1987, p.).

Hoje, como nos dias vividos por Primo Levi, vivemos um período de crise e, com ela, a ideia de que o outro, o estrangeiro é o inimigo. Esta mentalidade perante a qual se “justificou” o campo de concentração, nos assombra ainda hoje. No que toca a Europa, os eventos da crise atual juntamente com o evento da Primavera Árabe têm produzido efeitos catastróficos pela União Europeia.

A tentativa insistente de controlar e impedir o fluxo migratório atual na Europa, especialmente no que se refere à região do *Maghreb*, a alta tecnologia cada vez mais sofisticada para controle e espionagem sob o apelo da segurança nacional e o discurso da raça



e do nacionalismo unindo forças nas ideologias aliadas às medidas políticas têm nos mostrado que estamos vivendo período semelhante ao de Primo Levi, de Marc Bloch, de Lucie Varga, de Lucien Febvre, etc.

Para entender o contexto atual de crise e sua culpabilidade sobre os atuais fluxos migratórios é necessário revisitar os acontecimentos do século XX e, conjuntamente, investigar a genealogia da ideologia e da violência nazista que marcou o referido século.

Nota-se uma estreita semelhança entre os discursos racistas que hoje tomam a Europa pelo poder discursivo midiático e o discurso que penetrou a massa no início do século XX, representando a ideologia nazifascista.

Entender a genealogia de uma ideologia é não só reinterpretar o passado como é, sobretudo, perceber e interpretar os acontecimentos do tempo presente evitando que a História reproduza suas catástrofes e misérias.

O desenvolvimento da civilização industrial se dá à partir da união entre a aparição das máquinas industriais, grandes navegações e formação dos espaços urbanos com os processos colonizatórios.

Dans la vision du monde impérialiste véhiculée par la presse et par une riche iconographie populaire, la dichotomie entre civilisation et barbarie se concrétaise dans une image d'un bateau imposant, conduit par des Européens en uniforme colonial, qui descendait les gigantesques fleuves africains, au milieu d'un paysage fait de cabanes de paille, d'hommes nus à la peau noire, d'hippopotames et de crocodiles. (TRAVERSO, 2002, p. 56).

Foram contribuintes para esta visão de mundo imperialista as forças ideológicas unidas por algumas correntes de pensamento como o darwinismo social, a antropologia medical, a biologia racial, etc. (TRAVERSO, 2002).

Segundo o autor, o darwinismo social e seu determinismo biológico efetuam uma força de sentido ao entrelaçar sua capacidade discursiva e sua fundamentação das ciências médicas. A adoção dessa visão biologicamente determinante transfere elementos e movimentos do mundo natural para o mundo social. O início do século do XX é marcado pela transição da “seleção natural” para a “seleção artificial” das raças. Dito de outra forma, os genocídios e massacres ganham uma dimensão política e legal, e um espaço territorial legalizado para que sejam efetuados.



A hierarquização das raças humanas, demonstrará Traverso (2002), e a ideia da mestiçagem como declínio das raças superiores – aquela que foi pioneira no progresso científico e tecnológico - fortaleceram não só os processos “colonizatórios” culminando nos massacres dos povos indígenas, árabes, africanos negros, até o massacre dos judeus nos campos de concentração, como fortalece ainda hoje os discursos racistas que veiculam nas mídias e que respaldam a política atual, especialmente no caso europeu e em seu contexto atual de crise e parecem apontar para novos massacres.

A exterminação dos povos vencidos pelos processos civilizatórios tornou-se uma lei natural do desenvolvimento histórico. (TRAVERSO, 2002).

Com isto, toda crise pela qual passara e passará as “raças superiores” não se terá outra medida de equilibrar o descompassado ideológico e econômico a não ser pela Shoah, pelo sacrifício de povos a quem são conferidas características da “não-pessoas”, os quais passam por um processo ideológico e físico de desumanização para serem sacrificados, à memória dos exemplos dos “selvagens” africanos e indígenas ou mesmo da “vida nua” (AGAMBEM, 2004) experimentada pelos judeus, em sua maioria, nos campos de concentração.

Ce sont précisément cette volonté ‘régénératrice’, cette aspiration à un ordre mondial nouveau et à de nouveaux rapports de domination entre les hommes qui marquent le passage de l’idéologie de la décadence au vitalisme, de l’apologie de l’ordre traditionnel au culte de la modernité technique comme source de conquête et de pouvoir, qui, en d’autres termes, permettent la transition du conservatisme au fascisme. Le racisme biologique et de colonialisme connaissent alors un essor parallèle dans lequel deux discours complémentaires se superposent : la “mission civilisatrice” de l’Europe et “l’extinction” des “races inférieures”; en d’autres termes, la conquête par l’extermination. (TRAVERSO, 2002, p. 57).

Talvez o leitor tenha tido aqui a impressão de já ter lido estas linhas de análise em partes anteriores da tese. Certamente que sim. No entanto, não que a tese esteja se repetindo. Falávamos há algumas páginas atrás sobre a experiência de Lucie Varga, Febvre e Bloch. Falávamos sobre as suas impressões sobre suas experiências no começo do século XX, sobre o discurso da raça apropriado pelo nazismo, sobre perseguição e extermínio. Mas agora, falamos do início do século XXI e das impressões de alguns autores, como Traverso, sobre este tempo histórico. Isto, porque, ainda falamos das mesmas coisas.



Falávamos em 1930 de como a violência dos massacres da colonização foi prerrogativa constitutiva da gênese da violência nazista de que fala Traverso (2002). O imperialismo europeu que dominou povos e nações foi a base de poder para se efetuar o genocídio dos campos de concentração para os judeus, no século XX, como um projeto de purificação racial.

O que é de grande importância entender, à partir dos autores, é que o projeto de purificação racial tem suas raízes nos processos de colonização, parte fundamental do imperialismo ocidental. As concepções e práticas de exterminação dos povos e/ou raças denominadas inferiores para estas ideologias, ou mesmo a concepção de “nativo”, sobre a qual é conferida também uma dimensão hierárquica, toma a Europa do século XX sob a forma do darwinismo social que tornará possível agora a criação artificial da seleção, da dominação não só política e econômica, mas mental, moral e física. Esse é o princípio dos campos de concentração construídos para os judeus no início do século passado que parecem se recriar em eventos cotidianos da atualidade.

A figura do judeu, que mesmo não se enquadrando nas concepções de povos selvagens, sofreram um processo de desumanização. Após terem sido expropriados e terem tido seus bens materiais tomados, o que os tornou materialmente vulneráveis, foram lançados nos campos de concentração, espaço onde sofreram um processo de degradação moral e física, um processo de “descivilização” que os remetia a uma condição de animalidade. Os campos de extermínio europeus foram e continuam sendo espaço onde a degradação humana, logo, a desumanização é efetuada artificialmente. Em outras palavras, não só mais aqueles povos que não possuem uma cultura reconhecida como civilizada e, conseqüentemente, considerados naturalmente como raças inferiores são exterminados, mas agora qualquer povo pode ter sua inferiorização racial e sua condição de animalidade criada artificialmente, e não somente nos hospitais psiquiátricos, nas prisões, mas, sobretudo nos espaços dos campos de concentração.

A Europa de outrora, que estava verdadeiramente convencida de cumprir uma missão civilizatória, é a mesma de hoje, que se encontra ainda convencida de sua superioridade racial, moral, política, e que insiste em culpabilizar os fluxos migratórios pelo fracasso e declínio econômico europeu.



A mentalidade e a ideologia engajadas nos processos de colonização, produziram o nazifascismo dos campos de extermínio e produzem hoje os campos de reclusão de migrantes na Europa.

O evento ao qual chamamos Segunda Guerra Mundial foi, antes de ser uma guerra bélica, uma guerra ideológica. Durante muito tempo após este evento, pouco se falava ou se estudava por desejar compreender que o nazismo não foi um surto coletivo que, após o suicídio de Hitler, cessou, ficando isolado dentro de um espaço – a Europa – e um tempo – a primeira metade do século XX.

Podemos considerar que recentes são as iniciativas por demonstrar que o nazismo não nasceu com Hitler e, portanto, não morreu com ele. Concentrar o holocausto nas figuras do Judeu (enquanto bode expiatório) e de Hitler (enquanto origem e fim deste mal) significa desprezar o poder que a ideologia tem de se tornar um *Pogrom*, mas é também e, sobretudo, ignorar uma realidade atual que é a capacidade que, depois da Segunda Guerra, conquistamos de fazer novas vítimas de genocídios, novos bodes expiatórios.

O holocausto não deve se restringir à análise do massacre de judeus, bem como o *Pogrom* não deve se restringir ao nazismo de Hitler. A Segunda Guerra não foi um surto coletivo. Ela significou a persuasão de toda uma Europa para o mito da raça. O holocausto dos judeus não foi um ato isolado de Hitler e seus discípulos. O Holocausto representou a crença no Moderno, no Belo, e no Sonho (RICHARD, 1988). O nazismo foi um projeto detalhadamente pensado e elaborado para fazer prevalecer uma raça exterminando outra; para fazer permanecer uma pátria, uma nação - a nação alemã - exterminando aqueles que eram desenraizados. Um projeto de Modernidade com apoio científico do darwinismo que legitimará o violento processo de colonização, e também o holocausto dos judeus, baseado na atração pelo *Belo* (que é pautado na pureza, na não miscigenação) que teria os campos de extermínio como meio para a realização deste *Sonho*. (RICHARD, 1988)

Esta mesma mentalidade insiste em se permanecer no presente sob a forma da xenofobia e a islamofobia na Europa, mas também sob a forma radicalizada do racismo americano.

Schottler nos convida à lembrar Primo Levi para pensar este problema:

[...] la distinction entre le faux et le vrai perd progressivement ses contours et l'homme finit par croire entièrement au récit qu'il a fait si souvent et qu'il continue à faire encore...: la mauvaise foi initiale est devenue bonne foi...



Le passage silencieux du mensonge à autrui à celui qu'on se fait à soi-même est utile: qui ment de bonne foi ment mieux, joue mieux son rôle, est cru plus facilement par le juge, par l'historien, par le lecteur, par sa femme, par ses enfants. (LEVI, 1986, p. 26-27).

E, acrescentará Schöttler (2000, p.65), “*por seus assistentes e doutorandos*”!

Para os autores, recontar esta história tal como foi narrada até hoje, é mais que distorcer a realidade ou falseá-la à partir da omissão voluntária de fatos e testemunhos, é manter como verdadeira, oficial e legítima uma realidade social, uma história, uma historiografia fabricada pelo “povo de senhores nazistas” para bem empregar a categoria escolhida por Losurdo (2013) para classificar os *Herrenvolks* ou “*povo de senhores*”. Neste caso, o povo de senhores nazistas.

Para Losurdo (2013), o racismo presente nos processos colonizatórios, apropriado pelo regime nazista, está ainda presente nas democracias. Aponta o caso dos EUA como exemplo de democracia que serve apenas ao que vai chamar de “*povos de senhores*”. Destaca o fato de esta democracia impedir casamentos interracialis “[...] *mesmo depois da II Guerra Mundial, mesmo depois do esmagamento do III Reich, os Estados Unidos continuavam a ser um Estado racista. Por exemplo, em muitos estados dos EUA, havia leis que puniam muito severamente as relações sexuais e o casamento entre brancos e as outras ‘raças’.* Este Estado interferia muito duramente inclusive ao nível mais íntimo da vida pessoal.”

Ainda, para o autor,

O capítulo mais terrível da história do colonialismo foi o nazismo. O nazismo é a radicalização da tradição colonial. Basta ler os discursos de Hitler ou os textos de Rosenberg, o ideólogo do III Reich, que fala calorosamente do Estado racial dos Estados Unidos. O nazismo quer reduzir à escravatura ou exterminar os «Untermenschen», os sub-humanos, esses seres que têm a aparência de homens mas que não o são. O nazismo é o maior anti-universalismo. Até destruiu o conceito universal de homem. Existem os homens autênticos, os arianos, e os outros. Rosenberg chega a dizer que o universalismo é uma invenção da raça judaica. Se nos debruçarmos sobre a história do termo Untermensch, vemos que não foram os nazis que o inventaram. (LOSURDO, 2013, s/p).

Portanto, no que tange a esta pesquisa, este “*tournant linguistique*” que vai acontecer especialmente a partir da Terceira Geração da *Ecole des Annales* (mas que, como seguimos demonstrando, tem suas bases e origens já na geração de Bloch e Febvre) será importante para retirar a oficialidade de uma narrativa nazista, mas também racista impregnada de juízos de



valor que exerceram (e exercem) a função de justificar e legitimar essa realidade fabricada por estes fenômenos genocidas. Fica evidente que o ponto de partida dos intelectuais europeus para que este “*tournant linguistique*” viabilize uma nova narrativa é a Shoah. No entanto, a presente pesquisa defenderá que esta luta estenda-se para os demais massacres e condições de opressão e exploração de outros grupos humanos, que não só os judeus, mas os negros e índios (por uma nova história do período colonial e da atual situação dos negros e índios na sociedade), as mulheres (por uma nova narrativa que revele sua condição de opressão e exploração que perpassa todos os momentos da história da humanidade e que se perpétua, apesar das lutas), etc.

Uma nova narrativa elaborada à partir destes testemunhos da história, dessas vozes silenciadas nas grandes narrativas sugere, na opinião desta nossa pesquisa, não só uma nova perspectiva e um novo sentido da história, mas significa sobretudo retirar ou, ainda, combater o valor moral que foi imprescindível na construção da narrativa histórica hegemônica que justificou a exploração, a opressão e os genocídios da história contra as minorias, ou se preferirmos, contra aqueles que não são brancos, ou não são homens, ou não são heterossexuais, ou não são ocidentais (sobretudo europeus), ou, ainda, não são burgueses, mas que continuam presentes na realidade social da contemporaneidade.

Mudar o sentido da história, transmutar sua semântica, dotar sua narrativa de novos valores e tornar visível a presença daqueles que foram e continuam sendo oprimidos e exterminados é um passo importante para que a luta política das minorias seja realizada efetivamente. A narrativa histórica tem um papel fundamental neste processo de lutas e reivindicações que é, para nós, o de tornar visíveis aqueles que são invisíveis, tornar audíveis aqueles que são inaudíveis, tornar presentes aqueles que nunca existiram na história e na narrativa histórica oficial. Dito de outra forma, reconhecê-los como membros da humanidade e sujeitos históricos e de direito.

Os grupos humanos oprimidos precisam ter história, e fazê-la reconhecida, para garantir a luta enquanto sujeitos históricos. Os grupos, a classe, os movimentos sociais devem ser reconhecidos enquanto sujeitos históricos, enquanto parte realizadora da história. Para isso, a presente pesquisa defende a apropriação da historiografia, esta mesma hegemônica, não só para que se façam presentes e visíveis no espaço histórico-narrativo daqueles que não os quer enxergar, mas para que a mudança histórica e da realidade social, bem como a moralidade que perpassa esta história e esta narrativa histórica hegemônicas seja dada e



reconstruída no espaço onde foi construída e realizada de forma voluntariamente omissa, trágica, catastrófica, racista e conservadora.

A tomada, a apropriação do espaço histórico branco, burguês, europeu, masculino e hetero deve sim, na opinião desta pesquisa, ser efetuado por aqueles que foram neste espaço não só minimizados real e moralmente como também foram minimizados de sua existência chegando no ponto mais extremo do processo de desumanização, a saber, o seu extermínio.

A presença destes sujeitos históricos na historiografia prevê uma mudança na semântica da narrativa, uma mudança na significação e reconstrução da moralidade presente na narrativa (que vai inclusive impactar os processos políticos), uma mudança da perspectiva histórica (que preza pela revelação em detrimento da omissão), é uma mudança do senso da história que até hoje nos mostrou que a historia caminha na direção da degradação e desumanização, exploração e extermínio daqueles que não têm lugar dentro dela.

Logo, a nossa tese acentua o ponto de vista de que a não incorporação destes sujeitos na narrativa histórica sela o compromisso com a vida nua, com os limites violentos e injustos da existência (que modela uma realidade social confusa e desprovida de transcendência), com o extermínio. Em combate a todo este processo é imprescindível o reconhecimento da existência pela narrativa histórica que fará das minorias sociológicas sujeitos históricos pela força da sua própria palavra, do seu testemunho, da sua própria história.

Na complexa e sempre trágica realidade social desenvolvida na modernidade, a função da narrativa histórica hoje, ressaltamos, é revelar o quão complexo é o território da história forjado pelas diversas formas de vida, grupos e classes sociais, bem como tornar sempre mais claro o resultado dos processos sociais que ordenam a realidade segundo a vontade e o poder dos povos dos senhores (LOSURDO, 2013), bem ao contrário do que nos ofereceram as narrativas oficiais da história que antecederam o século XX, mantiveram-se nele e insistem e se fazer perpetuar. Em combate a todo este processo é imprescindível que a narrativa histórica reconheça o valor e a dignidade de existência das chamadas *minorias*, contribuindo, assim, para que enquanto sujeitos históricos possam ser ouvidos pela força da sua própria palavra, do seu testemunho, da sua própria história. Logo, defendemos que a função da narrativa histórica é buscar sempre novas formas de orientação e de sentido para aqueles que no tempo histórico do presente, possam apreender com as experiências sociais ocorridas no passado, evitando que o curso do agora seja a repetição, em novas formas, da violência, da tragédia e da catástrofe.



Neste sentido é que consideramos de fundamental importância a interlocução da Memória e da História contra o esquecimento ou, ainda, a omissão na narrativa histórica. Este é o papel do sério diálogo entre memória e história, de seu trabalho conjunto. O esquecimento é sintomático de uma geração que passou pela catástrofe, uma vez que esta produziu – para além da gravidade do extermínio – o trauma (CAMPOS, 2012) daquele que sobreviveu a ela, bem como dos familiares e próximos e de toda geração que carrega a “marca” de uma descendência vulnerável à degradação humana. O esquecimento é também sintomático de uma geração que vê sangue impregnado em suas mãos, um sangue que não quer sair, não importa quantas vezes tentemos lavá-lo. O esquecimento é também sintomático de uma geração que não quer confrontar-se com a realidade de foi e é capaz de criar e recriar os processos de degradação humana e extermínio. O esquecimento é, por fim, sintomático de uma geração que não quer se responsabilizar pelo passado e nem pela sua reincidência no presente.

Por isso, a memória e o testemunho daquele que sobreviveu a todas as formas de degradação humana, seja pela via moral, pela via política, social e de direito, ou todas elas juntas, chegando à sua máxima que é a sua inexistência pelo extermínio, devem ser contemplados na narrativa histórica da contemporaneidade. Pelo direito a ter uma história, pelo direito de existir na história, pelo direito de ser reconhecido na e pela história enquanto membro dela, pelo direito de contar a sua história e ter reconhecida a sua versão da história e, não menos importante, para que a catástrofe dos processos que vivemos parem de reincidir no presente. O esquecimento e a omissão dos subterrâneos desta história catastrófica, que desumaniza, degrada e exclui são, sobretudo, aliados na guerra ideológica que justifica, por sua vez, a guerra de uns contra os outros. A narrativa histórica deve ter hoje a responsabilidade de confrontar-se e combater o esquecimento e a omissão para, assim, romper com a moral intrínseca às narrativas dos “povos de senhores” (LOSURDO, 2013) que justificaram e continuam justificando a criação dos espaços da vida nua.

Entendemos que a memória, bem como a narrativa de testemunho são aliados na luta contra as forças brutas da história que operaram no passado, que insistem em permanecer no presente e se perpetuar. A narrativa histórica guiada por este novo senso é, na nossa opinião, uma forma de resistência. É uma forma de resistir à força e vontade da brutalidade da história e da humanidade. É também tomar para si as rédeas da sua história, da sua realidade social, da sua condição de existência.



A narrativa histórica à partir da perspectiva do sobrevivente, do excluído, do oprimido, do explorado, do perseguido, do torturado, ou seja, à partir do paradigma do testemunho e da memória com tudo o que este representa prevê, para além de todos os resultados que apresentamos acima, o reestabelecimento de vínculos destes grupos - hostilizados, degradados e desumanizados nos processos históricos – com a sociedade que não os reconhece. Uma espécie de “reconciliação” através do exercício narrativo de introduzir de quem viveu e vive a catástrofe e a miséria humana aquele que não quer vê-la, seja na miséria cotidiana da vida, seja nos grandes episódios da história em que esta miséria se maximizou, à exemplo dos campos de concentração. De acordo com SELIGMANN (2008),

Sabemos que dentre os sonhos obsessivos dos sobreviventes consta em primeiro lugar aquele em que eles se viam narrando suas histórias, após retornar ao lar. Mas o próprio Levi também narrou uma versão reveladora deste sonho, que ficou conhecida, na qual as pessoas ao ouvirem sua narrativa se retiravam do recinto deixando-o a sós com as suas palavras. A outridade do sobrevivente é vista aí como insuperável. A narrativa teria, portanto, dentre os motivos que a tornavam elementar e absolutamente necessária, este desafio de estabelecer uma ponte com “os outros”, de conseguir resgatar o sobrevivente do sítio da outridade, de romper com os muros do Lager. A narrativa seria a picareta que poderia ajudar a derrubar este muro. A circulação das imagens do campo de concentração que se inscreveram como uma queimadura na memória do sobrevivente, na medida em que são aos poucos traduzidas, Über-Setzte, transpostas, para “os outros”, permite que o sobrevivente inicie seu trabalho de religamento ao mundo, de reconstrução da sua casa. Narrar o trauma, portanto, tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer.(SELIGMANN, 2008, p. 66).

Ao longo deste texto de conclusão abordamos as desarmonias das vozes que clamam a memória e as que clamam a história. Vimos que, em dado momento, a Memória outrora soterrada sob os escombros da História ressurgiu avidamente em disputa com esta. Vimos que ambas são igualmente importantes e que são fortes apenas quando em uníssono. Mas para harmonizar este coro que as compõe é necessário um elemento: o testemunho.

Entendemos aqui que, para além dos problemas da narração do trauma, do seu caráter ficcional ou irreal (CAMPOS, 2012), como insistem ainda muitos historiadores, o testemunho constitui o elo de harmonia entre a memória e a história. Entendemos, assim como Seligmann, que o testemunho é o único capaz de elevar o sobrevivente (seja ele sobrevivente do extermínio, ou o sobrevivente dos eventos cotidianos que se assemelham com os eventos do campo, como o negro, a mulher, os índios, no caso brasileiro) da sobre-vida para a vida e de



reconectá-lo a ela. Para esta pesquisa, o testemunho é o único elemento, dentro da história e da memória, capaz de garantir a continuidade da vida e o também o único elemento capaz de devolver o seu sentido.

A narrativa histórica deve ser capaz de revelar que não há um único senso e direção para a história, mas direções e sentidos que possam ser capazes de conviver com a alteridade e diversidade que forma a vida humana.

Neste sentido, a narrativa histórica não apenas contribui para que as tragédias do passado não se repitam e que o passado possa ser desvendado em suas dinâmicas sociais. A força maior que pode ser construída pela narrativa histórica é a de libertar o presente dos grilhões do passado, voltando a face humana para uma efetiva e consciente compreensão contemporânea: aquela que sabe, porque é mais consciente e sensata, que deve ser artífice responsável de si mesma e da humanidade.



REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. “O que significa reelaborar o passado” In: *Intervenciones*, Caracas: Monte Ávila, 1969.
- AGAMBEN, G. *Ce qui reste d'Auschwitz, L'archive et le témoin Homo Sacer III*, Traduit de l'italien par Pierre Alferi, Paris : Editions Payot & Rivages, 2003 ;
- _____ Estado de Exceção ; tradução de Iraci D. Poleti, São Paulo: Editora Boitempo, 2004;
- ANDERSON, P. *As origens da pós-modernidade*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____ *O fim da história: de Hegel a Fukuyama*, tradução de Álvaro Cabral, Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- ARAGÃO, L.M. de C. Razão Comunicativa e teoria social crítica em Jürgen Habermas. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1992.
- AUERBACH, E. *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.
- BENSOUSSAN, G., DREYFUS, J.M., HUSSON, E., KOTEK, J. *Dictionnaire de la Shoah*, Paris : Larousse, 2009
- BLOCH, M. *Introdução à História*, Lisboa: Europa-América, 1965.
- _____, *Réflexions d'un historien sur les fausses nouvelles de la guerre*, Paris: Editions Allia, 2007
- BODEI, R. *A história tem um sentido?* tradução de Reginaldo Di Piero, Bauru, SP: Edusc, 2001.
- _____ *Libro della memoria e della speranza*. Bologna: Il Mulino, 1994.
- _____ *Destini personali. L'età della colonizzazione delle coscienze*. Milano: Feltrinelli, 2003.
- BOSI, Antônio de Pádua. A escola metódica revisitada. Espaço Plural, Ano VI - Nº 12 - 1º Semestre 2005.
- BRAUDEL, F. *Gramática das Civilizações*; tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____ *Escritos sobre historia*; tradução de Angelina Martín Del Campo, México: Fondo de Cultura Económica, 1991.
- _____ *Civilização Material, Economia e Capitalismo – Séculos XV-XVIII – O tempo do mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, v.III;
- BURKE, P. *A Escola dos Annales 1929 – 1989: A Revolução Francesa da historiografia*, São Paulo: Editora Unesp, 1997;
- CAMPOS, L. *Fictions de l'après: Coetzee, Kertész, Sebald – Temps et contretemps de la conscience historique*, Paris : Classiques Garnier, 2012 ;



- CANFORA, L. *Storici e storia*. Torino: Nino Aragno, 2003;
- DOSSE, F. *A História em migalhas: dos Annales à Nova História*; tradução Dulce da Silva Ramos. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 1992.
- _____, *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*, tradução Ivone Castilho Benedetti, São Paulo: Ed. UNESP, 2001 ;
- _____, *A História*, Tradução: Roberto Leal Ferreira. - 1.ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2012;
- DOSSE, F., DELACROIX, C. Et GARCIA, P., *Les courants historiques en France XIXème-XXème siècle*, Paris : Editions Armand Colin, 2007 ;
- _____, *Historiographies, I Concepts et débats*, Paris : Editions Gallimard, 2010 ;
- DUBY, G. *A história continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: Ed. UFRJ, 1993.
- DUBY, G., ARIÈS, P., LADURIE, E. Le Roy, LE GOFF, J. *História e Nova História*; tradução Carlos da Veiga Ferreira, Lisboa: Editora Teorema, 1986.
- EAGLETON, T. *Ideologia – Uma Introdução*, São Paulo: Editora Unesp: Editora Boitempo, 1997.
- _____, *A Idéia de Cultura*, São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- _____, *As Ilusões do Pós-modernismo*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998;
- FEBVRE, L. *Combats pour l'Histoire*. Paris : Librairie Armand Colin, 1953.
- _____, *Combats pour l'Histoire*. Paris : Librairie Armand Colin, 1992.
- _____, *Le problème de l'incroyance au XVIème siècle*. Paris : Albin Michel, 1962.
- _____, *Martin Lutero : un destin*. México : Fondo de Cultura Economica, 1956.
- _____, « *L'histoire dans le monde en ruines* », Revue de Synthèse Historique, t. XXX, n° 88, 1920, p. 1-115.
- FERRO, M. *Le livre noir du colonialisme – XVI-XXIème siècle : de l'extermination à la repentance*, Paris : Fayard/Pluriel 2010 ;
- HABERMAS, J. Que significa socialismo hoje? Revolução recuperadora e necessidade de revisão da esquerda. In *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, julho/1991.
- HARTOG, F. *Régimes d'historicité, Présentisme et expériences du temps*, Paris : Editions du Seuil, 2012
- _____, *Evidence de l'histoire, Ce que voient les historiens*, Paris : Gallimard, 2005 ;
- _____, *O Espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do outro*, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- HARVEY, D. *Condição Pós-moderna*, São Paulo: Ed. Loyola, 2008.



HELLER, A. *A condição política pós-moderna*; tradução Marcos Santarrita, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. *Uma teoria da história*; tradução de Dilson Bento de Faria Ferreira Lima, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

HOBBSBAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 2ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

_____. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JAMESON, F. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *A Virada Cultural: reflexões sobre o pós-moderno*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Ed. 70, 1997.

_____. *Crítica da Razão Pura*. Trad. J. Rodrigues de Mereje. São Paulo: Brasil, 1958.

KOSELLECK, R. *Expérience de l'histoire* ; traduit de l'allemand par Alexandre Escudier. Paris : Gallimard/Seuil, novembre/1997 ;

_____, *Futuro Passado, Contribuições à semântica dos tempos históricos* ; tradução do original alemão: Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC Rio, 2006;

KRACAUER, S. *L'histoire des avant-dernières choses*, Traduit de l'anglais par Claude Orsoni, Paris : Editions Stock, 2006 ;

LE GOFF, J., NORA, P. *História*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, v.3

Le GOFF, J. *Histoire et Mémoire*, Paris : Editions Gallimard, 1988

LE RIDER, J. *A Modernidade Vienense e as crises de identidade*, Tradução: Elena Gaidano, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1992;

LEVI, P. *Si c'est un homme* ; traduit de l'italien par Martine Schruoffenegger. Paris : Julliard, 1987 ;

LOSURDO, D. Entrevista publicada, em 29 de Abril, no site do jornal Solidaire. Tradução do francês da responsabilidade da redação do Avante! Original em:

(http://www.ptb.be/index.php?id=1326&tx_ttnews%5btt_news%5d=34548&cHash=5f68c62752139c2e36ebbc47f6f6e5cc) IN:

http://grabois.org.br/portal/noticia.php?id_sessao=10&id_noticia=12389

MANNHEIM, K. *O homem e a sociedade: estudos sobre a estrutura social moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

_____, *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.



MARRAMAO, G. *Tras Babel: identidad, pertenencia y cosmopolitismo de la diferencia*, Santiago de Chile: CEPAL, 2009.

MISKOLCI, R. *Thomas Mann, o artista mestiço*. São Paulo: Annablume, 2003.

MULLER, B. *BLOCH, M. et FEBVRE, L. Correspondances. La naissance des Annales 1928-1933*, Tome I ; Edition établie, présentée et annotée par Bertrand Müller, Paris : Fayard, 2003.

_____, *BLOCH, M. et FEBVRE, L. Correspondances. De Strasbourg à Paris 1934-1937*, Tome II ; Edition établie, présentée et annotée par Bertrand Müller, Paris : Fayard, 2003.

_____, *BLOCH, M. et FEBVRE, L. Correspondances. Les Annales en crise 1938-1943*, Tome III; Edition établie, présentée et annotée par Bertrand Müller, Paris : Fayard, 2003.

_____, « *Histoire Traditionnelle* » et « *Histoire Nouvelle* » : un bilan de combat de Lucien Febvre. *Revue Genèses*. Volume 34, Numero 34: Paris : Calmann-Lévy, 1999, p.132-143. Disponivel na Internet : <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/revue/genes> ISSN: 1776-2944.

_____, "*Une espèce de petite révolution intellectuelle*" : la correspondance Bloch-Febvre. *Revue Espace Temps*. Volume 59, Numero 1, 1995, p.123-129. Disponivel na Internet : <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/revue/espat>

_____, « *Problèmes contemporains* » et « *hommes d'action* » à l'origine des annales. *Une correspondance entre Lucien Febvre et Albert Thomas (1928-1930)*. In: Vingtième Siècle. *Revue d'histoire*. N°35, juillet-septembre 1992. pp. 78-91. Disponivel na Internet : http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/xxs_0294-1759_1992_num_35_1_2569 ISSN: 1950-6678.

MOTA, C. G. *LUCIEN FEBVRE Historia*; organizador (da coletânea); tradução de Adalberto Marson, Paulo de Salles Oliveira e Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo: Atica, 1978.

NOIRIEL, G. *Immigration, antisémitisme et racisme en France (XIX-XXème siècle) Discours publics, humiliations privées*, Paris : Hachette, 2007 ;

OUTHWAITE, W. & BOTTOMORE, T. *Dicionario do pensamento Social do Século XX*; consultoria de Ernest Gellner, Robert Nisbet, Alain Touraine; editoria da versão brasileira: Renato Lessa, Wanderley Guilherme dos Santos; tradução de Eduardo Francisco Alves, Alvaro Cabral – Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1996.

POLÍBIO. *História universal bajo la república romana*; tradução: Juan Díaz Casamada. Barcelona: Editora Iberia, 1968.

RICHARD, L. *A Republica de Weimar*, Editora Paz e Terra, 1988 ;

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*, Tradução: Alain François, Campinas: Editora da Unicamp, 2007;

_____, *Histoire et Vérité*, Paris: Editions du Seuil, 1955;

RUSCIO, A. et MOUSSAOUI, R., *L'Humanité Censuré 1954-1962 – Un quotidien dans la guerre d'Algérie*, Paris : Cherche-Midi, 2012

SABBAGH, A. *Lettres de Drancy*, Document: textes réunis et présentés par Antoine Sabbagh, Paris : Editions Tallandier, 2002



SCHORSKE, C. *Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

_____, *Viena fin-de-siècle: política e cultura*, Cia das Letras/Ed. Unicamp, 1988.

SCHÖTTLER, P. *Lucie Varga, les autorités invisibles : Une historienne autrichienne aux Annales dans les années trente*. Paris : Cerf, 1991.

_____, *Mentalités, Ideologies, Discours. Sur la thematisation socio-historique du « troisième niveau »* IN : Alf Lüdtke. *Histoire du quotidien*, Paris : Ed. de la Maison de science de l'homme, 1994.

_____, *Le Rhin comme enjeu historiographique dans l'entre-deux-guerres. Vers une histoire des mentalités frontalières*. *Revue Genèses*. Volume 14, Numero 14: Paris : Calmann-Lévy, 1994, p.63-82. Disponivel na Internet : <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/revue/genes> ISSN: 1776-2944.

_____, *Marc Bloch et Lucien Febvre face à l'Allemagne nazie*. *Revue Genèses*. Volume 21: Paris : Calmann-Lévy, 1995, p.75-95. Disponivel na Internet : <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/revue/genes> ISSN: 1776-2944.

_____, *De l'histoire régionale à l'histoire du peuple nazie ou « la voix inaudible du sang »*. *Revue Sociétés Contemporaines*. Volume 39, Numero 1 : Paris : 2000, p. 61-78. Disponivel na Internet : <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/revue/socco> ISSN: 1950-6899.

SEIGNOBOS, Charles. *História Comparada de Los Pueblos de Europa*. 3. ed., Buenos Aires: Losada, 1947.

SELIGMANN-SILVA, M. *Narrar o trauma – a questão dos Testemunhos de catástrofes históricas*. *Revista Psicologia Clinica*, Volume 20, Numero 1, Rio de Janeiro: 2008, p.65-82. Disponivel na Internet: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf>

SEVCENKO, N. *A Corrida para o Século XXI: no Loop da Montanha Russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

STORA, B. *La Guerre d'Algérie expliquée à tous*, Paris : Editions du Seuil, 2012

STORA, B., ROCHEBRUNE, R., *La Guerre d'Algérie vue par les Algériens – Les temps des Armes (Des origines à la bataille d'Alger)*, Paris : Editions Denoël, 2011 ;

TODOROV, Tzvetan. *O Jardim Imperfeito : o pensamento humanista na França*; tradução Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Editoria da Universidade de São Paulo, 2005.

TRAVERSO, E. *L'histoire comme champ de bataille, Interpréter les violences du XXème siècle*, Paris : La Découverte, 2012 ;

_____, *La violence nazie. Une généalogie européenne*, Paris : La Fabrique, 2002 ;

_____, *Le Totalitarisme. Le XXème siècle en débat, textes réunis et présentés par E. Traverso*, Paris : Editions Seuil, 2001 ;

_____, *À feu et à sang. La guerre civile européenne 1914-1945*, Paris : Hachette, 2009 ;

_____, *O passado, modos de usar. Historia, Memoria e Política*, Tradução: Tiago Avo, Portugal: Unipop, 2012;



VIDAL, D. *Shoah, génocides et concurrences des mémoires*, Paris : Editions du Cygne :
Collection Recto Verso, 2012 ;

VIDAL-NAQUET, P. *Mémoires 1. La brisure et l'attente (1930-1955)*. Paris : Editions du
Seuil/La Découverte, 2007 pour la préface inédite par François Hartog ;

_____, *Mémoires 2. Le trouble et la lumière (1955-1998)*, Paris : Editions du Seuil/La
Découverte, 1998.

